



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

**PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BACHARELADO EM
ANTROPOLOGIA**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

SUMÁRIO

1.	INFORMAÇÕES INSTITUCIONAIS.....	6
1.1.	MANTENEDORA.....	6
1.2.	MANTIDA	6
1.2.1.	Identificação	6
1.2.2.	Atos Legais de Constituição	6
1.2.3.	Dirigente Principal da Mantida	7
1.2.4.	Dirigentes da Universidade Federal do Oeste do Pará	7
1.2.5.	Histórico da Universidade Federal do Oeste do Pará	8
1.2.6.	Missão Institucional	11
1.2.7.	Visão Institucional	11
1.2.8.	Princípios Norteadores	11
2.	INFORMAÇÕES DO CURSO	12
2.1.	DADOS GERAIS DO CURSO	12
2.2.	JUSTIFICATIVA DO CURSO	12
2.3.	INSERÇÃO INSTITUCIONAL.....	13
2.4.	OBJETIVOS DO CURSO	15
2.4.1.	Objetivo Geral	15
2.4.2.	Objetivos Específicos	15
2.5.	FORMA DE INGRESSO NO CURSO E PROGRESSÃO ACADÊMICA.....	16
2.5.1.	Cotas	17
2.6.	PERFIL DO EGRESSO.....	17
2.7.	COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DO EGRESSO	18
2.8.	ORGANIZAÇÃO CURRICULAR	18
2.9.	COMPONENTES CURRICULARES	20
2.10.	EMENTÁRIO E BIBLIOGRÁFICA.....	23
2.10.1.	Bibliografia Básica	23
2.10.2.	Bibliografia Complementar	23



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

2.10.3.	Periódicos Especializados	24
2.11.	ATIVIDADES COMPLEMENTARES	24
2.11.1.	Objetivos	24
2.11.2.	Carga Horária	25
2.11.3.	Avaliação Discente	25
2.11.4.	Descrição das Atividades Complementares	25
2.11.5.	Atividades de Curso	27
2.11.6.	Atividades de Sala de Aula	27
2.11.7.	Atividades de Trabalho de Campo	27
2.12.	ESTÁGIO CURRICULAR	28
2.13.	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	28
2.13.1.	COORDENAÇÃO E DEFESA DO TCC	29
2.13.2.	SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DO CURSO	29
2.14.	PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO CURSO DE ANTROPOLOGIA	30
2.14.1.	Avaliação da Estrutura Curricular do Curso	30
2.14.2.	Avaliação Docente	30
2.15.	SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM DISCENTE	31
2.16.	PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA.	33
2.16.1.	Políticas de Ensino	33
2.16.2.	Políticas de Extensão	34
2.16.3.	Políticas de Pesquisa	35
2.17.	ORGANIZAÇÃO ACADÊMICO ADMINISTRATIVA E RECURSOS HUMANOS	36
2.17.1.	Direção do Instituto	36
2.17.2.	Coordenação de Curso	37
2.17.3.	Experiência profissional, de magistério superior e de gestão acadêmica do(a) coordenador(a).	38
2.17.4.	Regime de trabalho do(a) coordenador(a) do curso	38
2.17.5.	Secretaria Acadêmica	38



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

2.17.6.	Descrição Geral das Atribuições da Secretaria Acadêmica	39
2.17.7.	Secretaria Administrativa e Secretaria Executiva	41
2.17.8.	Patrimônio e materiais de consumo:	42
3.	DOCENTES	44
3.1.	QUADRO DE TITULAÇÃO E FORMAÇÃO ACADÊMICA DOCENTE	44
3.2.	QUADRO DE PROFESSOR POR DISCIPLINA	45
3.3.	Disciplinas Optativas de Formação Específica Oferecidas até o semestre 2014/1 pelos Professores do PAA	49
3.4.	Núcleo Docente Estruturante – Composição do NDE	51
4.	INFRAESTUTURA	53
4.1.	SALAS DE AULA	53
4.2.	INSTALAÇÕES PARA DOCENTES DO CURSO	53
4.3.	INSTALAÇÕES PARA COORDENAÇÃO DO CURSO	54
4.4.	AUDITÓRIOS	54
4.5.	BIBLIOTECA	55
4.6.	LABORATÓRIOS	56
4.6.1.	Laboratórios de Informática	56
4.7.	CONDIÇÕES DE ACESSO PARA PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS	56
4.8.	INFRAESTRUTURA DE SEGURANÇA	57
4.9.	APOIO AOS DISCENTES	58
5.	ATO AUTORIZATIVO	61
6.	REPRESENTAÇÃO GRÁFICA PERFIL DE FORMAÇÃO	63
7.	DISCIPLINAS OPTATIVAS DE FORMAÇÃO ESPECÍFICA DO CURSO DE ANTROPOLOGIA:	67
8.	ANEXOS	70
8.1.	MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA	71
8.2.	PORTARIA Nº 141, DE 19 DE FEVEREIRO DE 2013 - Autoriza a criação e a oferta do Curso de Bacharelado em Antropologia na sede da Universidade Federal do Oeste do Pará	220
8.3.	RESOLUÇÃO nº 27 DE 08 DE OUTUBRO DE 2013.	221



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

ESTÁGIO CURRICULAR

1. INFORMAÇÕES INSTITUCIONAIS

1.1. MANTENEDORA

Mantenedora:	Ministério da Educação								
CNPJ:	00.394.445/0003-65								
End.:	Esplanada dos Ministérios, Bloco L.							n.	s/n
Bairro:	Zona Cívico-Administrativa	Cidade:	Brasília	CEP:	70.047-900	UF	DF		
Fone:	(61) 2022-7828 / 7822 / 7823 / 7830								
E-mail:	gabinetedoministro@mec.gov.br								

1.2. MANTIDA

1.2.1. Identificação

Mantida:	Universidade Federal do Oeste do Pará								
CNPJ:	11.118.393/0001-59								
End.:	Av. Marechal Rondon							n.	s/n
Bairro:	Caranazal	Cidade:	Santarém	CEP:	68040-070	F:	Pará		
Telefone:	(93) 21016502			fax:	(93) 21016506				
E-mail:	reitoria@ufopa.edu.br / gabinete@ufopa.edu.br								
Site:	www.ufopa.edu.br								

1.2.2. Atos Legais de Constituição

Dados de Credenciamento

Documento/Nº:	Lei 12.085, de 06 de novembro de 2009
Data Documento:	05 de novembro de 2009
Data de Publicação:	06 de novembro de 2009

1.2.3. Dirigente Principal da Mantida

Mantida:	Universidade Federal do Oeste do Pará						
CNPJ:	11.118.393/0001-59						
End.:	Av. Marechal Rondon					n.	s/n
Bairro:	Caranazal	Cidade:	Santarém	CEP:	68040-070	F:	Pará
Telefone:	(93) 21016502			fax:	(93) 21016506		
E-mail:	reitoria@ufopa.edu.br / gabinete@ufopa.edu.br						
Site:	www.ufopa.edu.br						

1.2.4. Dirigentes da Universidade Federal do Oeste do Pará

Reitor: Raimunda Nonata Monteiro da Silva

Vice-Reitor: Anselmo Colares

Presidente do Conselho Superior: Raimunda Nonata Monteiro da Silva

Pró-Reitor de Ensino de Graduação: Maria de Fátima Sousa Lima

Pró-Reitor de Planejamento Institucional: Prof. DSc. Edson Akira Asano.

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: Profª DSc. Izaura Cristina Nunes Pereira.

Pró-Reitor de Gestão Estudantil: Prof. DSc. Raimundo Valdomiro de Sousa.

Pró-Reitor de Administração: Sylmara de Melo Luz

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica: Sérgio de Melo

Pró-reitor de Comunidade, Cultura e Extensão: Thiago Vieira

Diretor do Instituto de Ciências da Sociedade: Maria Marlene Escher Furtado

Coordenador do Programa de Antropologia e Arqueologia: Lucybeth Camargo de Arruda

1.2.5. Histórico da Universidade Federal do Oeste do Pará

A **Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)** foi criada pela Lei nº 12.085, de 5 de novembro de 2009, sancionada pelo Presidente da República em Exercício José Gomes Alencar da Silva e publicada no Diário Oficial da União (DOU) em 6 de novembro de 2009. É uma instituição de natureza jurídica autárquica, vinculada ao Ministério da Educação (MEC), com o objetivo de ministrar o ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas do conhecimento e promover a extensão universitária. É a primeira instituição federal de ensino superior com sede no interior da Amazônia brasileira, cuja sede está localizada na cidade de Santarém-Pará, terceira maior população do Estado.

É uma universidade multicampi, além de Santarém, foi pactuado com o MEC a implantação de campus nos municípios de Alenquer, Itaituba, Juruti, Monte Alegre, Óbidos e Oriximiná. Em Santarém, existe o Campus Rondon, antigo campus da UFPA e a Campus Tapajós, antigo Núcleo Interinstitucional de Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (NDSA), onde funcionava a Unidade Descentralizada da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA Tapajós) e o Campus Amazônia, localizado em espaço alugado.

A história da UFOPA inicia com o processo de interiorização dos cursos de graduação da Universidade Federal do Pará (UFPA) em Santarém, efetivamente em 1971, pelo Núcleo de Educação da Universidade Federal do Pará, criado em 14 de outubro de 1970 (Resolução nº 39/1970 – CONSEP–UFPA). Inicialmente, foram ofertados cursos de licenciaturas de curta duração, no período de 1971 a 1973, cujas atividades de ensino foram desenvolvidas na Escola Estadual de Ensino Médio Álvaro Adolfo da Silveira.

O Núcleo de Educação foi reativado em 1980, proporcionando que, no período de 1980 a 1983, fossem realizados novos cursos de licenciatura de curta duração e cursos de complementação de estudos para os professores da rede básica de ensino que já possuíssem a licenciatura de curta duração. Posteriormente, um convênio realizado entre a UFPA e a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) – em 1983 – possibilitou o

início do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. As atividades referentes a este curso foram desenvolvidas na Escola Municipal Everaldo de Souza Martins, cedida à UFPA pela Prefeitura Municipal de Santarém, onde hoje funciona a Unidade Rondon da UFOPA.

Em janeiro de 1987 a UFPA começou o processo de interiorização por meio de 8 (oito) campus universitários em municípios considerados polos de desenvolvimento do Pará: Abaetetuba, Altamira, Bragança, Cametá, Castanhal, Marabá, Santarém e Soure. Em cada um deles foram implantados cinco cursos de Licenciatura Plena – Matemática, Letras, Geografia, História e Pedagogia –, todos iniciados em janeiro de 1987. Estabeleceu-se também que os campi teriam como abrangência os 143 (cento e quarenta e três) municípios paraenses. Todos os campi da UFPA foram criados na expectativa de, no futuro, serem transformados em Universidades. Além disso, os cursos lá disponíveis inicialmente funcionavam no período intercalar, com os professores sendo deslocados do campus de Belém.

Com a finalidade de dar um caráter permanente às ações da UFPA no município de Santarém, no princípio da década de 90, deu-se início à implantação de cursos em caráter permanente, com corpo docente próprio.

Em 2000, foi elaborado um projeto de transformação do Campus Universitário da UFPA em Santarém no Centro Universitário Federal do Tapajós, como estratégia para criação da Universidade Federal do Tapajós.

No ano de 2003 começou o processo de interiorização da UFPA com a criação da Unidade Descentralizada do Tapajós (UFPA Tapajós). O Campus da UFPA Tapajós começou a funcionar nas instalações do Centro de Tecnologia Madeireira (CTM) da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), o qual em 20/12/2005 passou a ser denominado de NDSA.

Em 2006, foi apresentado um Projeto Legislativo no Senado Federal, com o objetivo de criar duas Universidades Federais nos Estado do Pará, sendo uma com sede em Santarém e outra com sede em Marabá.

Em solenidade comemorativa aos 50 anos da Universidade Federal do Pará, ocorrida no Teatro da Paz em Belém-Pará, em 2 de julho de 2007, o então Reitor Alex Fiúza de Melo entregou ao Ministro da Educação Fernando Haddad o projeto de criação e implantação da Universidade Federal do Oeste do Pará. Posteriormente, os Ministros da Educação Fernando

Haddad e do Planejamento Paulo Bernardo da Silva encaminharam a Exposição de Motivos Interministerial nº 332/2007/MP/MEC ao Exmo. Senhor Presidente da República em 11 de dezembro de 2007. Isso possibilitou que, em fevereiro de 2008, o Projeto de Lei - PL 2879/2008 propondo a Criação da UFOPA fosse enviado ao Congresso Nacional.

A SESU/MEC instituiu a Comissão de Implantação da UFOPA, pela Portaria nº 410, de 3 de junho de 2008, com a finalidade de realizar estudos e atividades para o planejamento institucional, a organização da estrutura acadêmica e curricular, administração de pessoal, patrimônio, orçamento e finanças, visando atender os objetivos previstos no Projeto de Lei nº 2879/2008. O Ministro da Educação instalou a comissão e empossou o seu presidente, Prof. Dr. José Seixas Lourenço, no dia 4 de julho de 2008.

Nesta mesma data, foi instituído um Conselho Consultivo integrado pelo Governo do Estado do Pará (Vice-Governador, SEDECT, FAPESPA, SEDUC, SEPAQ, SIDS e IDEFLOR), Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia – SUDAM, Banco da Amazônia, UFPA, UFRA e Prefeitura Municipal de Santarém, que prestou primoroso apoio à Comissão de Implantação.

Durante todo o processo de implantação da UFOPA, foi realizada uma ampla discussão com a comunidade acadêmica local e regional, dentre as quais destacamos os Seminários realizados em Santarém, nos dias 14 e 15 de agosto de 2008, denominados “Pensando em uma Nova Universidade, modelos inovadores de formação de recursos humanos” e “Santarém: Polo de Conhecimento, catalisador do desenvolvimento regional”. Participaram desse Seminário Reitores e Dirigentes das mais destacadas instituições de ensino e pesquisa do país, dirigentes da Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESU/MEC), Coordenação de Aperfeiçoamento de Ensino Superior (CAPES/MEC), Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Academia Brasileira de Ciências (ABC), Governo do Estado do Pará, Prefeitura Municipal de Santarém, docentes, técnicos administrativos e discentes.

Os resultados dessas discussões foram sintetizados no Projeto de Implantação (1ª Edição) da Universidade Federal da Integração Amazônica (UNIAM), entregue ao Ministro da Educação Fernando Haddad, em dezembro de 2008, em Belém-Pará. Esse projeto, além de propor a mudança de nome da Universidade, apresentou uma arquitetura administrativa e acadêmica inovadora, flexível, interdisciplinar, empreendedora, eficiente, integrando

sociedade, natureza e desenvolvimento.

Em 5 de dezembro de 2009, sob a presidência do Reitor da Universidade Federal do Pará, instituição tutora da UFOPA, foi instalado o Conselho Consultivo da UFOPA com finalidade de manter um canal de comunicação com a sociedade.

Atualmente, a Universidade possui 8.339 alunos de graduação matriculados, dos quais 654 são alunos oriundos da UFPA e UFRA, vinculados ainda ao antigo modelo acadêmico, 4.157 são alunos que já ingressaram no novo modelo acadêmico, via ENEM ou via Programa de Ação Afirmativa que permite o acesso de indígenas ao ensino superior por um processo seletivo especial, e 3.528 (três mil, cento e quarenta e oito) alunos são vinculados ao PARFOR. Na pós-graduação, existem 1.099 alunos já matriculados nos cursos de mestrado, especialização e doutorado.

1.2.6. Missão Institucional

Socializar e produzir conhecimentos, contribuindo para a cidadania, inovação e desenvolvimento na Amazônia.

1.2.7. Visão Institucional

Ser referência na formação interdisciplinar para integrar sociedade, natureza e desenvolvimento.

1.2.8. Princípios Norteadores

São princípios da formação na Universidade Oeste do Pará:

- Formação em ciclos;
- Interdisciplinaridade;
- Flexibilidade curricular;
- Mobilidade acadêmica;
- Educação continuada;

2. INFORMAÇÕES DO CURSO

2.1. DADOS GERAIS DO CURSO

Endereço de oferta do curso	Av. Mendonça Furtado, 2946, Bairro Fátima, Campus Amazônia, Santarém PA				
Denominação do Curso	Bacharelado em Antropologia				
Turno de funcionamento/n. de vagas anuais	Integral	Matutino	Vespertino	Noturno	Totais
		30			30
Modalidade	Presencial				
Regime de matrícula	Semestral				
Duração do curso	Carga Horária Total (Horas)	Tempo Mínimo	Tempo Máximo		
	3380	9 (nove) semestres	13 (treze) semestres		

2.2. JUSTIFICATIVA DO CURSO

Dado a especificidade dos processos de constituição sociocultural da região Oeste do Pará, que possibilitaram e ainda possibilitam a convergência para a região de grupos sociais específicos organizados sob critérios variados de existência coletiva, tais como populações indígenas, comunidades remanescentes de Quilombo, agricultores familiares, ribeirinhos, pescadores tradicionais, extrativistas; grupos com interesses econômicos atrelados aos mercados nacional e estrangeiro (agronegócio, mineradoras, por exemplo); agentes e agências governamentais, que atuaram e atuam nas mais diversas esferas e temáticas das políticas públicas e governamentais; organizações não governamentais, com os mais diversos perfis de atuação; missões religiosas; entre outros, o curso de Bacharelado em Antropologia se apresenta como oportunidade interessante para que seus alunos desenvolvam aptidões para compreensão tanto das especificidades das formas de vida que aqui se delineiam, como dos conflitos gerados pela convergência, para uma mesma região, de agentes, agências e grupos sociais com interesses e projetos tão diversos e/ou divergentes.

Além do caráter específico das relações sociais estabelecidas no meio rural da região Oeste do Pará, as áreas urbanas ou sedes municipais da região também se apresentam como espaços sociais interessantes aos estudos antropológicos. Assim, estudos sobre sexualidades, gênero, religiosidades, sociabilidades, juventude, cultura popular, relações interétnicas etc., se apresentam como algumas das possíveis temáticas de pesquisa que podem colaborar com uma melhor compreensão dos processos e das configurações sociais na região.

Vale ressaltar que na região Oeste do Pará, os estudos antropológicos vêm sendo realizados por profissionais vinculados a instituições das capitais da região e de outras regiões do país, assim como de instituições internacionais. Um dado importante que deve ser posto em relevo é a constituição recente de cursos de graduação e pós-graduação em Antropologia na região Norte do país. Além do curso de bacharelado em Antropologia da UFOPA, a nível de graduação, existem atualmente mais dois cursos de Bacharelado em Antropologia. Um sediado na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em Benjamin Constant, cidade da tríplice fronteira Brasil-Peru-Colômbia, outro sediado na Universidade Federal de Roraima, em Boa Vista-RR. Em nível de pós-graduação, no Norte do país existem dois programas em Antropologia. O Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da UFAM, e o Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará, com o perfil da Antropologia dos Quatro Campos (Antropologia Sociocultural, Bioantropologia e Arqueologia). Ambos conferindo titulação em nível de Mestrado e Doutorado.

É neste ambiente, ainda em construção, de constituição de instituições que visam colaborar para a formação de antropólogos, dedicados à produção de conhecimento e para atuação no campo da extensão na e sobre o contexto Amazônico, mas não só, assim como para atuar junto a movimentos sociais, instituições públicas e privadas, organizações não governamentais, etc, que se insere o curso de Bacharelado em Antropologia da UFOPA.

2.3. INSERÇÃO INSTITUCIONAL

A Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA foi criada pela Lei nº 12.085/09, de 05 de novembro de 2009 a partir da incorporação dos campi da Universidade Federal do Pará - UFPA e da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA, situados em Santarém, com o propósito de ampliar a missão de interiorização e de integração do ensino superior na Região Amazônica. Primeira universidade implantada no interior da Amazônia, a UFOPA já nasce interiorizada, estruturando-se em sete Campi, localizados nos municípios de Santarém (sede), Itaituba, Oriximiná, Óbidos, Monte Alegre, Alenquer e Juruti. A proposta acadêmica

da UFOPA caracteriza-se, de forma geral, pela inovação, pela flexibilidade curricular e pela interdisciplinaridade.

Dado a especificidade dos processos de constituição sociocultural da região Oeste do Pará, que possibilitaram e ainda possibilitam a convergência para a região de grupos sociais específicos organizados sob critérios variados de existência coletiva, tais como populações indígenas, comunidades remanescentes de Quilombo, agricultores familiares, ribeirinhos, pescadores tradicionais, extrativistas; grupos com interesses econômicos atrelados aos mercados nacional e estrangeiro (agronegócio, mineradoras, por exemplo); agentes e agências governamentais, que atuaram e atuam nas mais diversas esferas e temáticas das políticas públicas e governamentais; organizações não governamentais, com os mais diversos perfis de atuação; missões religiosas; entre outros, o curso de Bacharelado em Antropologia se apresenta como oportunidade interessante para que seus alunos desenvolvam aptidões para compreensão tanto das especificidades das formas de vida que aqui se delineiam, como dos conflitos gerados pela convergência, para uma mesma região, de agentes, agências e grupos sociais com interesses e projetos tão diversos e/ou divergentes.

Além do caráter específico das relações sociais estabelecidas no meio rural da região Oeste do Pará, as áreas urbanas ou sedes municipais da região também se apresentam como espaços sociais interessantes aos estudos antropológicos. Assim, estudos sobre sexualidades, gênero, religiosidades, sociabilidades, juventude, cultura popular, relações interétnicas etc., se apresentam como algumas das possíveis temáticas de pesquisa que podem colaborar com uma melhor compreensão dos processos e das configurações sociais na região.

Vale ressaltar que na região Oeste do Pará, os estudos antropológicos vêm sendo realizados por profissionais vinculados a instituições das capitais da região e de outras regiões do país, assim como de instituições internacionais. Um dado importante que deve ser posto em relevo é a constituição recente de cursos de graduação e pós-graduação em Antropologia na região Norte do país. Além do curso de bacharelado em Antropologia da UFOPA, a nível de graduação, existem atualmente mais dois cursos de Bacharelado em Antropologia. Um sediado na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em Benjamin Constant, cidade da tríplice fronteira Brasil-Peru-Colômbia, outro sediado na Universidade Federal de Roraima, em Boa Vista-RR. Em nível de pós-graduação, no Norte do país existem dois programas em Antropologia. O Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da UFAM, e o Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará, com o perfil da Antropologia dos Quatro

Campos (Antropologia Sociocultural, Bioantropologia e Arqueologia). Ambos conferindo titulação em nível de Mestrado e Doutorado.

É neste ambiente, ainda em construção, de constituição de instituições que visam colaborar para a formação de antropólogos, dedicados à produção de conhecimento e para atuação no campo da extensão na e sobre o contexto Amazônico, mas não só, assim como para atuar junto a movimentos sociais, instituições públicas e privadas, organizações não governamentais, etc., que se insere o curso de Bacharelado em Antropologia da UFOPA.

2.4. OBJETIVOS DO CURSO

2.4.1. **Objetivo Geral**

O objetivo do Bacharelado em Antropologia é preparar o discente para as diversas frentes de atuação profissional como antropólogo, conferindo-lhe competências e habilidades gerais e específicas de caráter teórico-conceitual e de caráter metodológico- instrumental, bem como preceitos éticos para o exercício da profissão. Assim, visa não só a desenvolver habilidades de raciocínio analítico, sintético, interpretativo, especulativo e sistemático, mas também a articulá-las com questões de interesse político, social e cultural no exercício prático do ofício de antropólogo.

Assentado em perspectivas teóricas variadas e voltado para o desenvolvimento de atividades de pesquisa e de preparação para um mercado de trabalho que exige sólida capacidade reflexiva e prática, sobretudo para intervenção em realidades específicas das sociedades amazônicas, o curso assume missão inovadora na UFOPA e pretende formar cidadãos e profissionais sensíveis e habilitados para atuar nos contextos local, regional, nacional e transnacional, tendo sempre em vista o princípio do respeito e da valorização da diversidade das populações humanas. Nesse sentido, o Bacharelado em Antropologia faz um grande investimento na capacitação dos alunos para a pesquisa teórica e aplicada, através de diferentes disciplinas metodológicas, da iniciação em pesquisas científicas e da realização de trabalhos de campo.

2.4.2. **Objetivos Específicos**

O Bacharelado em Antropologia estimula no formando o desenvolvimento de capacidade de reflexão e a aquisição de conhecimentos em diversas disciplinas focando aspectos teóricos e metodológicos da Antropologia. A formação em áreas de domínio específico abrange teorias antropológicas clássicas e contemporâneas, bem como as

contribuições mais relevantes da produção brasileira nessa área de conhecimento. A formação metodológica envolve o aprendizado de métodos e técnicas de pesquisa de caráter quantitativo e qualitativo, bem como experiências de treinamento em campo.

Numa perspectiva interdisciplinar, o curso propicia ainda uma formação humanística mais ampla, em que o aluno entra em contato com áreas afins, tais quais História, Economia, Arqueologia, e tem a oportunidade de interlocução com subáreas conexas das Ciências Sociais, além de transitar por outras áreas de conhecimento dentro e fora do Instituto de Ciências da Sociedade.

2.5. FORMA DE INGRESSO NO CURSO E PROGRESSÃO ACADÊMICA

O acesso ao curso de Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal do Oeste do Pará ocorre de quatro formas:

1. Processo seletivo via ENEM: O discente classificado no processo seletivo poderá habilitar-se a matricular-se em uma das vagas disponibilizadas pela UFOPA para a Formação Interdisciplinar 1 (F1), comum e obrigatória a todos os ingressantes em nível de graduação. Depois de cursada a F1, o discente realizará a Avaliação Final de Formação (AFF). De posse das notas que obtiver na F1, mais a nota da AFF, o discente obterá um Índice de Desempenho Acadêmico (IDA). O discente fará três opções de institutos de sua preferência - a sua matrícula em um deles será feita com base no seu IDA. Uma vez no instituto, o discente cursará a Formação Interdisciplinar 2 (F2), comum a todos os cursos do instituto. No final do segundo semestre, o discente fará três opções de curso de sua preferência, prosseguindo o seu percurso acadêmico conforme as normas estabelecidas na Resolução nº 09/2012 e Resolução nº 27/2013. É importante informar que essa forma de entrada foi válida para os alunos das turmas 2011, 2012 e 2013. A partir da turma de 2014, o aluno realiza o ENEM e já faz a escolha do curso no ingresso à Universidade. Há necessidade de fazer a Formação Interdisciplinar 1 (F1) e a Formação Interdisciplinar 2 (F2) e a partir do 3º semestre ingressa nas disciplinas obrigatórias e específicas do Programa de Antropologia e Arqueologia.

2. Processo seletivo via mobilidade externa: Este processo destina-se a candidatos portadores de diploma de curso superior de graduação, mediante existência de vagas remanescentes no processo seletivo principal e prova dissertativa.

3. Processo seletivo via mobilidade interna: Através deste processo, graduandos da própria

universidade que queiram mudar de curso podem solicitar transferência. O deferimento está condicionado à existência de vaga e à análise do histórico escolar do candidato.

4. Processo seletivo especial: Trata-se de uma seleção diferenciada para povos indígenas, realizada em duas fases: uma prova de língua portuguesa, na primeira e, uma entrevista na segunda.

2.5.1. Cotas

Em seus processos seletivos, a UFOPA reserva 50% das vagas para candidatos que cursaram todo o ensino médio em escolas públicas, conforme, lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012.

2.6. PERFIL DO EGRESSO

O egresso do Bacharelado em Antropologia deverá ser intelectualmente capaz de articular a reflexão teórica e conceitual sobre os processos socioculturais com a análise empírica de seus desdobramentos em diferentes conjunturas. Estará capacitado para o exercício do ofício de antropólogo em todas as suas dimensões, em qualquer contexto sociocultural e trabalhando com qualquer temática, o que supõe pleno domínio da natureza do conhecimento antropológico e das práticas essenciais de sua produção e difusão.

Como cidadão, o egresso deverá ser capaz de compreender a complexidade da realidade na sociedade onde vive, fazendo reflexão crítica sobre os processos sociais que envolvem interesses em disputa, considerando sempre as instituições, os grupos e os atores/agentes sociais diferentemente posicionados, como tem sido uma tradição na história da Antropologia.

Como profissional, o egresso deverá estar apto a desempenhar funções no âmbito da academia, do Estado, do setor privado, assim como do chamado Terceiro Setor e dos movimentos sociais, que requeiram capacidade crítica e reflexiva, de observação, pesquisa e análise de tendências sociais, de formulação de diagnósticos, diretrizes, propostas e cenários prospectivos, bem como estratégias de planejamento e gestão relacionadas a políticas públicas ou demandas sociais em variadas áreas (cultura, saúde, gênero, patrimônio, meio ambiente, memória e identidade), e que envolvam problemas de relevante interesse político, social, científico e cultural.

2.7. COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DO EGRESSO

As competências teórico-conceituais do egresso devem abranger capacidades analíticas, interpretativas, argumentativas e discursivas, cujo desenvolvimento se dá basicamente por meio da formação teórica nas disciplinas clássicas e contemporâneas de conteúdo específico da área de formação, às quais se soma a contribuição de disciplinas de outras áreas de domínio conexo ou complementar.

Tais competências envolvem:

- O domínio da bibliografia teórica e metodológica básica;
- O desenvolvimento da autonomia intelectual e da capacidade analítica própria ao seu desempenho profissional para analisar, expor e debater, inclusive publicamente, dados e ideias sobre problemas científicos, políticos, sociais e culturais envolvendo aspectos diversos, históricos ou contemporâneos, da vida social amazônica, brasileira e internacional;
- A capacidade de articulação entre teoria, pesquisa e prática social, por meio do compromisso ético com os dados e informações de pesquisa coletados referentes a problemas relevantes de natureza sociológica, política ou cultural que afetam populações ou grupos populacionais definidos;
- A habilidade de transitar pelas fronteiras entre o saber científico e o saber local, e a Antropologia e outras áreas do conhecimento, incluindo a capacidade de demarcação dos campos específicos e da qualificação do que lhes é próprio.

As competências e habilidades de caráter metodológico e instrumental em Antropologia do egresso devem abranger a capacidade de:

- Formular e desenvolver pesquisas pertinentes e relevantes ao campo de investigação da Antropologia, inclusive na interface com outras áreas de conhecimento; Conhecer os diversos métodos de análise produzidos no âmbito das Ciências Sociais em geral e na Antropologia em particular, e saber articulá-los de acordo com a sua pertinência ao objeto de pesquisa; Desenvolver competência técnica para coleta, processamento e análise de dados e indicadores sociais diversos.

2.8. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

O Curso de Bacharelado em Antropologia está vinculado ao Programa de Antropologia e Arqueologia, no Instituto de Ciências da Sociedade.

Na estrutura acadêmica da UFOPA, o Curso de Bacharelado em Antropologia corresponde a um Bacharelado Específico, cujos conteúdos se adensam numa área de

conhecimento bem definida, a saber, a Antropologia, disciplina cuja trajetória de formação remonta ao século XIX.

Contudo, o propósito de oferecer ao discente estudos aprofundados nessa área não exclui do Curso a experiência interdisciplinar mantida nos diálogos com outras áreas e nas abordagens transversais de temas que instigam outros campos de conhecimento e prática científica. Assim, antes de passar aos estudos aprofundados de Antropologia, o discente tem oportunidade de estabelecer contato com diferentes áreas de conhecimento, não só no âmbito das atividades de ensino propiciadas pela UFOPA nos semestres iniciais do curso, mas também nas atividades de pesquisa e extensão que a instituição faculta aos alunos.

Os dois primeiros semestres do percurso acadêmico do aluno seguem, obrigatoriamente, diretrizes da interdisciplinaridade dentro e fora da sala de aula. Os componentes curriculares desses dois semestres de formação são definidos, implementados e avaliados por unidades autônomas da universidade – o Centro de Formação Interdisciplinar (CFI) e o Instituto de Ciências da Sociedade (ICS) – não contando necessariamente com a participação de professores do Curso de Antropologia.

Os conteúdos comuns à Formação Interdisciplinar I e II oferecidos pelo CFI e pelo ICS, respectivamente, no primeiro e no segundo semestre do percurso acadêmico, abrangem estudos obrigatórios de natureza interdisciplinar, cada qual com a duração de um semestre de 400 horas/aulas.

A formação específica em Antropologia se inicia no terceiro semestre do percurso acadêmico e compõe-se, nesse semestre, de um conjunto de disciplinas obrigatórias sob responsabilidade do Programa de Antropologia e Arqueologia, com participação de suas duas áreas de conhecimento.

A partir do quarto semestre o discente do Bacharelado em Antropologia passa a concentrar seus estudos prioritariamente nessa área de conhecimento e, valendo-se de um sistema de créditos, participa ativamente da definição de seu percurso acadêmico e da montagem de seu currículo. Com a intenção de promover a mobilidade interna dos alunos de Antropologia com vistas à flexibilização curricular e a promoção da interdisciplinaridade, o Bacharelado em Antropologia fez a opção por desmembrar as disciplinas optativas em três modalidades (Específica, Complementar e de Formação Livre) em que o aluno possa escolher

dentro e fora da Universidade Federal do Oeste do Pará outras vivências curriculares para a sua formação acadêmica. Ainda para promover essa flexibilização, em nível de Programa de Antropologia e Arqueologia e pela proximidade disciplinar e diálogos possíveis e desejados, os alunos de Antropologia tem todas as disciplinas da grade curricular do curso de Arqueologia como optativas de formação específica e vice-versa.

- Disciplinas Obrigatórias – devem ser cursadas por todo discente do curso;
- Disciplinas Optativas de Formação Específica – podem ser cursadas conforme preferências e interesses dos discentes por temas específicos na área da Antropologia;
- Disciplinas Optativas de Formação Complementar – podem ser cursadas conforme preferências e interesses dos discentes por temas gerais e específicos em qualquer área de conhecimento no âmbito do Instituto de Ciências da Sociedade (ICS). Componente de flexibilização curricular ofertado pelo Instituto conforme a demanda de turma e a disponibilidade de docente.
- Disciplinas Optativas de Formação Livre – Componente de flexibilização curricular. Podem ser cursadas conforme preferências e interesses dos discentes por temas gerais e específicos em qualquer área de conhecimento no âmbito de outros Institutos da Universidade Federal Oeste do Pará ou ainda, em outra instituição de ensino superior.

Além das disciplinas, são creditados outros componentes curriculares, como Atividades Complementares e Trabalho de Conclusão de Curso, que serão especificados mais adiante. No que tange a cargas horárias e créditos, a distribuição das disciplinas e demais curriculares fica conforme segue.

2.9. COMPONENTES CURRICULARES

1º Período Curricular		2º Período Curricular	
Componente Curricular	CH	Componente Curricular	CH
FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR 1 E 2	Origem e Evolução do Conhecimento	Formação social, política e econômica do Brasil	60hs
	Sociedade, Natureza e Desenvolvimento	Introdução à Ciência do Direito	60hs
	Estudos Integrativos da Amazônia	Saber local e diversidade	60hs

			cultural	
	Linguagens e Comunicação	90hs	Introdução à Arqueologia	60hs
	Seminários Integradores	40hs	Economia Política	60hs
	Interação na Base Real	45hs	Métodos, instrumentos e técnicas de pesquisa	60hs
			Atividades Complementares	40hs
	Total	400	Total	400
	3º Período Curricular		4º Período Curricular	
	Componente Curricular	CH	Componente Curricular	CH
FORMAÇÃO ESPECÍFICA	Etnohistória	60h	Etnologia Indígena	60h
	Teoria Antropológica I	60h	Teoria Antropológica II	60h
	História e Teoria da Arqueologia	60h	Teoria Sociológica I	60h
	Introdução à Etnografia	60h	Optativa de Formação Específica I	60h
	Introdução à Prática de Campo em Arqueologia	120h	Optativa de Formação Complementar I	60h
	Relações Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS)	60h	Optativa de Formação Livre II	60h
	Total	420h	Total	360h
		5º Período Curricular		6º Período Curricular
	Componente Curricular	CH	Componente Curricular	CH
	Métodos Qualitativos	60h	Antropologia no Brasil	60h
	Teoria Antropológica III	60h	Narrativas Etnográficas	60h

Teoria Sociológica II	60h	Teoria Antropológica IV	60h
Optativa de Formação Específica II	60h	Optativa de Formação Específica III	60h
Optativa de Formação Complementar II	60h	Optativa de Formação Complementar III	60h
Optativa de Formação Livre II	60h	Optativa de Formação Livre III	60h
Total	360h	Total	360h
7º Período Curricular		8º Período Curricular	
Componente Curricular	CH	Componente Curricular	CH
Redação de Textos Técnico-Científicos	60h	Seminário TCC	60h
Optativa de Formação Específica IV	60h	Optativa de Formação Específica VI	60h
Optativa de Formação Específica V	60h	Optativa de Formação Específica VII	60h
Optativa de Formação Complementar IV	60h	Optativa de Formação Específica VIII	60h
Optativa de Formação Complementar V	60h	Optativa de Formação Complementar VI	60h
Optativa de Formação Livre IV	60h	Optativa de Formação Livre V	60h
Redação de Textos Técnico-Científicos	60h	Seminário TCC	60h
Optativa de Formação Específica IV	60h	Optativa de Formação Específica VI	60h
Total	360h	Total	360h

9º Período Curricular			
Componente Curricular	CH		
TCC	120h		
Contabilização Atividades Complementares	280h		
Total	120h	Total do curso	3380hs

2.10. EMENTÁRIO E BIBLIOGRÁFICA

2.10.1. Bibliografia Básica

A bibliografia básica do curso de Bacharelado em Antropologia pode ser consultada no anexo.

A atualização do acervo é solicitada pelo NDE do curso de acordo com as demandas dos professores de cada componente curricular. Por se tratar de um curso ainda em fase de implantação, o acervo bibliográfico está sendo adquirido conforme a evolução do percurso acadêmico dos estudantes e também, de acordo com a política administrativa das esferas superiores da UFOPA. Todas as atualizações de conteúdos curriculares realizadas em nível de NDE do bacharelado de Antropologia são enviadas na forma de lista de bibliografias para, a direção da Biblioteca, realizar a compra.

2.10.2. Bibliografia Complementar

A bibliografia complementar do curso de Bacharelado em Antropologia pode ser consultada no anexo.

A atualização do acervo é solicitada pelo NDE do curso de acordo com as demandas dos professores de cada componente curricular. Por se tratar de um curso ainda em fase de implantação, o acervo bibliográfico está sendo adquirido conforme a evolução do percurso acadêmico dos estudantes e também, de acordo com a política administrativa das esferas superiores da UFOPA. Todas as atualizações de conteúdos curriculares realizadas em nível de NDE do bacharelado de Arqueologia são enviadas na forma de lista de bibliografias, para a

direção da biblioteca, realizar a compra.

2.10.3. Periódicos Especializados

O curso indica artigos de periódicos especializados na bibliografia básica e complementar em alguns componentes curriculares (Anexo 1), sobretudo dos periódicos que estão disponíveis online, entre eles, a biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros, a Scientific Electronic Library Online – SciELO. O Programa de Antropologia e Arqueologia bem como a UFOPA utiliza o Portal de Periódicos, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), dispõe de uma biblioteca virtual que conta com um acervo de mais de 35 mil títulos com textos completos, cerca de 130 bases referenciais, 11 bases dedicadas exclusivamente a patentes, além de livros, enciclopédias e obras de referência, normas técnicas, estatísticas e conteúdo audiovisual. Os professores do Programa de Antropologia e Arqueologia também utilizam das bibliotecas digitais de Teses e Dissertações de várias instituições de ensino superior em que há pós-graduação strictu sensu consolidadas no País, entre elas, (USP, UNICAMP, UFRJ, UFPA, UNB, UNESP etc.).

2.11. ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Atividades complementares são aquelas desenvolvidas sob a forma de programas, projetos, disciplinas, cursos, eventos, prestação de serviços e produção, publicação e outros produtos acadêmicos relacionados às áreas de conhecimento que contribuem para a formação do aluno no campo da Antropologia.

2.11.1. Objetivos

Entre seus objetivos está a participação/atuação do aluno em atividades compartilhadas com vários segmentos da comunidade universitária, privilegiando ações integradas com as administrações públicas, em várias instâncias, e com as entidades da sociedade civil. As ações propostas e realizadas no âmbito da UFOPA devem ser coordenadas por um docente ou técnico-administrativo da Universidade, com nível superior e que desempenhe atividade na área de conhecimento da Atividade Complementar proposta. As atividades propostas e organizadas por discentes e docentes de outras instituições também serão aceitas como atividades complementares. Entretanto, deverão seguir os padrões dos

projetos acadêmicos e devem ser previamente enviadas e avaliadas pelo docente, comissão ou técnico-administrativo responsável pelas atividades complementares da turma dentro do Programa de Antropologia e Arqueologia (PAA).

Todas as propostas e relatórios de Atividade Complementar devem ser devidamente analisados e aprovados pelo PAA e devem estar devidamente documentados. Vale informar que o Diretório Central dos Estudantes (DCE) e os Centros Acadêmicos também poderão propor Atividades Complementares, desde que sob a supervisão e coordenador de um professor da respectiva área de conhecimento e após aprovação da proposta pelo ICS.

2.11.2. Carga Horária

A carga horária total de Atividades Complementares (280 h) está distribuída ao longo dos semestres, mais especificamente, 40 h no 2º semestre e 240 h entre o 3º e 8º semestre do curso. A validação da carga horária será de acordo com a participação e a declaração/certificado/relatório apresentado. As horas serão contabilizadas ao final do curso, sendo que às 40 horas semestrais referentes à Formação Interdisciplinar II serão contabilizadas ao término do 2º semestre sob a responsabilidade do Instituto de Ciências da Sociedade (ICS).

Para integralização curricular dessas atividades, é necessário que um professor avalie as atividades complementares, que poderão ser de várias formas e realizadas em diferentes âmbitos, conforme descrito abaixo. Para a contabilização da carga horária na categoria eventos será necessário apresentar o programa do evento, além do certificado.

2.11.3. Avaliação Discente

O acadêmico deverá apresentar relatório resumido das atividades desenvolvidas (uma lauda), conforme modelo anexo de Relatório de Atividade Complementar, assinado pelos respectivos coordenadores e realizar uma apresentação pública (de 5 a 10 minutos) sobre as atividades. As descrições das atividades complementares também compõem o anexo do Projeto Pedagógico do Curso de Antropologia.

2.11.4. Descrição das Atividades Complementares

Pesquisa com até 20 horas no total: Participação em programas e projetos de pesquisa

registrados na instituição e supervisionados por um professor orientador, com ou sem bolsa (até 20 horas); Atividades desenvolvidas no âmbito do Programa de Mobilidade Acadêmica Externa Temporária Nacional (até 20 horas); Atividades desenvolvidas no âmbito do Programa Mobilidade Acadêmica Externa Temporária Internacional (até 20 horas). Ensino: Monitoria de disciplinas do PAA (até 20 horas); Disciplinas optativas na área de abrangência dos programas do ICS (até 20 horas); Disciplinas de áreas afins que possam acrescentar o conhecimento em um dos programas do ICS (até 20 horas); Disciplinas cursadas em outros institutos ou outras faculdades (até 20 horas); Cursos de língua estrangeira (reconhecido e certificado) (até 5 horas); Cursos e/ou minicursos em Arqueologia, Antropologia e áreas afins à formação do aluno, em instituições de ensino superior (IES) e eventos acadêmicos (congressos, seminários, encontros, etc.), com carga horária mínima de 20 hs (até 10 horas); Cursos em Arqueologia, Antropologia e áreas afins à formação do aluno, em instituições de ensino superior (IES) e eventos acadêmicos (congressos, seminários, encontros, etc.), com carga horária mínima de 40 hs (até 20hs). Eventos técnico-científicos, dentre as categorias a seguir (até 40 horas total): Coordenação de evento local (até 10 hs); Expositor em evento local (até 5 hs); Participante de evento local (até 5hs); Coordenação de evento nacional (até 15hs); Expositor em evento nacional (até 10 hs); Participante de evento nacional (até 5 hs); Coordenação de evento internacional (até 20 hs); Expositor (português) em evento internacional (até 10hs; Expositor (outro idioma) em evento internacional (até 15hs); Participante de evento internacional (até 5hs); Participação em oficina(s) (até 5hs). Publicações (dentre as categorias abaixo, até 20hs/sem.): Jornais, revistas, boletins eletrônicos, anais locais (até 5hs); Jornais, revistas, boletins eletrônicos, anais regionais (até 10hs); Jornais, revistas, boletins eletrônicos, anais nacionais (até15hs); Jornais, revistas, boletins eletrônicos, anais internacionais (até 20hs). Extensão (Até 20hs/sem.): Participação em um programa de extensão aprovado e reconhecido pela PROCCE/UFOPA (4 hs/semanais, até 20hs/sem.). Administração (até 20hs): Participação em órgão colegiado e/ou conselho deliberativo e/ou consultivo da instituição (até 10hs/sem.); Trabalhos voluntários de apoio à Coordenação (até 10hs/sem.). Estágio (Até 20hs): Estágio profissional na área de formação e afins (remunerado ou voluntário) (até 20hs); Atividades não previstas neste documento serão avaliadas pelo Colegiado mediante solicitação formal junto à secretária do PAA (até 10 hs/sem.). Demais atividades não mencionadas neste tópico serão analisadas pelo Colegiado do curso.

2.11.5. Atividades de Curso

Com o intuito de contribuir para o desenvolvimento de ações voltadas para a efetiva integração entre ensino, pesquisa e extensão, o curso de Bacharelado em Antropologia vem construindo um conjunto de atividades básicas divididas em Atividades de Sala de aula, Atividades de campo, bem como, construiu-se um guia para formulação e proposição de Atividades Complementares que detalharemos mais adiante.

2.11.6. Atividades de Sala de Aula

As atividades de caráter teórico são encampadas no transcorrer da maioria das disciplinas da estrutura do curso que tomam lugar nos espaços formais das salas de aula dentro das instalações prediais do ICS. As aulas apresentam carga horária integral de 60 horas ministradas em duas sessões semanais, três horas na primeira sessão e duas horas na segunda. As disciplinas são de caráter expositivo com auxílio de tecnologias audiovisuais, baseadas em bibliografias básicas e complementares (detalhe nas ementas de cada disciplina – anexo) selecionadas para funcionarem como a linha mestra das exposições e discussões. A participação dos discentes é estimulada através de seminários e debates, trabalhos individuais e em grupo. Nestas atividades, a interpretação e leitura crítica dos textos são encorajadas e demandadas aos alunos. Ocasionalmente, a intervenção de outros profissionais da área pode ser acionada para enriquecimento de debates levantados em sala. Três avaliações formais, sendo uma, pelo menos, individual e sem consulta, baseadas em respostas dissertativas para questões derivadas do conteúdo programático que são utilizadas com o intuito de observar o grau de apreensão dos alunos.

2.11.7. Atividades de Trabalho de Campo

As atividades de campo são importantes para o profissional da Antropologia tendo em vista a proeminente natureza de suas pesquisas. A prática é estimulada a partir dos planos de trabalhos de pesquisa de Iniciação Científica e também a partir dos programas das disciplinas. Os processos utilizam como um dos métodos de trabalho do processo de ensino-aprendizagem. A pesquisa antropológica de parte considerável do corpo docente é realizada em Santarém e em comunidades e regiões que estão no entorno, oportunizando aos alunos

trabalhos (avaliações) que os inserem em atividades de campo.

2.12. ESTÁGIO CURRICULAR

A iniciação profissional no âmbito de estágios supervisionados é estimulada no Curso de Bacharelado em Antropologia, e é altamente recomendável ao discente que realize experiências de trabalho junto a centros de pesquisa, instituições de ensino, centros de cultura e memória, órgãos públicos, organizações não governamentais, movimentos sociais, empresas e outros ambientes profissionais. No entanto, não há determinação de estágio obrigatório como parte da formação do discente, tendo em vista a natureza plural e a multiplicidade das formas de realização do exercício científico do antropólogo.

Quando ocorrer, por iniciativa do discente, o estágio deve ser realizado em função e responsabilidade compatível com o nível de formação e este deve ser necessariamente acompanhado por profissional qualificado no local de estágio, respeitando-se os princípios éticos de trabalho.

Dentro da Universidade Federal Oeste do Pará, cabe ao Núcleo de Estágio do Instituto de Ciências da Sociedade, no qual o Programa de Antropologia e Arqueologia mantém membro representante, o acompanhamento e a avaliação dos estágios desenvolvidos pelos discentes do Bacharelado em Antropologia.

2.13. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O curso de Antropologia do Programa de Antropologia e Arqueologia está de acordo com a Resolução nº 27 de Outubro de 2013 da Universidade Federal Oeste do Pará, que rege normas gerais sobre o trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O TCC é uma atividade curricular obrigatória e condicionante para obtenção do título de Bacharel em Antropologia. No Curso de Bacharelado em Antropologia o TCC será desenvolvido através das disciplinas Seminário de TCC (60 h) e TCC (120 h), totalizando uma carga horária de 180 horas. Por meio de atividades de pesquisa estimuladas e praticadas ao longo de todo o curso, em disciplinas teóricas e práticas, bem como em atividades complementares, o formando tem no TCC a oportunidade de consolidar, sob orientação docente sistemática no último semestre do curso, com a carga-horária de 120 horas, os conhecimentos adquiridos e produzidos no âmbito de suas investigações sobre um determinado tema.

Os Trabalhos de Conclusão de Curso são preferencialmente orientados por docentes do curso de Antropologia, ou, em casos devidamente justificados, por docentes de áreas afins, desde que essa indicação seja aprovada em instância colegiada do curso. A seleção do tema do TCC é de escolha do discente e à disponibilidade dos docentes para orientação. Fica resguardada a possibilidade de composição de co-orientações com docentes vinculados a outros cursos, desde que o desenvolvimento de abordagem científica sobre os temas focados nos trabalhos assim permitam.

2.13.1. COORDENAÇÃO E DEFESA DO TCC

No último semestre destinado para a escrita do TCC, o curso contará com um coordenador de TCC com carga-horária de 120h que irá acompanhar no decorrer do semestre o andamento dos trabalhos, bem como fazer cumprir com os prazos estabelecidos para a entrega, além de organizar a composição das bancas e os dias de apresentação dos TCC. O aluno deve preencher o formulário de cadastramento da monografia junto à Secretaria Acadêmica do Instituto, com pelo menos, 30 dias de antecedência da defesa. Para fins de avaliação e integralização curricular, o TCC será no formato de monografia, com apresentação oral, em sessão pública, e será submetido a uma banca composta pelo professor orientador e por mais dois membros docentes, dos quais pelo menos um deverá ser obrigatoriamente vinculado ao Curso de Bacharelado em Antropologia, sendo facultado o convite a um membro externo, se a situação o ensejar e se o convite for fundamentado de acordo com disposições específicas. No dia da defesa, o aluno terá que retirar na Secretaria Acadêmica as declarações de participação dos docentes e a ata de defesa que deverá ser assinada por todos os membros da banca, na qual consta a nota final atribuída ao aluno. Em até 30 dias após a defesa, o aluno deverá entregar na Secretaria Acadêmica do Instituto 03 cópias impressas e uma cópia digital da monografia, assinada por todos os membros da banca.

2.13.2. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DO CURSO

O sistema de avaliação do projeto do curso de Antropologia deve ser compreendido como um processo dinâmico, que exige mediação pedagógica permanente e deve estar pautado conforme o documento denominado Instrumento de Avaliação dos Cursos de Graduação, do Ministério da Educação (MEC, 2008). Neste sentido é necessário criar mecanismos para rever periodicamente os instrumentos e procedimentos de avaliação, de modo a ajustá-los aos diferentes contextos e situações que se apresentam no cenário da

educação superior e torná-los elementos balizadores. O sistema de avaliação do projeto do curso ainda terá como parâmetro os procedimentos gerais adotados pela Universidade Federal Oeste do Pará e pelo Instituto de Ciências da Sociedade, onde o Programa de Antropologia e Arqueologia (PAA) está lotado. O curso deve ser avaliado em relação a estrutura curricular, atuação dos docentes, desempenho dos discentes, entre outros fatores que podem constituir mecanismos específicos de avaliação.

2.14. PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO CURSO DE ANTROPOLOGIA

2.14.1. Avaliação da Estrutura Curricular do Curso

Quanto à avaliação da estrutura curricular, o instrumento indicador compreende o próprio Projeto Político Pedagógico (PPC), que prevê mecanismos continuados de avaliação e revisão, de modo a permitir a recondução dos fatos e atos quando ela se mostrar necessária para a consecução dos objetivos plenos do Curso. O curso de Antropologia realiza reuniões periódicas mensais do Núcleo Docente Estruturante (NDE), onde é possível construir de maneira processual a avaliação diagnóstica de modo a subsidiar a (re) construção do PPC. Entre os pontos para a avaliação continuada e anual do curso, de natureza quantitativa e qualitativa, deve considerar, por exemplo: índice de evasão, índice de retenção, tempo médio de formação do aluno, produtividade científica dos discentes, grau de satisfação com o curso e das próprias disciplinas. Assim, a avaliação do PPC deve ser considerada como uma ferramenta construtiva visando contribuir para a implementação de melhorias e inovações que permitam identificar possibilidades, orientar, justificar, escolher e tomar decisões no âmbito da vida acadêmica de alunos, professores e funcionários.

2.14.2. Avaliação Docente

Para além da estrutura curricular, outro ponto a ser avaliado é o recurso humano que compõe o quadro de docentes do curso de Antropologia. Para tanto, a coordenação através do colegiado do curso incentiva e planeja anualmente a saída dos professores para participarem de congressos, eventos e reuniões de pesquisa. Sobre a questão da “formação e titulação”, o programa conta com um professor em nível de Mestrado que está fazendo o doutorado e, com

afastamento para a conclusão da pós-graduação e outra professora que está em processo de afastamento para a realização do doutorado, recém aprovada. Outro item é a avaliação do rendimento discente que segue os preceitos e normas internas da UFOPA, como por exemplo, o Índice de Desempenho Acadêmico (IDA) e outras ferramentas que estão ancoradas na gestão participativa da coordenação do curso que desempenha papel de mediação e articulação na relação entre professor, aluno e funcionário. O curso de Antropologia realiza mensalmente reunião de colegiado com representação dos estudantes e ainda, semestralmente, reunião com os discentes com o intuito de melhorar a atuação e a comunicação com a coordenação do curso e, conseqüentemente, com os professores do PAA. A avaliação do PPC também considerará os resultados dos elementos do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) bem como os resultados da avaliação interna, tendo em vista o fornecimento de relatórios pela Comissão Própria de Avaliação (CPA). Dentre os mecanismos de acompanhamento utilizados no curso de Antropologia são: a avaliação da disciplina/professor pelos alunos e as reuniões periódicas entre professores e a coordenação do curso. A avaliação da disciplina é virtual e realizada via SIGAA (Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas). A avaliação contempla as áreas: Planejamento e Cumprimento do Programa Curricular, Comunicação e Uso de Técnicas e Recursos Didáticos, Avaliação e Resultados e a Autoavaliação do Aluno perfazendo 30 questões, além de oportunizar um espaço para observações, sugestões e críticas. Os alunos pontuam cada item em uma escala (Excelente a Insuficiente). Após a coleta dos dados, a Comissão Própria de Avaliação – CPA envia os resultados para a coordenação do curso elaborar um plano de providências para as fragilidades identificadas no processo de autoavaliação. No caso de avaliações muito insuficientes, os professores envolvidos são chamados pela coordenação do Curso para propor estratégias que minimizem ou solucionem os problemas encontrados. Quanto à avaliação externa, esta ainda não foi realizada, uma vez que a turma de Antropologia ainda não foi contemplada no ENADE.

2.15. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM DISCENTE

De acordo com os regulamentos internos da UFOPA (Resoluções n. 09 de 16/03/2012 e n. 27 de 08/10/2013), entende-se por avaliação de aprendizagem o processo de apreciação e julgamento do rendimento acadêmico dos discentes, com o objetivo de acompanhar,

diagnosticar e melhorar o processo de ensino e aprendizagem, bem como a habilitação do discente em cada componente curricular.

A avaliação da aprendizagem na UFOPA tem como objetivos: I - verificar o nível de aprendizagem dos discentes; II - averiguar a aquisição conceitual, teórica e prática dos conteúdos programáticos ministrados durante os períodos letivos; III - incentivar o hábito e a prática diuturna de trabalho no processo ensino-aprendizagem; IV - mensurar quantitativamente, através do Índice de Desempenho Acadêmico (IDA), o desempenho de cada discente; V - conferir o domínio das habilidades e competências previstas nos projetos pedagógicos de cada unidade e subunidade.

Para fins de avaliação da aprendizagem cabe ao docente: I - apresentar a sua turma, no início do período letivo, os critérios de avaliação da aprendizagem conforme o plano de ensino referendado em reunião semestral de planejamento da unidade, ou subunidade, responsável pelo componente curricular no semestre em curso; II - discutir os resultados de cada avaliação parcial com a turma, garantindo que esse procedimento ocorra antes da próxima verificação da aprendizagem; III - fazer o registro eletrônico da nota final, de acordo com as orientações da Diretoria de Registro Acadêmico, da Pró-Reitoria de Ensino (DRA/PROEN), no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) da UFOPA, em prazo estabelecido no Calendário Acadêmico.

Os componentes curriculares, em cada período curricular, serão apreciados através de pelo menos três avaliações e uma avaliação substitutiva, esta última de caráter optativa para o discente e envolvendo todo o programa do componente. Pelo menos uma das três avaliações supracitadas deverá ser individual.

Considerar-se-á aprovado no componente curricular, o discente que obtiver nota final igual ou superior a 6,0 (seis vírgula zero) e frequência mínima de 75% (setenta e cinco por cento).

O discente com nota final inferior a 6,0 ao final do processo de avaliação entrará em regime de dependência em relação ao componente curricular, para fins de integralização curricular.

Em caso de falta à avaliação em componente curricular, por impedimento legal, doença grave atestada por serviço médico de saúde e caso fortuito, devidamente comprovado nos termos da lei, o discente deve protocolar na secretaria responsável pelo componente curricular o requerimento para avaliação de segunda chamada ao docente, no período de 48h.

A avaliação substitutiva constitui oportunidade opcional, igualmente oferecida a todos os discentes, no sentido de substituir uma das notas das três avaliações do componente curricular à qual ela se referir.

O discente reprovado em qualquer componente curricular entrará automaticamente em regime de dependência e deverá regularizar seus estudos para efeito de integralização de seu percurso acadêmico.

O Índice de Desempenho Acadêmico (IDA) é o instrumento dinâmico que expressa numericamente o desempenho do discente em cada período curricular e será computado até a quarta casa decimal.

As avaliações, em cada componente curricular, deverão, necessariamente, ser representadas através de valor numérico, entre 0 e 10, de modo a poderem ser computadas no IDA, inclusive aquelas de cunho qualitativo.

Outros pontos que devem ser considerados na avaliação em relação ao discente são: desempenho dos discentes em atividades externas (congressos, projetos de iniciação científica, projetos de extensão, atividades de campo); frequência; evasão etc.. Ainda em se tratando do discente, há que considerar como ponto de diagnóstico o índice de aprovação de egressos em programas de pós-graduação e concursos, tendo a clareza de criar outros instrumentos e mecanismos que propiciem o acompanhamento na consolidação do perfil do egresso.

2.16. PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA.

2.16.1. Políticas de Ensino

Como nas demais IFES, o ensino na Ufopa é desenvolvido nos níveis de graduação, pós-graduação (*lato sensu* e *stricto sensu*) e extensão. Independente do nível de ensino, o foco é a abordagem interdisciplinar, a flexibilidade curricular, a formação continuada e a mobilidade acadêmica.

O curso de Antropologia foi estruturado em conformidade com os parâmetros curriculares nacionais estabelecidos pelo Conselho Nacional de Educação, com o objetivo de formar cidadãos capazes de transformar a realidade social, valorizar a diversidade cultural e contribuir para o avanço científico e tecnológico da Amazônia.

Aos Institutos estão vinculados Programas, que são constituídos de Bacharelados e

Licenciaturas Integradas com duração de 3 (três) anos e/ou Bacharelados e Licenciaturas Profissionais, com duração entre 4 (quatro) a 5 (cinco) anos. O Bacharelado de Antropologia está vinculado ao Programa de Antropologia e Arqueologia (PAA) que por sua vez, está vinculado ao Instituto de Ciências da Sociedade (ICS). Seu percurso acadêmico mínimo se faz em quatro (4) anos e meio. Durante todo o desenvolvimento do curso procura-se incentivar os alunos a interagir com os outros institutos, através de disciplinas optativas complementares e livres e através de projetos de pesquisa e extensão. Visto que estas três dimensões são essenciais para o bom desempenho do aluno durante seu percurso acadêmico e posteriormente.

2.16.2. Políticas de Extensão

Na Universidade Federal do Oeste do Pará, as ações acadêmicas são integradas em unidades denominadas Programas. Por isso, não se distinguem as atividades de extensão de outras atividades acadêmicas. A extensão envolve, principalmente, ações de articulação com a sociedade com forte concentração nas áreas de arte e cultura, processos de organização social, oferta de cursos de pequena duração e ações empreendedoras na sociedade.

Tendo em vista a multiplicidade de aspectos e saberes envolvidos, os programas e projetos de extensão realizados pelo Bacharelado, em parceria ou não com outros cursos da UFOPA, devem estimular e buscar propiciar aos alunos a participação em ações conjuntas com instituições públicas, entidades não governamentais, empresas e movimentos sociais.

As atividades de extensão devem ser sempre orientadas por um docente e podem ser apoiadas pela UFOPA, conforme regras específicas da universidade expressas e dimensionadas no Plano de Desenvolvimento Institucional, ou por fontes financiadoras externas, desde que previamente aprovadas pelo ICS.

Entre as formas de atuação em nível de extensão estão as seguintes metas apresentadas a seguir: Ampliar em 20%, anualmente, as ações de extensão financiadas por órgãos governamentais, fundações e segmentos organizados da sociedade civil, a partir de 2012; Dar atenção especial à recuperação, conservação e divulgação de bens culturais de Santarém e região; Construir e estruturar o Museu de Arqueologia; Revitalizar e consolidar grupos artísticos ou núcleos de criação, bem como festivais e mostras de arte já existentes; Elaborar um inventário geral e histórico de toda a produção artística e cultural da Ufopa, com atualização anual (2012-2016); Promover, anualmente, cursos de formação, capacitação e aperfeiçoamento de recursos humanos que fortaleçam grupos sociais e aumentem a inclusão; Organizar um banco de dados de demandas dirigidas à Universidade e de ofertas

de ações de extensão (2012-2016); Criar uma linha editorial da extensão universitária; Criar um Programa Permanente de Bolsas Estudantis de Extensão, com 50 (cinquenta) bolsas anuais, a partir de 2013; Definir, com a Pró-Reitoria de Ensino e os Institutos, mecanismos que viabilizem a incorporação de atividades de pesquisa e de extensão nos currículos dos cursos de graduação, a partir de 2013; Propor, as disposições normativas referentes à extensão, em 2012; Estimular ações integradas de extensão aglutinando conhecimentos e meios dos diversos Institutos.

2.16.3. Políticas de Pesquisa

A pesquisa na Ufopa, associada ao ensino e à extensão, objetiva a produção e a difusão de conhecimentos científicos, tecnológicos, artísticos e culturais, que contribuam para a melhoria das condições de vida da sociedade, principalmente na região amazônica.

A iniciação à pesquisa é etapa fundamental do Bacharelado em Arqueologia e constitui a base em que o aluno constrói sua formação numa perspectiva integrada e conectada com os contextos sociais em que se insere e nos quais atuará após a conclusão do curso. Essa etapa, porém, não se efetua em períodos rigorosamente delimitados, mas em atividades continuadas de pesquisa.

Durante a Formação Graduada em Antropologia, oferta-se aos alunos a possibilidade de integração e participação continuada em projetos de pesquisa sob orientação de seus professores, bem como oportunidades de experimentação de diferentes linhas de investigação científica no âmbito das disciplinas e especialidades de formação do corpo docente.

Além daquelas decorrentes dos projetos individuais de pesquisadores, outras bolsas de Iniciação Científica podem ser concedidas aos alunos envolvidos com recursos próprios da UFOPA e externos. Entre elas, CNPq/UFOPA e FAPESPA, entre outras fontes de financiamento contínuo ou eventual. Bolsas de Monitoria ofertadas pela Pró-Reitoria de Ensino e Graduação da UFOPA também oferecem aos alunos o contato com atividades de Ensino e Pesquisa.

Dentro da perspectiva institucional, o Curso de Bacharelado em Antropologia na UFOPA assume a responsabilidade de produzir e socializar conhecimentos que permitam estabelecer e respeitar a pluralidade de percepções elaboradas pelos diferentes grupos humanos da região sobre processos, modelos, projetos e representações de desenvolvimento que incidem em seus territórios. Nesse sentido, com base nos princípios do respeito e da valorização das diferenças, o Curso de Bacharelado em Antropologia pretende contribuir para a formação e a expressão de consciências críticas a respeito dos processos sociais articulados *a*, desencadeados *por*, e representados *nas* diferentes noções de desenvolvimento que circulam na região de abrangência da UFOPA.

É sabido que essa região – delimitada pelos municípios de Santarém, Óbidos, Monte Alegre, Alenquer, Oriximiná, Juruti e Itaituba – encontra-se, no cenário macrorregional e nacional, em situação muito privilegiada no que tange à riqueza de patrimônio natural e sociocultural. Trata-se, reconhecidamente, de região dotada de grande interesse para pesquisas científicas nas muitas linhas da Antropologia, que tem atraído investigadores de todo o Brasil e do mundo. Nem sempre, porém, os trabalhos conduzidos contribuem para a formação e fixação de profissionais na região, para a melhoria das condições de vida das populações estudadas, ou para a redução das desigualdades que as afetam.

Cumpra à UFOPA, assumindo que a região efetivamente demanda agentes comprometidos e capazes de lidar com os diferentes aspectos de seu vasto acervo étnico-cultural, proporcionar os meios para que a produção de conhecimento se faça de forma integrada a projetos de desenvolvimento científico e socioeconômico da região efetivamente construídos e compartilhados com os grupos que a habitam, considerando-se sua pluralidade étnica e cultural, a multiplicidade de seus entendimentos e anseios relativos à ideia de **desenvolvimento** e, sobretudo, seus plenos direitos sociais e culturais.

2.17. ORGANIZAÇÃO ACADÊMICO ADMINISTRATIVA E RECURSOS HUMANOS

2.17.1. **Direção do Instituto**

O Instituto de Ciências da Sociedade é composto pelas seguintes subunidades: Programa de Ciências Jurídicas - PCJ, Programa de Ciências Econômicas e Desenvolvimento Regional - PCEDR, Programa de Antropologia e Arqueologia - PAA, Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos e Políticas Públicas - e Bacharelado Interdisciplinar (BI) em Etnodesenvolvimento. Estas subunidades mantêm reuniões regulares dos seus colegiados de curso. Nestas reuniões estão presentes os coordenadores e professores dos respectivos programas nas quais são debatidas assuntos internos referentes ao ensino, pesquisa e extensão, que, de acordo com a deliberação dos presentes, são encaminhadas à direção do Instituto para serem apreciadas na Reunião do Colegiado do ICS, instância majoritária que agrega as representações das categorias do Instituto: Professores, técnicos e discentes.

Além das reuniões já citadas, há também os encontros dos coordenadores de programa com a direção do ICS, com finalidade de planejar ações no âmbito dos cursos, no qual o coordenador apresenta demandas do programa à direção.

Diretora: Maria Marlene Escher Furtado. Port^a N° 1.292 de 30/06/2014

Endereço: Av Mendonça Furtado, 2946, Bairro Fátima – CEP: 68040-070 – Santarém – Pará.
Campus Amazônia, 4º andar. Sala 447. Telefone (93) 2101- 6536

2.17.2. **Coordenação de Curso**

A coordenação do curso de Antropologia da UFOPA é exercida pela Profa. Lucybeth Camargo de Arruda desde 09 de agosto de 2013, por força da Portaria nº 1358/2013. Possui uma carga horária atribuída de 20hs semanais para desenvolver suas atividades administrativas, as quais as exerce em horários alternados no decorrer da semana, com o intuito de atender aos discentes e professores nos vários turnos de funcionamento do curso. A atual coordenadora do Curso ingressou na UFOPA em 09.08.2012, para exercer o cargo efetivo de Professor de 3º grau, Classe Adjunto, Nível I, em regime de trabalho para DE, é servidora estatutária. Possui especialização em Filosofia (Univag Centro Universitário), especialização em Antropologia Social (UFMT), mestrado em História Social pela UFMT e doutorado em Antropologia Social pela UNICAMP. Integra a Comissão de Mobilidade Externa do Instituto de Ciências da Sociedade (ICS) e é membro do Conselho do ICS. Preside as reuniões ordinárias do Colegiado de Curso e integra o NDE do curso de Antropologia. Como exerce a função de coordenadora do Programa de Antropologia e Arqueologia, também, coordena o NDE de Arqueologia.

Atualmente, ministra a disciplina Antropologia no Brasil (obrigatória para Antropologia) e Saber Local e Diversidade Cultural (disciplina obrigatória da Formação II). Anteriormente ministrou as disciplinas de Saber Local e Diversidade Cultural, Relações Interétnicas e Antropologia na Amazônia e Etnohistória (disciplina obrigatória comum aos cursos de Antropologia e Arqueologia). Desde que ingressou na UFOPA, procurou participar de reuniões do colegiado da Unidade (ICS) e do Colegiado dos Cursos (disponível as presenças em Atas). Ao assumir o cargo de coordenadora do Programa e dos cursos de Antropologia e Arqueologia tem procurado manter larga comunicação com professores e alunos por meio das reuniões ordinárias e extraordinárias do Programa. O atendimento no Programa de Antropologia e Arqueologia acontece ao longo da semana em turnos variados. Há um intenso uso da ferramenta do correio eletrônico com a intenção de facilitar o fluxo de comunicação.

2.17.3. Experiência profissional, de magistério superior e de gestão acadêmica do(a) coordenador(a).

Possui experiência profissional na área da formação de graduação (Comunicação Social – Jornalismo). A última atuação profissional da área foi de 2000 a 2005, como assessora de imprensa do Centro Universitário Univag, em Várzea Grande (MT). No magistério superior sua experiência é de um ano e sete meses, além de inserções pontuais durante o doutoramento em que participou do Programa de Estágio Docente na Unicamp como professora assistente na disciplina Antropologia III – Estruturas e Práticas Sociais e professora da disciplina Antropologia no Brasil. Atualmente está na coordenação do curso desde o mês de agosto de 2013.

2.17.4. Regime de trabalho do(a) coordenador(a) do curso

A coordenação do curso é exercida em 20h semanais, portanto, tempo parcial. As 20hs restantes do regime de DE, ao qual está submetida à coordenadora, são exercidas na função de docente e pesquisadora. Atualmente, ministra as disciplinas de Antropologia no Brasil e Saber Local e Diversidade Cultural. Orienta dois bolsistas de Iniciação Científica (PIBIC-UFOPA e PIBIC-FAPESPA) com os respectivos Planos de Trabalho: Presenças e ações indígenas no Alto Tapajós: Revisão Bibliográfica e Presenças e ações indígenas no Alto Tapajós: História e Memória, que estão ligados ao Projeto de Pesquisa “As presenças e ações indígenas no Serviço de Proteção aos Índios (SPI) na Fronteira Oeste do Pará: do Mato Grosso ao Amazonas”. Este projeto de pesquisa tem carga-hora alocada de 10 horas pela Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica de acordo com a portaria nº 046 de 14 de junho de 2013.

2.17.5. Secretaria Acadêmica

As atividades referentes ao controle e registro dos diversos aspectos relacionados aos discentes do curso de Antropologia da UFOPA, matrícula e registro dos estudantes, lançamento de notas, emissão de histórico e extratos, programas de disciplinas, confecção de diplomas, inscrições no ENADE, recepção e encaminhamento de requerimentos, entre outras, é realizada na secretaria Acadêmica do Instituto de Ciências da Sociedade.

A equipe para os assuntos educacionais é composta por duas técnicas em assuntos educacionais, um pedagogo, além de 06 assistentes em administração e 03 bolsistas. A coordenação fica a cargo do pedagogo, no Campus Amazônia, 2º andar. Sala 216.

O pedagogo e as técnicas em assuntos educacionais desenvolvem atividades de coordenação da secretaria: atualização da legislação, coordenar as atividades de ensino, planejamento e orientação da FII (junto com professores do ICS), organização de horários da FII ICS, Acompanhamento e atualização do cadastro dos alunos da FII no sistema SIGAA, Coordenação das atividades realizadas pelos assistentes em administração, e assessorar nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, incentivar a reformulação dos PPCs dos cursos de graduação do Instituto, além das atividades previstas no documento em anexo e atividades correlatas ao cargo em que fez o concurso público para a UFOPA.

Já os assistentes em administração fazem o acompanhamento e atualização no sistema SIGAA do percurso acadêmico dos alunos vinculados aos programas, organização de informações referentes aos programas, atendimento aos alunos vinculados aos programas além das atividades previstas no documento em anexo e atividades correlatas ao cargo em que fez o concurso público para a UFOPA. E os bolsistas auxiliam nas atividades.

2.17.6. Descrição Geral das Atribuições da Secretaria Acadêmica

- a) Desenvolver ações conjuntas com a PROEN;
- b) Desenvolver ações conjunta com os Programas/Cursos e Direção do ICS, a fim de garantir a oferta dos cursos de graduação com qualidade;
- c) Estimular, assessorar e acompanhar a (re)elaboração de Projetos Pedagógicos dos cursos de graduação;
- d) Estimular a qualificação do corpo docente junto às Programas e Cursos;
- e) Orientar e acompanhar as Comissões de Avaliações, para que seja efetivada a avaliação interna dos Cursos de Graduação a cada final de período letivo;
- f) Organizar a semana de avaliação e planejamento a cada período letivo;
- g) Estimular os cursos na elaboração de projetos acadêmicos, que assegurem a participação de alunos e professores;
- h) Promover atividades acadêmicas, com a finalidade de reflexão sobre o ensino ofertado no ICS;
- i) Estimular a participação dos discentes em diferentes projetos de ensino, principalmente nos de monitoria.
- j) Levantamento e acompanhamento da situação acadêmica dos cursos;

- k) Incentivar e apoiar os cursos na elaboração de projetos de ensino, para concorrer a editais internos e externos;
- l) Estimular os cursos a realizarem a análise qualitativa dos dados resultados das avaliações dos cursos;
- m) Promover parcerias entre os cursos, a fim de estabelecer uma maior integração das ações pedagógicas;
- n) Apoiar os cursos em atividades que visem o bom funcionamento dos currículos;
- o) Estabelecer discussões com os docentes para estimular a utilização de estratégias e instrumentos adequados de ensino e aprendizagem;
- p) Promover integração dos cursos na realização de atividades acadêmicas;
- q) Participar das reuniões dos Programas e Cursos quando estas tratarem de questões curriculares e quando requerida eventualmente pelas Programas e Cursos;
- r) Manter as Programas e Cursos atualizadas sobre mudanças curriculares;
- s) Incentivar a socialização e registro de práticas inovadoras realizadas pelos professores dos diversos cursos;
- t) Estimular a realização de eventos acadêmicos que visem a integração do ensino, da pesquisa e da extensão;
- u) Acompanhar e subsidiar as Programas e Cursos nas discussões da oferta dos cursos de graduação no Processo Seletivo Seriado;
- v) Acompanhar o Processo Seletivo para F2 e programas do ICS;
- w) Acompanhar junto ao SIGAA, a cada período letivo, o lançamento de notas dos docentes, com a finalidade de subsidiar a Direção do ICS sobre a situação dos Programas e Cursos.
- x) Manter atualizada a base de dados do SIGAA com dados acadêmicos dos alunos e dos cursos;
- y) Zelar pelo cumprimento do Regulamento da Graduação no ICS de Santarém;
- z) Zelar pelo cumprimento do Calendário Acadêmico;
- aa) Realizar atividades inerentes ao registro acadêmico do aluno.
- bb) Solicitar material permanente e de consumo;
- cc) Organizar processos de compras.

2.17.7. Secretaria Administrativa e Secretaria Executiva

O Instituto conta ainda com as Secretarias Administrativa e a Executiva. A Secretaria Administrativa possui caráter administrativo e está ligada diretamente à Direção do ICS, tem a responsabilidade de assessorar a Direção na composição, acompanhamento e avaliação de planos e projetos voltados a melhorias necessárias ao pleno desenvolvimento das atividades acadêmico-administrativas do ICS.

A Secretaria Administrativa está composta por dois setores: Setor de Gestão e pelo Setor de Patrimônio e conta com uma administradora e uma assistente técnica administrativa, além de uma bolsista para auxiliar nos trabalhos. Entre suas atribuições:

Diárias e Passagens:

- a) Orientar os servidores e discentes do instituto sobre processos de solicitação de diárias, passagens e auxílio financeiro;
- b) Elaborar conforme orientações da PROAD, processos de solicitações de diárias, passagens e auxílio financeiro estudantil,
- c) Elaborar processos de afastamento do país;
- d) Encaminhar relatórios de viagem à PROAD;

Pessoal

- a) Receber e conferir a folha de ponto ao final de cada mês, para preenchimento do Boletim de Frequência Mensal e posterior encaminhamento à DGDP;
- b) Praticar os demais atos e medidas que se enquadrarem nas atribuições próprias do Setor;

Orçamento – Elaboração, Planejamento e Controle:

- a) Coordenar, dirigir e supervisionar os assuntos relativos à gestão orçamentária, financeira e patrimonial do ICS-UFOPA;
- b) Executar o gerenciamento orçamentário e a organização de pedidos de liberação de recursos orçamentários;
- e) Acompanhar e controlar a execução orçamentária do ICS;
- f) Receber, conferir e manter atualizado o arquivo de documentos emitidos por todos os programas/cursos do ICS de Santarém, relativos a orçamentos, pagamentos e prestação de contas;

- g) Elaborar a prestação de contas do ICS;
- h) Elaborar relatórios financeiros parciais e gerais do ICS;
- i) Elaborar o cronograma financeiro de desembolso mensal e anual;
- j) Assessorar os Programas e Cursos do *ICS* nos assuntos relativos à sua área de atuação;
- k) Promover o controle de gastos do *ICS*;
- l) Controlar e elaborar demonstrativos e gráficos referentes à execução orçamentária e financeira do *ICS*; e,
- m)** Classificar a despesa quanto à sua natureza, identificando a categoria econômica, o grupo de despesas a que pertence a modalidade de aplicação;

2.17.8. Patrimônio e materiais de consumo:

- a) Organizar e manter o cadastro de patrimônios do ICS;
- b) Proceder à conferência dos bens móveis para fins de inventário;
- c) Orientar os Programas e Cursos sobre a utilização dos materiais permanentes;
- d) Fiscalizar os Programas e Cursos no tocante ao cumprimento das normas de conservação e segurança dos bens móveis e imóveis;
- e) Providenciar o registro, relatório e demais documentações no que se refere a patrimônio;
- f) Conferir toda a entrega de material permanente e material de consumo;
- g) Elaborar relatórios de pendências de bens;
- h) Organizar, coordenar, executar e controlar os serviços de aquisição, recepção e armazenagem de materiais;
- i) Controlar o consumo de materiais, estabelecendo níveis de estoque adequados;
- j) Organizar, coordenar e controlar pedidos de materiais dos Programas e Cursos solicitantes;
- k) Emitir relatórios para controle de consumo de materiais;
- l) Efetuar levantamento de dados estatísticos relativos às atividades de aquisição, previsão e controle, recepção de materiais e equipamentos e,
- m)** Praticar os demais atos e medidas que se enquadrarem nas atribuições próprias do Setor;

Já a Secretaria Executiva que dispõem de dois técnicos administrativos e dois bolsistas para auxiliar nos trabalhos desempenham as seguintes funções:

- a) Auxiliar a divulgação dos eventos;
- b) tramitação de documentos oficiais;
- c) participação em banca avaliadora para recrutamento de bolsistas;
- d) Auxiliar na execução de tarefas administrativas
- e) Arquivar e atualizar dados do instituto
- f) Manutenção de arquivos de documentos físicos e eletrônicos da sec.executiva;
- g) Gerenciar informações e elaborar documentos (memorando, ofício, requerimento etc.);
- h) Auxiliar em atividades de escritório;
- i) Gerenciar e consolidar demandas dos programas para encaminhamento aos setores competentes;(relatório final, probatório, plano de concurso etc.);
- j) Gerenciar e consolidar a elaboração do relatório final do Instituto.
- k) Identificar o assunto e a natureza de documentos;
- l) Classificar e encaminhar documentos aos setores cabíveis;
- m) Ler documentos;
- n) levantar informações;
- o) consultar outros departamentos;
- p) solicitar materiais para secretaria executiva e direção.

3. DOCENTES

3.1. QUADRO DE TITULAÇÃO E FORMAÇÃO ACADÊMICA DOCENTE

NOME	TITULAÇÃO	REGIME	FUNÇÃO
Amadeu de Farias Cavalcante Junior	Doutorado	Integral	Docente
Andrei Santos De Moraes	Doutorado	Integral	Docente
ANGELA MARIA GARCIA	Doutorado	Integral	Docente
ANNE RAPP PY DANIEL	Mestrado	Integral	Docente
CARLA RAMOS	Mestrado	Integral	Docente
Celia Regina da Silva	Doutorado	Integral	Docente
CLAIDE DE PAULA MORAES	Doutorado	Integral	Docente
FLORENÇIO ALMEIDA VAZ FILHO	Doutorado	Integral	Docente
LILIAN REBELLATO	Doutorado	Integral	Docente
LUCIANA BARROSO COSTA FRANÇA	Doutorado	Integral	Docente
LUCIANA GONCALVES DE CARVALHO	Doutorado	Integral	Docente
LUCYBETH CAMARGO DE ARRUDA	Doutorado	Integral	Docente
Luiz Carlos Laurindo Junior	Mestrado	Integral	Docente
MYRIAN SA LEITAO BARBOZA	Mestrado	Integral	Docente
Nirson Medeiros Da Silva Neto	Doutorado	Integral	Docente
PEDRO FONSECA LEAL	Doutorado	Integral	Docente
Raimunda Nonata Monteiro Da Silva	Doutorado	Integral	Docente
RAONI BERNARDO MARANHÃO VALLE	Doutorado	Integral	Docente
Ricardo Scoles Cano	Doutorado	Integral	Docente
RUBENS ELIAS DA SILVA	Doutorado	Integral	Docente
Sandro Augusto Viegas Leão	Mestrado	Integral	Docente
PARIDE BOLLETTIN	Doutorado	Integral	Docente

HELENA MOREIRA SCHIEL	Mestrado	Integral	Docente
GABRIELA PRESTES CARNEIRO	Mestrado	Integral	Docente
RAIANA MENDES FERRUGEM	Mestrado	Integral	Docente
CINTHIA DOS SANTOS MOREIRA BISPO	Mestrado	Integral	Docente

Obs: os docentes vinculados diretamente ao PAA aparecem em caixa alta (12 docentes); com iniciais maiúsculas aparecem os docentes indiretamente vinculados ao PAA através da Formação Interdisciplinar 1 e 2 do CFI/ICS, no primeiro e segundo semestres, ou através de disciplinas específicas ministradas nos demais semestres dos cursos do Programa (09 docentes); total: 21 docentes.

3.2. QUADRO DE PROFESSOR POR DISCIPLINA

Período	Disciplinas Obrigatórias	Professores	Titulação
1º	Origem e Evolução do Conhecimento	Andrei Santos de Moraes	Doutor
1º	Sociedade Natureza e Desenvolvimento	Anne Rapp Py-Daniel, Carla Ramos, Angela Maria Garcia, Rubens Elias Da Silva	Mestre, Mestre, Doutora, Doutor
1º	Estudos Integrativos da Amazônia	Ricardo Scoles Cano	Doutor
1º	Lógica Linguagem e Comunicação	Celia Regina da Silva	Doutora
1º	Seminários Integradores	Celia Regina da Silva	Doutora
1º	Interação na Base Real	Celia Regina da Silva	Doutora
2º	Formação Social Política e Econômica do Brasil	Raimunda Nonata Monteiro da Silva, Amadeu de Farias Cavalcante Júnior	Doutora, Doutor
2º	Introdução à Ciência do Direito	Nirson Medeiros Da Silva Neto	Doutor

2°	Saber Local e Diversidade Cultural	Carla Ramos, Pedro Fonseca Leal, Florêncio Almeida Vaz Filho, Luciana Gonçalves de Carvalho, Lucybeth Camargo de Arruda	Mestre, Doutor, Doutor, Doutora, Doutora
2°	Introdução à Arqueologia	Anne Rapp Py-Daniel, Claide de Paula Moraes, Lilian Rebellato, Raoni Bernardo Maranhão Valle	Mestre, Doutor, Doutora, Doutor
2°	Economia Política	Sandro Augusto Viegas Leão	Mestre
2°	Métodos, Instrumentos e Técnicas de Pesquisa	Florêncio Almeida Vaz Filho	Doutor
3°	Etnohistória	Anne Rapp Py-Daniel, Lucybeth Camargo de Arruda	Mestre, Doutora
3°	Teoria Antropológica I	Angela Maria Garcia, Carla Ramos	Doutora, Mestre
3°	História e Teoria da Arqueologia	Lilian Rebellato, Anne Rapp Py-Daniel	Doutora, Mestre
3°	Introdução à Etnografia	Carla Ramos, Luciana Gonçalves de Carvalho	Mestre, Doutora
3°	Introdução à Prática de Campo em Arqueologia	Claide de Paula Moraes, Gabriela Prestes Carneiro	Doutor, Mestre
3°	Relações Ciência, Tecnologia e Sociedade	Luciana Gonçalves de Carvalho, Pedro Fonseca Leal	Doutora, Doutor
4°	Teoria Antropológica II	Angela Maria Garcia, Pedro Leal	Doutora, Doutor
4°	Teoria Sociológica I	Angela Maria Garcia, Pedro Fonseca	Doutora, Doutor,

		Leal e Rubens Elias da Silva	Doutor
4°	Etnologia Indígena	Luciana Barroso Costa França, Florêncio Vaz Filho, Paride Bollettin, Helena Schiel	Doutora, Doutor
4°			
4°	Optativa de Formação Específica I		
4°	Optativa de Formação Livre I		
5°	Métodos Quantitativos e Qualitativos	Angela Maria Garcia, Pedro Fonseca Leal	Doutor, Doutor
5°	Teoria Antropológica III	Luciana Barroso França e Angela Maria Garcia	Doutora, Doutora
5°	Teoria Sociológica II	Pedro Fonseca Leal e Rubens Elias da Silva	Doutor, Doutor
5°	Optativa de Formação Específica II		
5°	Optativa de Formação Específica III		
5°	Optativa de Formação Complementar II		
5°	Optativa de Formação Livre II		
6°	Antropologia no Brasil	Lucybeth Camargo de Arruda, Helena Schiel	Doutor
6°	Narrativas Etnográficas	Luciana Gonçalves Carvalho, Helena Schiel	Doutor
6°	Teoria Antropológica IV	Florêncio Vaz Filho; Paride Bollettin; Raiana Ferrugem, Helena Schiel	Doutor
6°	Optativa de Formação Específica III		
6°	Optativa de Formação Complementar		

	III		
6°	Optativa de Formação Livre III		Mestre
7°	Redação de Textos Técnico-Científicos	Florêncio Almeida Vaz Filho	Doutor
7°	Optativa de Formação Específica IV		
7°	Optativa de Formação Específica V		Mestre
7°	Optativa de Formação Complementar IV		
7°	Optativa de Formação Complementar V		
7°	Optativa de Formação Livre IV		
8°	Seminário TCC	Luciana Gonçalves Carvalho	
8°	Optativa de Formação Específica VI		Mestre
	Optativa de Formação Específica VII		
	Optativa de Formação Específica VIII		
	Optativa de Formação Complementar VI		
	Optativa de Formação Livre V		
9°	Trabalho de Conclusão de Curso	Lucybeth Camargo de Arruda, Pedro Fonseca, Luciana G. Carvalho, Luciana Barroso França, Florêncio de Almeida Vaz Filho, Angela Maria Garcia, Carla Ramos, Myrian Sá Barbosa, Paride Bolletin, Helena Scheil, Raiana Ferrugem	Doutora, Doutor Doutora, /Doutora , Doutor, Doutora, Mestre, Mestre, Doutor, Mestre, Mestre

3.3. Disciplinas Optativas de Formação Específica Oferecidas até o semestre 2014/1 pelos Professores do PAA

Período	Disciplina Optativas	Professores	Titulação
4°	Terras Pretas e Terras Mulatas, História de Formação e Uso	Lilian Rebellato	Doutora
4°	Arqueologia Experimental	Claide de Paula Moraes, Raoni Bernardo Maranhão Valle	Doutor, Doutor
4°	Antropologia na Amazônia	Florêncio Almeida Vaz Filho, Lucybeth Camargo de Arruda	Doutor, Doutora
4°	Estudos Afro-Brasileiros	Carla Ramos, Angela Maria Garcia	Mestre, Doutora
4°	Cinema e Antropologia	Luciana Barroso Costa França	Doutora
4°	Pré-História Geral	Anne Rapp Py-Daniel, Gabriela Prestes Carneiro	Mestre, Mestre
4°	História da Amazônia	Luiz Carlos Laurindo Junior	Mestre
5°	Perspectivismo Ameríndio	Luciana Barroso Costa França	Doutora
5°	Sociedades Camponesas	Pedro Fonseca Leal	Doutor
5°	Educação Indígena	Luciana Barroso Costa França	Doutor
5°	Técnicas de Registro Visual de arte Rupestre	Raoni Bernardo Maranhão Valle	Doutor
5°	Estudos Afro-Brasileiros II	Carla Ramos, Angela Maria Garcia	Mestre
5°	Seminários em Terras Pretas	Lilian Rebellato	Doutora

5°	Arqueologia Brasileira	Claide de Paula Moraes, Gabriela Prestes Carneiro	Doutor, Mestre
5°	Arqueologia Amazônica	Lílian Rebellato	Doutora
5°	Introdução aos Estudos de Arte Rupestre	Raoni Bernardo Maranhão Valle	Doutor
6°	Curadoria, Conservação e Restauro na Arqueologia	Claide de Paula Moraes	Doutor
6°	Introdução à Anatomia Comparada e Preparação de Coleções Osteológicas	Gabriela Prestes Carneiro	Mestre
6°	Gênero, Política e Sexualidade	Carla Ramos	Mestre
6°	Antropologia Política	Pedro Fonseca Leal	Doutor
6°	Antropologia Econômica	Pedro Fonseca Leal	Doutor
6°	Relações Étnico-Raciais	Carla Ramos, Angela Maria Garcia	Mestre, Doutora
6°	Prática de Campo em Arqueologia	Lilian Rebellato	Doutor
6°	Geoarqueologia	Lilian Rebellato	Doutor
6°	Cartografia	Frederico dos Santos Gradella	Doutor
7°	Análise de Material Lítico	Claide de Paula Moraes	Doutor
7°	Antropologia Urbana	Pedro Fonseca Leal	Doutor
7°	Antropologia da Religião	Florêncio Almeida Vaz Filho	Doutor
7°	Antropologia e História	Lucybeth Camargo de Arruda	Doutora
7°	Redação de Textos Técnicos e Científicos	Florêncio Almeida Vaz Filho	Doutor

7º	Zooarqueologia	Gabriela Prestes Carneiro	Mestre
7º	Etnoarqueologia	Raoni Bernardo Maranhão Valle	Doutor
7º	Projeto de Pesquisa	Myrian Sá Leitão Barbosa	Mestre
8º	Antropologia Visual	Lucybeth Camargo de Arruda	Doutora
8º	Museus, Coleções e Conhecimento	Luciana Gonçalves de Carvalho	Doutora

3.4. Núcleo Docente Estruturante – Composição do NDE

O núcleo docente estruturante (NDE) do curso de Antropologia da Universidade Federal do Oeste do Pará foi constituído visando ao desenvolvimento adequado e eficiente do curso supracitado. O NDE tem autonomia para propor mudanças e adequações no Projeto Político do Curso (PPC) e sua implementação prática de acordo com o disposto na resolução nº 01/2010 - CONAES. O NDE realiza reuniões mensais, em conjunto com o núcleo docente estruturante do curso de Arqueologia, para discutir, debater, construir e reconstruir o referido documento. Após a elaboração e seguidas discussões junto ao corpo docente do curso e aprovação do PPC, o NDE tem acompanhado a realização dos pontos relevantes para o encaminhamento técnico político, científico e cultural do curso. O NDE tem atuado, assim, na elaboração e avaliação do PPC, verificando as fragilidades e potencialidades do curso, propondo alterações, quando necessário e refletindo sobre as necessidades pertinentes ao funcionamento do curso.

A atual composição do NDE, designada pela portaria Nº 04 de 03 de Fevereiro de 2012, com alterações propostas e aprovadas em reuniões do Colegiado do Programa de Antropologia e Arqueologia, registradas em atas e encaminhadas às instâncias competentes por via dos Memorandos n. 02/2013 de 04 de Janeiro de 2013 e n. 48/2013 de 24 de Abril de 2013, que gerou a Portaria Nº 1.777, de 1º de Agosto de 2014, é a seguinte:

1. Profa. Lucybeth Camargo Arruda, doutora em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas.
2. Profa. Ângela Maria Garcia, doutora em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense.

3. Profa. Luciana Barroso Costa França, doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
4. Prof. Pedro Fonseca Leal, doutor em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense.
5. Prof. Florêncio Almeida Vaz Filho, mestre em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
6. Profa. Carla Ramos, mestre em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

4. INFRAESTRUTURA

Os professores do curso de bacharelado em Antropologia da UFOPA, que está sediado no Programa de Antropologia e Arqueologia, contam, para suas atividades, com três (3) salas que são utilizadas de forma compartilhada com os docentes do curso de bacharelado em Arqueologia. Os espaços estão assim organizados: Uma sala de cerca de 8m² com capacidade para 2 docentes; e duas salas de cerca de 13 m², com capacidade para 4 docentes cada.

As salas estão equipadas com mesas, cadeiras, computadores e armários, destinados individualmente a cada docente. As salas apresentam condições de iluminação, refrigeração e limpeza, adequadas. O acesso às instalações é feito por escadas e elevadores. Nesses espaços são destinados à preparação de aulas, correção de avaliações, pequenas reuniões de orientação quando há um dos espaços vazio etc.

Em tempo parcial dedicado à pesquisa (20 horas), cinco professores do bacharelado de Antropologia compartilham duas salas de 68 m² (distribuição três e dois professores) para o desenvolvimento de projetos de pesquisa e orientação de planos de trabalho para alunos que estão desenvolvendo pesquisa de iniciação científica em nível de graduação e ensino médio (PIBIC/UFOPA; PIBIC/FAPESP e PROEXT). Os professores que não estão diretamente vinculados ao Programa de Antropologia e Arqueologia utilizam os espaços docentes dos cursos e institutos de origem.

4.1. SALAS DE AULA

Alunos e professores do curso de Antropologia contam com duas salas para aulas, que são usadas de forma compartilhada com os outros cursos que constituem o ICS, estando assim organizada a sua utilização:

Salas 308 – Com 68 M² e Sala 312 – Com 69,9 M² e capacidade para 50 alunos cada, são utilizadas pelo curso de Arqueologia nos períodos da manhã e da tarde, estando reservadas no turno da noite e aos sábados aos cursos de Ciências Econômicas e de Gestão e Desenvolvimento Regional. Ambas, estão equipadas com data-show e apresentam condições de conservação, limpeza, iluminação, acústica e refrigeração no limite do adequado. O acesso às instalações é feito por escadas e elevadores.

4.2. INSTALAÇÕES PARA DOCENTES DO CURSO

Atualmente, os docentes do curso de Antropologia contam com três salas de

professores de uso compartilhado entre os cursos (bacharelados em Antropologia e Arqueologia que estão lotados no Instituto de Ciências da Sociedade/ICS, da UFOPA. Está prevista para o início do semestre 2014/2, mais uma sala de professores de uso compartilhado com os cursos (bacharelado em Ciências Econômicas e bacharelado em Planejamento e Desenvolvimento Regional, vinculados ao Programa de Ciências Econômicas e Desenvolvimento Regional/PCEDR, e bacharelado em Direito, vinculado ao Programa de Ciências Jurídicas/PCJ) que formam o Instituto de Ciências da Sociedade/ICS, da UFOPA.

4.3. INSTALAÇÕES PARA COORDENAÇÃO DO CURSO

Na atual estrutura administrativa da UFOPA, o curso de bacharelado em Antropologia está vinculado ao Programa da Antropologia e Arqueologia, contando apenas com o coordenador do Programa, que acumula a função tanto de coordenador do bacharelado em Antropologia como de coordenador do bacharelado em Arqueologia. Para o exercício de suas funções do coordenador do Programa de Antropologia e Arqueologia, que responde pelos dois cursos, dispõe de uma sala com cerca de 10m², equipada com uma mesa três cadeiras, um computador e um armário.

A coordenadora do Programa de Antropologia e Arqueologia conta com 01 funcionário ligado diretamente à coordenação e 01 estagiário no período matutino. Ainda para o atendimento à coordenação, aos professores e aos alunos, dependendo da demanda, há a estrutura das secretárias acadêmica e administrativa em nível de Instituto.

A sala da coordenação possui condições de iluminação, acústica, ventilação e comodidade, adequados. O acesso às instalações é feito por escadas e elevadores.

4.4. AUDITÓRIOS

Os auditórios da Universidade são de uso comum de todos os cursos, dependendo apenas de agendamento prévio. No campus Tapajós o auditório é equipado com sistema interno de som, telão, projetor de imagens e cadeiras para 600 pessoas. O espaço do auditório é reversível podendo ser transformado em dois auditórios para 300 pessoas. No campus Marechal Rondon o auditório está equipado com sistema de som, projeção de imagens e lugares para 200 expectadores.

4.5. BIBLIOTECA

A UFOPA dispõe de 3 bibliotecas na Sede e 1 no Campus de Oriximiná. O Instituto de Ciências da Sociedade possui uma Biblioteca para todos os seus Programas, de modo que o Curso de Antropologia compartilha da Biblioteca do Instituto.

Biblioteca do Campus Rondon (Central)

Tem uma área total de 372,80 m², dividida em Térreo: Hall, banheiros feminino e masculino; recepção/atendimento, escada, elevador para PNE, armário para guarda-volumes e área específica para acervo, acondicionado em mobiliário adequado para sua organização.

No 1º piso localiza-se: 1 sala para Direção, 2 salas para o processamento técnico, 1 sala de guarda de acervo, 1 sala de estudo em grupo para até 8 pessoas, equipado com TV e data show e mais área de estudo, estruturado com 3 cabines individuais de estudo, 9 cabines com computadores para acesso a internet e 7 mesas de estudo coletivo, 18 mesas de estudo individual e 7 estantes para periódicos.

Tem em sua estrutura câmeras de segurança instaladas no térreo e 1º piso, apresenta iluminação e climatização em condições satisfatórias, sendo realizadas limpezas diariamente em todos os ambientes.

Biblioteca da Unidade Tapajós

Conta com uma área total de 274,22 m² que se divide em: 1 Hall de entrada, com balcão para atendimento aos usuários; armários guarda-volumes; 1 sala com o acervo bibliográfico do campus, acondicionado em mobiliário adequado para sua organização, numa área de 57,62 m²; Área para estudo coletivo e 3 sala para estudo em grupo (até 6 pessoas); 1 sala com 20 cabines individuais de estudo, 5 computadores para acesso a internet e 9 mesas para estudo individual; 1 sala administrativa, para o processamento técnico do material bibliográfico e audiovisual. Apresenta iluminação e climatização em condições satisfatórias.

Biblioteca da Unidade Amazônia (ICS)

Conta com uma área total de 197,13 (m²) que se divide em: 1 Hall de entrada com balcão para atendimento aos usuários, dispondo de armário guarda-volumes; 1 sala de estudo em grupo (até 8 pessoas, com TV e data show); 4 computadores para acesso à internet; 1 sala administrativa, para o processamento técnico do material bibliográfico e audiovisual, com 1

banheiro interno e 1 copa; 1 sala com o acervo bibliográfico do campus, numa área de 67,76m²; área para estudo coletivo, com 11 cabines individuais para estudo e mesas para estudo em grupo; banheiros feminino e masculino.

4.6. LABORATÓRIOS

4.6.1. Laboratórios de Informática

A instituição oferece acesso à informática no primeiro andar do prédio, onde funciona um laboratório de informática, com 65, 4m² com capacidade para 25 alunos. Os dias de funcionamento são de segunda a sexta-feira, e os horários de atendimentos aos discentes ocorrem em dois (02) turnos: matutino e vespertino. O laboratório pode ser utilizado também aos sábados, mediante reserva e presença de um docente da instituição. O laboratório é de uso compartilhado. Nos computadores, os alunos contam com sistema Linux e Microsoft. O Programa de Antropologia e Arqueologia possui máquina fotográfica, filmadora, notebooks e aparelhos de data-show que são disponibilizados para os professores e alunos para viagem de trabalho de campo e quando necessário para o uso em sala de aula. A instituição também oferece acesso à informática aos discentes, junto à Biblioteca do Campus Rondon. Os dias de funcionamento são de segunda a sexta-feira, e os horários de atendimentos aos discentes ocorrem nos três (03) turnos de funcionamento da instituição: matutino, vespertino e noturno. Além disso, a comunidade acadêmica dispõe de acesso à rede Wi-Fi em todos campus (Amazônia, Tapajós e Rondon). Através do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas – SIGAA – o estudante pode acompanhar seu percurso acadêmico, tendo acesso às suas informações cadastrais, histórico acadêmico, disciplinas matriculadas, rendimento, entre outros.

4.7. CONDIÇÕES DE ACESSO PARA PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

O curso de Antropologia da Universidade Federal do Oeste do Pará funciona em um prédio situado na Avenida Mendonça Furtado nº 2.949, bairro de Fátima, locado, atualmente, exclusivamente para a UFOPA.

O prédio atende as normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida. A estrutura atual possui dois elevadores os quais permitem o acesso a todos os setores da instituição, dentre eles salas de aula, bibliotecas, auditórios, laboratórios, áreas de lazer e sanitários. Ambos elevadores são submetidos à manutenção alternada garantindo o funcionamento permanente.

Os banheiros são adaptados e seguem o padrão legal exigido. Destacamos ainda que após participação de representantes da UFOPA no “Seminário Incluir” em Brasília (ano de 2013), foi feita socialização das informações no Seminário de Acessibilidade no âmbito da Ufopa, em seguida foi instituído o Grupo de Trabalho (GT) Pró Acessibilidade, Portaria nº 1.293, de 12 de Agosto de 2013, com a participação de setores estratégicos, nos quais incluem unidades Acadêmicas e Administrativas da Ufopa e posterior realização de reuniões periódicas; Realização do I Seminário de Acessibilidade da Ufopa no de 2013 com a participação da Profa. Martinha Clarete Dutra dos Santos (SECADI/MEC) e do Prof. Evandro Guimarães (UFMA), Parceria com o Grupo de Estudos e Pesquisa de Surdos da Ufopa (GEPES).

Em abril de 2014 foi instituído o Núcleo de Acessibilidade da Ufopa, sua composição conta com a participação de setores estratégicos da Universidade. Este Núcleo tem como objetivos: discutir e instituir políticas institucionais de Acessibilidade no âmbito da Ufopa.

4.8. INFRAESTRUTURA DE SEGURANÇA

A segurança da UFOPA é realizada por uma empresa terceirizada sendo supervisionada pela Diretoria de Segurança que está vinculada à Superintendência de Infraestrutura.

Na Unidade Amazônia onde se localiza o curso de Antropologia existem cinco postos de serviço:

- o posto de serviço do setor administrativo/CFI: 01 posto de serviço de jornada de trabalho de 24h, composto por 04 vigilantes armados trabalhando 12X36h, 01 diariamente por turno.
- Posto de serviço do ICS/PROCCE: 01 posto de serviço de jornada de trabalho de 24h, composto por 04 vigilantes armados trabalhando 12X36h, 01 diariamente por turno.
- Posto de serviço da garagem: 01 posto de serviço de jornada de trabalho de 24h, composto por 04 vigilantes armados trabalhando 12X36h, 01 diariamente por turno.
- Posto de serviço da Reitoria: 01 posto de serviço de jornada de trabalho de 24h, composto por 04 vigilantes armados trabalhando 12X36h, 01 diariamente por turno.
- Posto de serviço do Prédio Anexo/ICTA: 01 posto de serviço de jornada de trabalho de 24h, composto por 04 vigilantes armados trabalhando 12X36h, 01 diariamente por turno.

4.9. APOIO AOS DISCENTES

A Política de Assistência Estudantil na UFOPA é um arcabouço de princípios e diretrizes que orientam a elaboração e implementação de ações que garantam o acesso, a permanência e a conclusão de curso dos estudantes com vistas à inclusão social, formação plena, produção de conhecimento, melhoria do desempenho acadêmico e ao bem estar biopsicossocial.

A regulamentação e estruturação da Política de Assistência Estudantil na UFOPA seguirá aos princípios gerais do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), Decreto nº 7.234/2010, do Ministério da Educação, compreendendo: A afirmação da Educação como uma política de Estado; Gratuidade do ensino; Igualdade de condições para o acesso, permanência e conclusão de curso na UFOPA; Formação ampliada na sustentação do pleno desenvolvimento integral dos estudantes; Garantia da democratização e da qualidade dos serviços prestados à comunidade estudantil; Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; Orientação humanística e preparação para o exercício pleno da cidadania; Defesa em favor da justiça social e eliminação de todas as formas de preconceitos; Pluralismo de ideias e reconhecimento da liberdade como valor ético central; e Integração com as atividades fins da UFOPA: ensino, pesquisa e extensão.

Na busca de se iniciar uma política da Assistência Estudantil já estão implantados na UFOPA, os Programas de Permanência Estudantil, Bolsa de Língua Estrangeira Inglesa e os Jogos Internos da UFOPA. Destes, vamos especificar o Programa de Permanência Estudantil da UFOPA que está implementado na forma de repasse de auxílios financeiros aos discentes caracterizados como em situação de vulnerabilidade social, e que, portanto, não possuam condição de arcar com o custeio total de suas despesas com alimentação, moradia, aquisição de material didático e transporte. Esse programa inclui os estudantes indígenas, ingressos por um Processo Seletivo Especial, em que são consideradas as condições étnicas dos estudantes.

Estas ações estão desde dezembro de 2012 sob a gestão da Pró-Reitoria da Comunidade, Cultura e Extensão, através de sua Diretoria da Comunidade, Cultura e Esporte. Por ser uma Pró-Reitoria recém-criada, parte significativa das ações de atendimento aos estudantes ainda estão em fase de planejamento para implementação.

Entre as atribuições da Diretoria Comunidade, Cultura e Esporte está o desenvolvimento de ações e atividades que favoreçam a melhoria no nível de satisfação do aluno e a sua integração com a Instituição. É um órgão técnico-científico, que deve atuar nas esferas psicopedagógica e social. Deve desenvolver programas e ações que favoreçam o envolvimento dos alunos na dinâmica do processo ensino-aprendizagem para a adaptação e permanência no Ensino Superior. A UFOPA oferece ainda, serviço de Ouvidoria, com atendimento à comunidade interna e externa através de e-mail, telefone e atendimento presencial, visando o bem estar das pessoas envolvidas, com imparcialidade, ética e sigilo. Este setor é classificado como um Órgão Suplementar, ainda ligado diretamente à reitoria, porém com o repasse das demandas aos setores competentes.

É possibilitado aos discentes bolsas de monitoria e de iniciação científica (PIBIC), PIBIT, PIBID, cuja seleção de bolsistas ocorre por meio de edital específico, que levam em consideração principalmente o desempenho acadêmico.

O Programa de Antropologia e Arqueologia possui 29 bolsistas desenvolvendo pesquisas de iniciação científica PIBIC/UFOPA, PROEXT-UFOPA, PIBIC/FAPESPA, PIBEX, PIBIC/CNPq, PROEXT/IPHAN e alunos do Ensino Médio com bolsas PIBIC-EM. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio desempenha uma função importante de disseminação e dos conhecimentos científicos para os estudantes do Ensino Médio. Especialmente, os bolsistas do Programa de Antropologia e Arqueologia vinculados ao PIBIC-EM, são estudantes das comunidades quilombolas do município de Santarém. Essa escolha é reflexo direto da atenção que temos em relação à promoção das ações afirmativas no interior das universidades brasileiras de maneira geral e, da Ufopa particularmente. A inclusão dos estudantes negros e indígenas no ensino superior e na pesquisa são pontos relevantes que atravessam as ações dos docentes do Programa de Antropologia e Arqueologia permanentemente.

Os alunos do programa também são assistidos pela bolsa permanência. Nos últimos dois anos, seis discentes do programa de Antropologia e Arqueologia foram contemplados com bolsas de mobilidade externa nacional, participando de atividades de ensino e pesquisa nas seguintes instituições (USP, UFSC, UFF, UFRRJ). A instituição, através do Programa de Antropologia e Arqueologia, destina também recursos para a saída de discentes para participar de congressos nacionais e internacionais.

Para a renovação de matrícula a IES oferece a possibilidade do acompanhamento individualizado das disciplinas em sua matriz curricular, quando os coordenadores de curso,

junto à sua equipe de professores, realizam o aconselhamento de matrícula, momento em que aluno é orientado para que o curso seja conduzido adequadamente.

Além desse acompanhamento pedagógico, a coordenação do Programa de Antropologia e Arqueologia realiza reuniões a cada início de semestre com os alunos com a intenção de incluí-los nas discussões e planejamentos referente aos cursos. Nas reuniões ordinárias do colegiado de curso há uma cadeira com direito a voz e voto do representante dos discentes, um de Antropologia e um de Arqueologia.

5. ATO AUTORIZATIVO

PORTARIA: nº 141

DATA DO DOCUMENTO: 19/02/2013

DATA DE PUBLICAÇÃO: 26/02/2013

DATA DE CRIAÇÃO DO CURSO: 19/02/2013

DATA EM QUE O CURSO INICIOU: 01/03/2011

6. REPRESENTAÇÃO GRÁFICA PERFIL DE FORMAÇÃO

1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º
Origem e Evolução do Conhecimento 75h	Formação social, política e econômica do Brasil 60h	Etnohistória 60h	Etnologia Indígena 60h	Métodos Qualitativos 60h	Antropologia no Brasil 60h	Redação de Textos Técnico-Científicos 60h	Seminário TCC 60h	TCC
Sociedade, Natureza e Desenvolvimento 75h	Introdução à Ciência do Direito 60h	Teoria Antropológica I 60h	Teoria Antropológica II 60h	Teoria Antropológica III 60h	Narrativas Etnográficas 60h	Optativa de Formação Específica IV 60h	Optativa de Formação Específica VI 60h	
Estudos Integrativos da Amazônia 75h	Saber local e diversidade cultural 60h	História e Teoria da Arqueologia 60h	Teoria Sociológica I 60h	Teoria Sociológica II 60h	Teoria Antropológica IV 60h	Optativa de Formação Específica V 60h	Optativa de Formação Específica VII 60h	
Lógicas, Linguagens e Comunicação	Introdução à Arqueologia 60h	Introdução à Etnografia 60h	Optativa de Formação Específica I	Optativa de Formação Específica II	Optativa de Formação Específica III	Optativa de Formação Complementar	Optativa de Formação Específica VIII	

90h			60h	60h	60h	IV 60h	60h	
Seminários Integradores 40h	Economia Política 60h	Introdução à Prática de Campo em Arqueologia 120h	Optativa de Formação Complementar I 60h	Optativa de Formação Complementar II 60h	Optativa de Formação Complementar III 60h	Optativa de Formação Complementar V 60h	Optativa de Formação Complementar VI 60h	
Interação com a Base Real 45h	Métodos, instrumentos e técnicas de pesquisa 60h	Relações Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) 60h	Optativa de Formação Livre I 60h	Optativa de Formação Livre II 60h	Optativa de Formação Livre III 60h	Optativa de Formação Livre IV 60h	Optativa de Formação Livre V 60h	
	Atividades Complementares esb 40h							
400h	400h	420h	360h	360h	360h	360h	360h	120h
		Atividades Complementares distribuídas ao						

		longo dos semestres 3º a 8º = 240h
Carga horária total do curso de Bacharelado em Antropologia	3.380h	

Quantidade	Disciplinas	Carga horária
29	Obrigatórias	1780hs
08	Optativas de Formação Específica (ANT)	480hs
06	Optativas de Formação Complementar (ICS)	360hs
05	Optativas de Formação Livre	300hs
	Atividades Complementares	280hs*

	Trabalho de Conclusão de Curso	120hs
Total no Curso de Antropologia		3.380 Hs.

*40 horas de atividades complementares, aqui computadas, são realizadas no âmbito do ICS, durante a Formação Interdisciplinar II, correspondente ao segundo semestre, conforme representação gráfica.

7. DISCIPLINAS OPTATIVAS DE FORMAÇÃO ESPECÍFICA DO CURSO DE ANTROPOLOGIA:

DISCIPLINAS	CARGA HORÁRIA
Antropologia da Arte	60 horas/aulas
Antropologia da Performance	60 horas/aulas
Antropologia da Saúde e da Doença	60 horas/aulas
Antropologia do Desenvolvimento	60 horas/aulas
Antropologia e Oralidade	60 horas/aulas
Antropologia Econômica	60 horas/aulas
Antropologia Jurídica	60 horas/aulas
Antropologia na Amazônia	60 horas/aulas
Antropologia Política	60 horas/aulas
Gênero, Política e Sexualidade	60 horas/aulas
Antropologia Urbana	60 horas/aulas

Antropologia Visual	60 horas/aulas
Cinema e Antropologia	60 horas/aulas
Cultura Popular e Sociabilidades	60 horas/aulas
Educação Indígena	60 horas/aulas
Espaço Urbano na Amazônia	60 horas/aulas
Estudos Afro-Brasileiros	60 horas/aulas
Estudos Afro-Brasileiros II	60 horas/aulas
Estudos do Ritual e Simbolismo	60 horas/aulas
Antropologia da Religião	60 horas/aulas
Indivíduo, Cultura e Sociedade	60 horas/aulas
Memória Social	60 horas/aulas
Perspectivismo Ameríndio	60 horas/aulas
Mitologia Ameríndia	60 horas/aulas

Museus, Coleções e Conhecimentos	60 horas/aulas
Organização Social e Parentesco	60 horas/aulas
Patrimônio Cultural	60 horas/aulas
Políticas Afirmativas e Direitos Humanos	60 horas/aulas
Povos e Comunidades Tradicionais	60 horas/aulas
Relações Interétnicas	60 horas/aulas
Sociedades Camponesas	60 horas/aulas
Sociedades Indígenas na Amazônia	60 horas/aulas
Território e Identidade	60 horas/aulas
Antropologia e História	60 horas/aulas
Representações e Categorias Sociais	60 horas/aulas
Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS	60 horas/aulas
Relações Étnico-raciais	60 horas/aulas



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

8. ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

8.1. MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Componente curricular	Carga Horária (horas)	Ementa	Bibliografia
1º Período (CFI)			
Origem e Evolução do Conhecimento	75 h	Introdução ao pensar filosófico e ao desenvolvimento das ciências – em seus aspectos epistemológicos, teóricos e metodológicos – e promoção da integração do conhecimento e da construção interdisciplinar; abordagem sobre os saberes da tradição filosófica e das tradições locais; exame das	BÁSICA ABRANTES, Paulo César. A ciência moderna e o método experimental. In: Imagens de natureza, imagens de ciência . Campinas: Papyrus, 1998. ABRANTES, Paulo César. Mecanismo e dinamismo como imagens de natureza na ciência moderna. In: Imagens de natureza, imagens de ciência . Campinas: Papyrus, 1998. BRABO, Jesus de N. Cardoso. Elementos de epistemologia e história da ciência. In: SOUZA, Maria de Fátima Matos de; MORAIS, Andrei Santos



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

		<p>complementaridades entre o conhecimento científico e das tradições locais bem como as possibilidades de diálogo entre os saberes.</p>	<p>de (orgs.). Origem e Evolução do Conhecimento - OEC (livro-módulo). Vol. 1. Santarém: UFOPA, 2012.</p> <p>BRAGA, Tony Marcos Porto. Conhecimento Tradicional: conceitos e definições. In: SOUZA, Maria de Fátima Matos de; MORAIS, Andrei Santos de (orgs.). Origem e Evolução do Conhecimento - OEC (livro-módulo). Vol. 1. Santarém: UFOPA, 2012.</p> <p>DIAS, Elizabeth de Assis. Filosofia da Ciência. In: SOUZA, Maria de Fátima Matos de; MORAIS, Andrei Santos de (orgs.). Origem e Evolução do Conhecimento - OEC (livro-módulo). Vol. 1. Santarém: UFOPA, 2012.</p> <p>EPSTEIN, Richard; CARNIELLI, Walter. As bases fundamentais. In: Pensamento crítico – O poder da lógica e da argumentação. São Paulo: Editora Rideel, 2010.</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>KUHN, Thomas S. Sobre a natureza dos paradigmas. In: A tensão essencial. São Paulo: UNESP, 2011.</p> <p>POPPER, Karl R. O problema da demarcação. In: Textos escolhidos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.</p> <p>SANTOS, Boaventura de Sousa. A ecologia dos saberes. In: A gramática do tempo. 2ª ed. São Paulo, Cortez: 2008.</p> <p>VARGAS, João Tristan. Pesquisa, reflexão, extensão: tipos de questões. In: SOUZA, Maria de Fátima Matos de; MORAIS, Andrei Santos de (orgs.). Origem e Evolução do Conhecimento - OEC (livro-módulo). Vol. 1. Santarém: UFOPA, 2012.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>ANDERY, Maria Amália et al. Para compreender a Ciência. 10ª ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/PUC: 2001</p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>BOURDIEU, Pierre. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.</p> <p>CHALMERS, Alan F. O que é ciência, afinal? São Paulo: Brasiliense, 1993.</p> <p>DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R.S.V.; SILVA, V.C.F.; FIGOLS, F.A.B; ANDRADE, D. Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil. In: DIEGUES, A.C. (Org.). Biodiversidade e Comunidades Tradicionais no Brasil. Ministério do Meio Ambiente; COBIO/NUPAUN; Universidade de São Paulo, 2000.</p> <p>GLEISER, Marcelo. A dança do Universo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.</p> <p>GRANJER, Gilles. A Ciência e as Ciências. São Paulo: Editora UNESP, 1994.</p> <p>HESSEN, Johannes. Teoria do Conhecimento. São</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>Paulo: Martins Fontes, 2003</p> <p>JAPIASSU, Hilton. Interdisciplinaridade e Patologia do Saber. RJ: Imago, 1976.</p> <p>JAPIASSU, Hilton. Introdução ao pensamento epistemológico. 7ª. Ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1992.</p> <p>KUHN, Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva: 2003.</p> <p>MACHADO, Roberto. Foucault: A ciência e o saber. 4ª. Ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.</p> <p>MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2007.</p> <p>MORIN, Edgar. Saberes Globais e Saberes Locais: o olhar transdisciplinar. Brasília: CDS/Universidade de Brasília, 2000.</p> <p><u>POPPER, R. Karl.</u> Conhecimento Objetivo: uma</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>abordagem evolucionária. São Paulo: EDUSP, 1975.</p> <p>ROSEMBERG, Alex. Introdução à filosofia da ciência. São Paulo: Loyola, 2005.</p> <p>SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências. 7ª ed. São Paulo, Cortês: 2010</p> <p>VASCONCELLOS, Maria José Esteves. O pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência. Campinas: Papirus, 2002.</p> <p>VASCONCELOS, Eduardo Mourão. Complexidade e Pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa. 4ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.</p>
Sociedade, Natureza e Desenvolvimento	75 h	Sociedade, diversidade cultural, economia e política. Estado, relações de poder e desenvolvimento. Relações sociedade-natureza e a questão ambiental.	<p>BÁSICA</p> <p>BELTRÃO, Jane Felipe; SCHAAN, Denise P.; SILVA, Hilton P. Diversidade Biocultural: conversas sobre antropologia(s) na Amazônia. IN: VARGAS, João Tristan; FARIA, Dóris Santos (Orgs.). Módulo Interdisciplinar Sociedade, Natureza e</p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>Desenvolvimento. Ciclo de Formação Interdisciplinar. 1ª ed. Santarém, Pará: UFOPA, 2010, p. 133-149 (TEXTO N. 06).</p> <p>CASTRO, Edna. Desenvolvimento e Meio Ambiente. IN: VARGAS, João Tristan; FARIA, Dóris Santos (Orgs.). Módulo Interdisciplinar Sociedade, Natureza e Desenvolvimento. Ciclo de Formação Interdisciplinar. 1ª ed. Santarém, Pará: UFOPA, 2010, p. 16-41 (TEXTO N. 01).</p> <p>MOURA, Josilda Rodrigues da Silva de; LIMA, Ivaldo Gonçalves de. Geografia do Brasil. IN: VARGAS, João Tristan; FARIA, Dóris Santos (Orgs.). Módulo Interdisciplinar Sociedade, Natureza e Desenvolvimento. Ciclo de Formação Interdisciplinar. 1ª ed. Santarém, Pa: UFOPA, 2010, p. 79-98 (TEXTO N. 03).</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>COMPLEMENTAR</p> <p>ABRAMOVAY, Ricardo. O Capital Social dos Territórios: repensando o desenvolvimento rural. IN: ECONOMIA APLICADA, n. 2, 2000.</p> <p>BECKER, Bertha K. Geopolítica da Amazônia. IN: ESTUDOS AVANÇADOS. Vol. 19. N. 53, 2005, p. 71-86. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf. Acesso em: 25/11/2009.</p> <p>BIELSCHOWSKY, Ricardo. Cinquenta Anos de Pensamento na CEPAL – uma resenha. IN: BIELSCHOWSKY, Ricardo (Org.). Cinquenta Anos de Pensamento na CEPAL. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.</p> <p>BUENO, Eduardo. Brasil: uma história. Cinco séculos de um país em construção. São Paulo, Editora Leya, 2010.</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>BURGENMEIER, Beat. Economia do Desenvolvimento Sustentável. São Paulo: Editora Instituto Piaget, 2005.</p> <p>BURZSTYN, M. (Org.). A Dificil Sustentabilidade: política energética e conflitos ambientais. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2001.</p> <p>BURSZTYN, Marcel. Políticas Públicas e o desafio das desigualdades regionais. IN: MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL, SECRETARIA DE INTEGRAÇÃO NACIONAL E DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL. Ciclo de palestras sobre o desenvolvimento. Brasília, 2000.</p> <p>BURSZTYN, M.A.A. e BURSZTYN, M. Desenvolvimento sustentável: a biografia de um conceito. In: NASCIMENTO, E.P. e VIANA, J.N.S. Economia, meio ambiente e comunicação. Rio de Janeiro, Garamond, 2006.</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>CALVACANTI, Clóvis (Org.). Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Políticas Públicas. 3ª Edição. São Paulo, SP: Cortez; Recife, PE: Fundação Joaquim Nabuco, 2001.</p> <p>CAVALCANTI, Clóvis (Org.). Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade sustentável. 3ª Edição. São Paulo, SP: Cortez; Recife, PE: Fundação Joaquim Nabuco, 2001.</p> <p>CASTRO, Edna. Políticas de Ordenamento Territorial, Desmatamento e políticas de e dinâmicas de fronteira. IN: NOVOS CADERNOS DO NAEA/UFPA, v. 10, n. 2, p. 105-126, dez. 2007.</p> <p>CECHIN, Andrei. A Natureza como Limite da Economia: a Contribuição de Nicholas Gergescu-Roegen. São Paulo: Editora Senac São Paulo/ Edusp, 2010.</p> <p>DIEGUES, Antonio Carlos. Etnoconservação: novos</p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>rumos para a conservação da Natureza. São Paulo, Editora Hucitec, 2000.</p> <p>FOLADORI, Guillermo. Limites do desenvolvimento Sustentável. Tradução de Marise Manoel. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2001.</p> <p>GOMES, Mércio Pereira. Antropologia: ciência do homem: filosofia da cultura. 1a. ed., 3ª impressão, São Paulo: Contexto, 2010.</p> <p>IANNI, O. A sociedade global. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2001.</p> <p>LARAIA, R. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2002.</p> <p>LEFF, Enrique. Epistemologia Ambiental. São Paulo: Editora Cortez, 2001.</p> <p>LOPES, Alexandre Herculano; CALABRE, Lia (Orgs.). Diversidade cultural brasileira. Rio de Janeiro, Edições Casa de Rui Barbosa/Ministério da Cultura,</p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>2005.</p> <p>MARCIONILA Fernandes, Lemuel Guerra. (Org.). Contra-Discurso do Desenvolvimento Sustentável. Belém: Editora UNAMAZ, 2003</p> <p>MARTINS, José de Souza. Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo, Contexto, 2009.</p> <p>MORAES, Antonio Robert. Meio ambiente e Ciências Humanas. São Paulo, SP: Annablume, 2005.</p> <p>RENTE, Andréa Simone Gomes. Economia e Meio Ambiente: uma discussão introdutória. IN: REVISTA PERSPECTIVA AMAZÔNICA, das Faculdades Integradas do Tapajós – FIT. Ano 1. Vol. 1. Santarém, Pa, Janeiro de 2011, p. 29-40</p> <p>SACHS, Ignacy. Desenvolvimento Includente, Sustentável, Sustentado. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2008.</p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>SAID, Edward W. O Papel da Cultura nos Movimentos de Resistência. IN: Cultura e Resistência. Entrevistas do Intelectual Palestino a David Barsamian. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.</p> <p>SCOTTO, Gabriela; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; GUIMARÃES, Leandro Belinaso. Desenvolvimento Sustentável. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.</p> <p>SEN, Amartya. Desenvolvimento como Liberdade. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000.</p> <p>SENE, E. Globalização e Espaço Geográfico. São Paulo, SP: Contexto, 2004.</p> <p>SORJ, Bernardo. A Democracia Inesperada: cidadania, direitos humanos e desigualdades sociais. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2004.</p> <p>STEINBERGER, Marília (Org.). Território, Ambiente e Políticas Públicas Espaciais. Brasília, DF: Ed.</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			Paralelo 15 e LGE Editora, 2006. VEIGA, José Eli da. Desenvolvimento Sustentável: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2005.
Estudos Integrativos da Amazônia	75 h	Amazônia: conceitos, dimensões e processos que caracterizam a região. Bioma amazônico. Ecologia, ecossistemas e povos na Amazônia. Interação Homem-Ambiente. Formação histórica, econômica e social da Amazônia. Conflitos Sociais. Serviços socioambientais da Amazônia. Economia da Natureza.	BÁSICA Estudos Integrativos da Amazônia (módulo). Santarém: UFOPA. CAPOBIANCO, J. P; VERÍSSIMO, A.; MOREIRA, A.; SAWYER, D.; SANTOS, I & PINTO, L. P. (Orgs). Biodiversidade na Amazônia Brasileira: Avaliação de Ações Prioritárias para a Conservação, Uso Sustentável e Repartição de Benefícios. São Paulo: Estação Liberdade, Instituto Socioambiental. 540 p, 2001. SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL. Amazônia: a floresta e o futuro – Origens: formação geológica,



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>surgimento da floresta e a ocupação humana. Edição nº 1. Revista Duetto.</p> <p>SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL. Amazônia: a floresta e o futuro – Tesouros: biodiversidade, recursos naturais, minérios e petróleo. Edição nº 2. Revista Duetto.</p> <p>SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL. Amazônia: a floresta e o futuro – Destinos: desmatamento ou desenvolvimento sustentável? Edição nº 3. Revista Duetto.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>AYRES, J.M. As matas de várzea do Mamirauá: Médio rio Solimões. Belém: Sociedade Civil de Mamirauá. 123p. 2006.</p> <p>BATISTA, D. O complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento. 2ª Ed. Manaus: VALER, EDUA e INPA, 2007.</p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>BECKER, B. Amazônia: nova geografia, nova política regional e nova escala de ação. IN: COY, M.; KOHLHEPP, G. Amazônia sustentável: Desenvolvimento sustentável entre políticas públicas, estratégias inovadoras e experiências locais, 2005.</p> <p>BECKER, B.K.. Geopolítica da Amazônia. Estudos Avançados, 19(53): 71-86, 2005</p> <p>BECKER, K. B; STENNER, C. Um futuro para a Amazônia. São Paulo: oficina de Textos, 2008.</p> <p>BENCHIMOL, S. Amazônia formação social e cultural. Manaus: Valer, 2009.</p> <p>CIÊNCIA & AMBIENTE. Amazônia: economia e políticas públicas. Universidade Federal de Santa Catarina. Janeiro/Junho, 2006.</p> <p>CLEMENT, C. R.; VASCONCELOS DA FONSECA, C.R. Biodiversidade amazônica: Valor, potencialidades e riscos. In: Val, Adalberto L.; Santos,</p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>Geraldo M. (Org.). Grupo de Estudos Estratégicos Amazônicos, Caderno de Debates, Tomo I. INPA, Manaus. pp. 127-152, 2008.</p> <p>DAVIDSON, Eric A., ARAÚJO, Alessandro C. de, ARTAXO, Paulo., BALCH, Jennifer K., BROWN, I. Foster., BUSTAMANTE, Mercedes M. C., COE, Michael T., DEFRIES, Ruth S., KELLER, Michael., LONGO, Marcos., MUNGER, J. William., SCHROEDER, Wilfrid., SOARES-FILHO, Britaldo S., SOUZA JR, WOFSY, Carlos M. & Steven C.. The Amazon basin in transition. Nature. Vol 481, 2012</p> <p>DENYS PEREIRA, D.; SANTOS, D.; VEDOVETO, M.; GUIMARÃES, J.; VERÍSSIMO, A. Fatos florestais da Amazônia. Imazon, Belém. 124 p, 2010.</p> <p>DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Ministério do Meio Ambiente, Brasília. Disponível em</p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p><http://www.usp.br/nupaub/saberes/saberes.htm>, 2001.</p> <p>FEARNSIDE. Desmatamento na Amazônia: dinâmica, impactos e controle. Acta Amazônica, 36(3): 395 – 400, 2006</p> <p>FERREIRA, L.V; VENTICINQUE, E.; ALMEIDA, S. O desmatamento na Amazônia e a importância das áreas protegidas. Estudos Avançados, 19(53): 157-166, 2005.</p> <p>FONSECA, O. Pensando a Amazônia. Manaus:Valer, 2011.</p> <p>FORLINE, L.; MURRIETA, R.;VIEIRA, I. (Orgs). Amazônia além dos 500 anos. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém., 566 pp, 2005</p> <p>LIMA, D.; POZZOBON, J. Amazônia socioambiental. Sustentabilidade ecológica e diversidade social. Estudos avançados. V 19, n 54. São Paulo. 2005.</p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>LOUREIRO, V. R. A Amazônia no Século XXI: novas formas de desenvolvimento. São Paulo: Editora Empório do Livro, 2009.</p> <p>MEIRELLES FILHO, J.C. Livro de ouro da Amazônia. 5. Edição. Ediouro, Rio de Janeiro, 2006</p> <p>MIRANDA, E.E. 2007. Quando o Amazonas corria para o Pacífico. 256p. Editora Vozes.</p> <p>MORAN, E.F . A ecologia humana das populações humanas da Amazônia. Vozes, Petropolis, 1990.</p> <p>SILVA, A. F. A etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 4, n. 1, p. 27-37, jan.- abr, 2009.</p> <p>SOUZA, M. História da Amazônia. Ed. Valer, Manaus. 398 p, 2009.</p> <p>THÉRY, H. Situações da Amazônia no Brasil e no continente. Estudos Avançados, 19(53): 37-49, 2005</p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>TUNDISI, J.G. Exploração do potencial hidrelétrico da Amazônia. Estudos Avançados, 21 (59): 109-117, 2007</p> <p>WWF-BRASIL. Amazônia Viva: Uma década de descobertas 1999-2009, 2010.</p>
Lógicas, Linguagens e Comunicação	90 h	<p>Tecnologias da Informação e da Comunicação: Conceito de Tecnologia. Aspectos sociais e políticos implicados no controle e acesso à informação. Padrões tecnológicos e controle de espectros. Tecnologias de Informação Contemporâneas. Reflexões sobre usos e apropriações das</p>	<p>BÁSICA</p> <p>MACHADO, Nilson José. Noções de cálculo. São Paulo: Scipione, 1988.</p> <p>MACHADO, Nilson José. Conjuntos e funções. São Paulo: Scipione, 1988.</p> <p>RUGGIERO, M.A.G; LOPES, V.L.R. Cálculo numérico: aspectos teóricos e computacionais. Makron Books, 1996.</p> <p>COMPLEMENTAR</p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

	<p>TIC nos processos de ensino-aprendizagem e suas possibilidades para a construção do conhecimento na cultura digital. Serviços, ambientes e evolução de padrões e técnicas na internet: Histórico, WEB 2.0, redes sociais e blogosfera, compartilhamento e disseminação de informação, criação e produção de conteúdos digitais. Implicações das redes digitais para a convergência e massificação cultural.</p> <p>Ementa Semiótica/Português:</p>	<p>LESSIG, Lawrence. (1999) Code: and other laws of cyberspace. New York: Basic Books.</p> <p>LESSIG, Lawrence. (2004) Free Culture: The nature and future of creativity. New York: Penguin Books.</p> <p>MORAIS, Denis de. Sociedade Midializada. (org) MORAI, Denis de. Rio de Janeiro: MAUAD, 2006.</p> <p>RUSHKOFF, Douglas. (1994) Cyberia: Life in the Trenches of Hyperspace. San Francisco:</p> <p>RAGWEL, R. Passado e futuro da era da Informação. Nova Fronteira. 1999</p> <p>RIFKIN, J. A era do acesso. Markon Books, 2001.</p> <p>RUSHKOFF, Douglas. (1999) Um jogo chamado futuro. Rio de Janeiro, Revan. Harper, Disponível me: http://www.rushkoff.com/downloadables/cyberiabook/</p> <p>Absy, M. L Palinology of Amazônia: the history of the forests are revealed by the Palynological Record. In: Amazônia. Prance, G.T. e</p>
--	---	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

		<p>Introdução à Semiótica: produção do significado e sentido, linguagem e comunicação. Construção do pensamento lógico, Lógica Formal.</p> <p>Ementa Matemática e Estatística: Matemática Elementar. Introdução à Estatística: descritiva e inferencial.</p>	<p>Lovejoy, T. E (eds). Pergamon, Oxford, Reino Unido, 1985.</p> <p>Albagly, S. Informação para o desenvolvimento sustentável: novas questões para o século XXI. Ciência da Informação, 1995.</p> <p>Araujo, Ronaldo Lima; Gomes, Socorro. Amazônia: trabalho escravo, conflitos de terra e reforma agrária. São Paulo: Revista Princípios, 2007.</p>
Seminários Integradores	40 h	<p>A atmosfera, a Terra e seus ambientes: formações e interações. Clima Global e Local. Biosfera, Biomas e Biodiversidade Amazônica. Interações Aquático-Florestais</p>	<p>BÁSICA</p> <p>BELTRÃO, Jane Felipe; SCHAAN, Denise P.; SILVA, Hilton P. Diversidade Biocultural: conversas sobre antropologia(s) na Amazônia. IN: VARGAS, João Tristan; FARIA, Dóris Santos (Orgs.). Módulo Interdisciplinar Sociedade, Natureza e</p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

		<p>e Conservação de Bacias Hidrográficas. Sociedades e Culturas Amazônicas. Fundamentos de Planejamento e Gestão. Gestão territorial das cidades. Ética, sociedade e cidadania. Legislação e proteção da diversidade ambiental e cultural. Educação Saúde e Meio Ambiente. Educação Ambiental.</p>	<p>Desenvolvimento. Ciclo de Formação Interdisciplinar. 1ª ed. Santarém, Pará: UFOPA, 2010, p. 133-149 (TEXTO N. 06).</p> <p>CASTRO, Edna. Desenvolvimento e Meio Ambiente. IN: VARGAS, João Tristan; FARIA, Dóris Santos (Orgs.). Módulo Interdisciplinar Sociedade, Natureza e Desenvolvimento. Ciclo de Formação Interdisciplinar. 1ª ed. Santarém, Pará: UFOPA, 2010, p. 16-41 (TEXTO N. 01).</p> <p>MOURA, Josilda Rodrigues da Silva de; LIMA, Ivaldo Gonçalves de. Geografia do Brasil. IN: VARGAS, João Tristan; FARIA, Dóris Santos (Orgs.). Módulo Interdisciplinar Sociedade, Natureza e Desenvolvimento. Ciclo de Formação Interdisciplinar. 1ª ed. Santarém, Pa: UFOPA, 2010, p. 79-98 (TEXTO N. 03).</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>COMPLEMENTAR</p> <p>ABRAMOVAY, Ricardo. O Capital Social dos Territórios: repensando o desenvolvimento rural. IN: ECONOMIA APLICADA, n. 2, 2000.</p> <p>BECKER, Bertha K. Geopolítica da Amazônia. IN: ESTUDOS AVANÇADOS. Vol. 19. N. 53, 2005, p. 71-86. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf. Acesso em: 25/11/2009.</p> <p>BIELSCHOWSKY, Ricardo. Cinquenta Anos de Pensamento na CEPAL – uma resenha. IN: BIELSCHOWSKY, Ricardo (Org.). Cinquenta Anos de Pensamento na CEPAL. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.</p> <p>BUENO, Eduardo. Brasil: uma história. Cinco séculos de um país em construção. São Paulo, Editora Leya, 2010.</p> <p>BURGENMEIER, Beat. Economia do Desenvolvimento</p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>Sustentável. São Paulo: Editora Instituto Piaget, 2005.</p> <p>BURZSTYN, M. (Org.). A Difícil Sustentabilidade: política energética e conflitos ambientais. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2001.</p> <p>BURSZTYN, Marcel. Políticas Públicas e o desafio das desigualdades regionais. IN: MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL, SECRETARIA DE INTEGRAÇÃO NACIONAL E DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL. Ciclo de palestras sobre o desenvolvimento. Brasília, 2000.</p> <p>BURSZTYN, M.A.A. e BURSZTYN, M. Desenvolvimento sustentável: a biografia de um conceito. In: NASCIMENTO, E.P. e VIANA, J.N.S. Economia, meio ambiente e comunicação. Rio de Janeiro, Garamond, 2006.</p> <p>CALVACANTI, Clóvis (Org.). Meio Ambiente,</p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>Desenvolvimento Sustentável e Políticas Públicas. 3ª Edição. São Paulo, SP: Cortez; Recife, PE: Fundação Joaquim Nabuco, 2001.</p> <p>CAVALCANTI, Clóvis (Org.). Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade sustentável. 3ª Edição. São Paulo, SP: Cortez; Recife, PE: Fundação Joaquim Nabuco, 2001.</p> <p>CASTRO, Edna. Políticas de Ordenamento Territorial, Desmatamento e políticas de e dinâmicas de fronteira. IN: NOVOS CADERNOS DO NAEA/UFGA, v. 10, n. 2, p. 105-126, dez. 2007.</p> <p>CECHIN, Andrei. A Natureza como Limite da Economia: a Contribuição de Nicholas Georgescu-Roegen. São Paulo: Editora Senac São Paulo/ Edusp, 2010.</p> <p>DIEGUES, Antonio Carlos. Etnoconservação: novos rumos para a conservação da Natureza. São Paulo,</p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>Editora Hucitec, 2000.</p> <p>FOLADORI, Guillermo. Limites do desenvolvimento Sustentável. Tradução de Marise Manoel. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2001.</p> <p>GOMES, Mércio Pereira. Antropologia: ciência do homem: filosofia da cultura. 1a. ed., 3ª impressão, São Paulo: Contexto, 2010.</p> <p>IANNI, O. A sociedade global. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2001.</p> <p>LARAIA, R. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2002.</p> <p>LEFF, Enrique. Epistemologia Ambiental. São Paulo: Editora Cortez, 2001.</p> <p>LOPES, Alexandre Herculano; CALABRE, Lia (Orgs.). Diversidade cultural brasileira. Rio de Janeiro, Edições Casa de Rui Barbosa/Ministério da Cultura, 2005.</p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>MARCIONILA Fernandes, Lemuel Guerra. (Org.). Contra-Discurso do Desenvolvimento Sustentável. Belém: Editora UNAMAZ, 2003</p> <p>MARTINS, José de Souza. Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo, Contexto, 2009.</p> <p>MORAES, Antonio Robert. Meio ambiente e Ciências Humanas. São Paulo, SP: Annablume, 2005.</p> <p>RENTE, Andréa Simone Gomes. Economia e Meio Ambiente: uma discussão introdutória. IN: REVISTA PERSPECTIVA AMAZÔNICA, das Faculdades Integradas do Tapajós – FIT. Ano 1. Vol. 1. Santarém, Pa, Janeiro de 2011, p. 29-40</p> <p>SACHS, Ignacy. Desenvolvimento Incluyente, Sustentável, Sustentado. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2008.</p> <p>SAID, Edward W. O Papel da Cultura nos Movimentos de</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>Resistência. IN: Cultura e Resistência. Entrevistas do Intelectual Palestino a David Barsamian. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.</p> <p>SCOTTO, Gabriela; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; GUIMARÃES, Leandro Belinaso. Desenvolvimento Sustentável. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.</p> <p>SEN, Amartya. Desenvolvimento como Liberdade. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000.</p> <p>SENE, E. Globalização e Espaço Geográfico. São Paulo, SP: Contexto, 2004.</p> <p>SORJ, Bernardo. A Democracia Inesperada: cidadania, direitos humanos e desigualdades sociais. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2004.</p> <p>STEINBERGER, Marília (Org.). Território, Ambiente e Políticas Públicas Espaciais. Brasília, DF: Ed. Paralelo 15 e LGE Editora, 2006.</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			VEIGA, José Eli da. Desenvolvimento Sustentável: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2005.
Interação com a Base Real	45 h	Definição dos projetos e sua discussão junto aos grupos de alunos analisando a realidade da base física local nas diversas comunidades: leituras e preparação dos temas; abordagens teóricas e métodos de estudo; elaboração do Trabalho Conclusivo da Formação 1 (TCF1); comunicação, por meio da exposição de painéis ou comunicações orais referentes aos resultados da experiência;	BÁSICA Andrade, Maria Margarida de. Introdução à Metodologia do Trabalho Científico. Editora Atlas, 10ª Ed. 2010. Gil, Antonio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. Editora Atlas, 5ª Ed. 2010. Marconi, Marina de Andrade; Lakatos, Eva Maria. Fundamentos de Metodologia Científica. Editora Atlas, 7ª Ed. 2010. COMPLEMENTAR MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de Pesquisa. São Paulo: Ed. Atlas, 2007. PRESTES, Maria Luci de Mesquita. A Pesquisa e a Construção do Conhecimento Científico: do



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

		participação no evento científico; exame das complementaridades entre o conhecimento científico tradicional e das possibilidades do diálogo dos saberes.	planejamento aos textos, da escola à academia. São Paulo: Respel, 2002. RUIZ, João Álvaro. Metodologia Científica: Guia Para Eficiência nos Estudos. Editora Atlas, 6ª Ed. 2006. SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. Editora: Cortez, 23ª Ed. 2006. VANTI, Elisa dos Santos. Projetos Interdisciplinares. IESDE Brasil, 2009.
2º Período (ICS)			
Formação social, política e econômica do Brasil	60 h	Sentido da colonização: cultura e sociedade; ciclos econômicos coloniais; transição trabalho escravo ao assalariado; desigualdades sociais e grupos marginalizados; elites e relações políticas; o legado institucional.	BÁSICA VITA, Á. de. Sociologia da Sociedade Brasileira . Ática, São Paulo, 1991 . FAUSTO, B. História Concisa do Brasil . São Paulo: EDUSP, 2001. FRANK, A. G. Acumulação dependente e subdesenvolvimento: repensando a teoria da dependência . São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>FURTADO, C. Formação econômica do Brasil. 27ª Ed. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1998.</p> <p>IANNI, O. Estado e planejamento econômico no Brasil. 6ª Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.</p> <p>_____. Ditadura e agricultura: o desenvolvimento do capitalismo na Amazônia: 1964-1978. 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.</p> <p>PEREIRA, L. C. B. Desenvolvimento e crise no Brasil. 10ª Ed.– São Paulo: Brasiliense, 1980.</p> <p>PINTO, Costa. Desenvolvimento econômico e transição social. 2ª Ed.- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.</p> <p>SILVA, S. Expansão Cafeeira e origens da indústria no Brasil. 7ª Ed. – São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1986.</p> <p>LAVALLE, A. G. Vida pública e identidade nacional:</p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>leituras brasileiras. São Paulo: Globo, 2004.</p> <p>MARTINS, J. de S. O poder do atraso: ensaios de sociologia da história lenta. São Paulo: Hucitec, 1999.</p> <hr/> <p>_____. Florestan: sociologia e consciência social no Brasil. São Paulo: EDUSP, 1998.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>Ação Católica Operária. História da Classe Operária no Brasil: Idade Difícil 1920-1945. 3º Caderno. 3ª Ed. – Rio de Janeiro: ACO, 1984.</p> <p>MORAES, R. C. C. de. Liberalismo e Neoliberalismo - uma introdução comparativa. Campinas, IFCH/Unicamp, Primeira Versão, Novembro de 1997.</p> <p>SINGER, P. O capitalismo - sua evolução, sua lógica e</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>sua dinâmica. SP, Moderna, 1987.</p> <p>TOLEDO, C. N. de. (org.) Visões críticas do Golpe. Campinas, editora da Unicamp, 1997.</p> <p>DAGNINO, E. Anos 90 – Política e Sociedade no Brasil. SP, Brasiliense, 1994.</p> <p>SALES, L., OLIVEIRA & TELLES, Debate sobre as raízes da Desigualdade Social na Cultura Brasileira, RBCS, n 25, 1994.</p> <p>NETTO, J. P. Ditadura e Serviço Social: uma análise do serviço social no Brasil pós-64. 836 págs. 8ª edição (2005). São Paulo, Cortez.</p> <p>PAOLI, M. C. Trabalhadores e cidadania. Experiência do mundo público na história do Brasil Moderno. Estudos Avançados, 3(7), 1989.</p> <p>SANTOS, W. G. Cidadania e Justiça. Rio de Janeiro: Campus, 1987</p> <p>FAUSTO, A. Revolução de 30. São Paulo: Cia das Letras,</p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>1997.</p> <p>ANDERSON, P. “Além do Neoliberalismo” In: Emir Sader e Pablo Gentili (orgs.) Pós- Neoliberalismo, As Políticas Sociais e o Estado Democrático, São Paulo, Editora Paz e Terra, 1995.</p> <p>BATISTA Jr, P. N. A economia como ela é. São Paulo, Bomtempo, 2000.</p> <p>CASTELLS, M. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. O Poder da Identidade, vol.2. São Paulo: PAZ E TERRA, 1999. Capítulo 4. O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação (p. 169 – 237).</p> <p>DRAIBE, S. Rumos e Metamorfoses - estado e industrialização no Brasil: 1930-1960. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.</p> <p>CASTOR, B. Os contornos do Estado e da Burocracia no Brasil. In: CADERNOS ADENAUER, n. 3, 2001.</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>AMARAL, S. Da Colônia ao Caos – uma tragédia de erros. RJ, Eu e Você, 1983.</p> <p>MATTOSO, J. O Brasil desempregado. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.</p> <p>SADER, E. (Org.) Os sete pecados do capital. São Paulo, Martins Fontes, 1999.</p> <p>SAES, D. A formação do Estado burguês no Brasil. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.</p> <p>TOLEDO, C. N. de. O governo João Goulart e o golpe de 64. São Paulo, Brasiliense, 1989.</p> <p>WEFFORT, F. O populismo na política brasileira. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.</p> <p>WOOD, E. M. O que é a agenda "pós-moderna"?. In: Em defesa da história - marxismo e pós- modernismo. Rio de Janeiro, Zahar, 1999: 7-22.</p> <p>VILLAS BOAS, G.; GONÇALVES, M. O Brasil na Virada do Século. RJ, Relume Dumará, 1995.</p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>GOHN, M. da G. Protagonismo da Sociedade Civil (O): movimentos sociais, ONGS e redes solidárias. Coleção Questões da Nossa Época vol. 123. 120 págs. 1ª edição (2005) São Paulo, Cortez.</p> <p>FALEIROS, V. de P. A política social do Estado capitalista: as funções da previdência e assistências sociais. 7ªed. – São Paulo: Cortez, 1995. São Paulo: Cortez, 1995.</p>
Introdução à Ciência do Direito	60 h	Estado: histórico, elementos materiais e justificações teóricas. Formas de Estado e sistemas de Governo. Direito estatal: conceito, características, fontes e classificações. Representação delegada e participação nas funções estatais. Reforma do	<p>BÁSICA</p> <p>DINIZ, M. H. Compêndio de introdução à ciência do direito. 23 ed. São Paulo: Saraiva, 2012.</p> <p>KELSEN, H. Teoria Pura do Direito. Trad. João Baptista Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.</p> <p>REALE, M. Lições preliminares de direito. 23 ed. São Paulo: Saraiva, 2006.</p> <p>SOUZA JUNIOR, J. G. de (org.). O direito achado na rua. Brasília: Editora UM, 1987.</p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

		<p>Estado e desdobramentos políticos da Constituição de 1988.</p>	<p>COMPLEMENTAR</p> <p>AGUIAR, R. O que é justiça. São Paulo: Alfa Ômega, 1982.</p> <p>_____. Direito, poder e opressão. São Paulo: Alfa Ômega, 1990.</p> <p>BOBBIO, N. Teoria do Ordenamento Jurídico. Trad. Maria Celeste Cordeiro Leite dos Santos. Brasília: UnB, 1991.</p> <p>_____. A Era dos Direitos. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. Apres. de Celso Lafer. Nova ed. Rio de Janeiro: Campus, 1992.</p> <p>_____. O Positivismo Jurídico: Lições de Filosofia do Direito. São Paulo: Ícone, 1999.</p> <p>CANARIS, Claus-Wilhelm. Pensamento sistemático e conceito de sistema na ciência do direito. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.</p>
--	--	---	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>COMPARATO, F. K. A afirmação histórica dos direitos humanos. 5 ed. São Paulo: Saraiva, 2007.</p> <p>COUTINHO, J. N. de M. Crítica à Teoria Geral do Direito. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.</p> <p>CRETELLA JUNIOR, J. Primeiras Lições de Direito. Rio de Janeiro: Forense, 2001.</p> <p>DINIZ, M. H. A Ciência Jurídica. São Paulo: Saraiva, 2003.</p> <p>DWORKIN, R. Uma questão de princípio. São Paulo: Martins Fontes, 2001.</p> <p>_____. O império do direito. São Paulo: Martins Fontes, 2003.</p> <p>ENGISCH, K. Introdução ao pensamento jurídico. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.</p> <p>FERRAZ Jr., T. S. Introdução ao estudo do direito : técnica, decisão, dominação. 3ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2001.</p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>_____. A Ciência Jurídica . São Paulo: Atlas.</p> <p>_____. Teoria da Norma Jurídica: Ensaio de Pragmática da Comunicação Normativa. Rio de Janeiro: Forense, 2000.</p> <p>GADELHA, J. do R. A Filosofia da Interpretação do Direito: Estudo das Variantes das Normas Jurídicas no Espaço – Tempo. São Paulo: Ltr., 1995.</p> <p>GUERRA FILHO, W. S. Teoria da Ciência Jurídica . São Paulo: Saraiva, 2009.</p> <p>IHERING, R. V. A Luta Pelo Direito . Trad. J. Cretella Jr. E Agnes Cretella. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2001.</p> <p>KAUFMANN, A. Introdução à filosofia do direito e à teoria do direito contemporâneas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.</p> <p>LARENZ, K. Metodologia da Ciência do Direito . Trad. José Lamego. Lisboa: Fundação Calouste</p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>Gulbenkian, 1997.</p> <p>LYRA FILHO, R. O Que é Direito? São Paulo: Brasiliense, 2003.</p> <p>MACHADO NETO, A. L. Compêndio de Introdução a Ciência do Direito. São Paulo: Saraiva, 1988.</p> <p>_____. Teoria da Ciência Jurídica. São Paulo: Saraiva, 1975.</p> <p>MARQUES NETO, A. R. A Ciência do Direito . Rio de Janeiro: Renovar, 2001.</p> <p>PASUKANIS, E.B. A Teoria Geral do Direito e o Marxismo. Rio de Janeiro: Renovar, 1989.</p> <p>RADBRÜCH, G. Introdução à Ciência do Direito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.</p> <p>RÁO, V. O Direito e a Vida dos Direitos. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1999</p> <p>REALE, M. Nova Fase do Direito Moderno. São Paulo: Saraiva, 1990.</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>_____. O Direito como Experiência: Introdução à Epistemologia Jurídica. São Paulo: Saraiva, 2001.</p> <p>_____. Teoria Tridimensional do Direito . São Paulo: Saraiva, 2001.</p> <p>_____. Fontes e Modelos do Direito . São Paulo: Saraiva, 1994.</p> <p>SALDANHA, N. N. Da Teologia a Metodologia: Secularização e Crise do Pensamento Jurídico. Belo Horizonte: Del Rey, 2005.</p> <p>_____. Teoria do Direito e Crítica Histórica. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1987.</p> <p>TELLES JÚNIOR, G. da S. Iniciação na Ciência do Direito. São Paulo: Saraiva, 2001.</p> <p>SARLET, I. W. A eficácia dos direitos fundamentais. 4. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2001.</p> <p>WARAT, L. A. A Ciência Jurídica e Seus dois Maridos. Santo Cruz do Sul: Edunisc, 2000.</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>_____. Introdução Geral ao Direito. Porto Alegre: Fabris, 1994.</p> <p>_____. O Direito e sua Linguagem. Porto Alegre: Fabris, 1995.</p> <p>_____. A Definição Jurídica: suas técnicas. Porto Alegre: Atrium, 1977.</p> <p>WOLKMER, A. C. Introdução ao Pensamento Jurídico Crítico. São Paulo: Saraiva, 2009.</p> <p>_____. Teoria do Direito e do Estado. Porto Alegre: Fabris, 1994.</p>
Saber local e diversidade cultural	60 h	Noções de cultura, identidade e alteridade, relativismo cultural, etnocentrismo, sistemas classificatórios, cosmologias, sistemas morais e de direitos.	BÁSICA DA MATTA, Roberto. <i>Relativizando. Uma introdução à Antropologia Social.</i> Rio de Janeiro: Vozes, 1981. CUCHE, Denis. <i>A noção de cultura nas ciências sociais.</i> Bauru: EDUSC, 2002.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>CUNHA, Manuela Carneiro da. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. In: <i>Cultura com asas e outros ensaios</i>. São Paulo: Cosac Naify, 2009. Pp:301-310.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Filósofos, naturalistas e etnólogos na prática do colecionismo: os jardins botânicos, os hortos, os zoológicos e os museus. In: <i>Antropologia dos “archivos” da Amazônia</i>. Rio de Janeiro, Casa 8, 2008, pp. 42-62.</p> <p>CASTRO, Edna. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. In: CASTRO, Edna e PINTON, Florence. <i>Faces do trópico úmido</i>. Belém, UFPA/NAEA, 1997. pp:221-242. (Disponível Online)</p> <p>DESCOLA, Philippe. Ecologia e Cosmologia. In:</p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>CASTRO, Edna e PINTON, Florence. <i>Faces do trópico úmido</i>. Belém, UFPA/NAEA, 1997. pp: 243-262. (Disponível Online)</p> <p>MIGNOLO, Walter. <i>Histórias Locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar</i>. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.</p> <p>BECKER, Howard S. <i>Falando de Sociedade</i>. Rio de Janeiro, ZAHAR, 2009.</p>
Introdução à Arqueologia	60 h	Relações entre a Arqueologia e as ciências humanas. Introdução sobre Teoria Arqueológica. Relações entre Arqueologia e contextos sociais.	<p>BÁSICA</p> <p>TRIGGER, B.G. 2004. In: <i>História do Pensamento Arqueológico</i>. São Paulo, Odysseus Editora Ltda. pp. 18-25</p> <p>TENÓRIO, M.C. (org.) <i>Pré-História da Terra Brasilis</i>, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, pp. 19-32 2001.</p> <p>NEVES, W.A. & PILÓ, L.B. 2008. <i>O Povo de Luzia</i>. São Paulo, Editora Globo.</p> <p>SAUNDERS, N.J. 2005. <i>Américas Antigas: as grandes</i></p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>civilizações. São Paulo, Editora Madras.</p> <p>NEVES, E. G. <i>Arqueologia Amazônia</i>, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006.</p> <p>MARTINS, G. <i>Pré-história do Nordeste do Brasil</i>, Ed. UFPE. 1999.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>RENFREW, C e P. BAHN. <i>Archeologia Teoria Metodo y Practica</i>. Madrid, Ediciones Akal S.A., 2004.</p> <p>PROUS, A. <i>Arqueologia brasileira</i>. Brasília: UNB, 1992.</p> <p>FUNARI, P.P.A. 1999/00 Como se tornar um Arqueólogo no Brasil. <i>Revista da USP</i>, Vol.44, Dez-Fev, pp. 74-85</p> <p>ZANETTINI, P. 2010. Qual o Futuro Desejamos para a Arqueologia no Brasil. <i>Arqueologia em Debate: Jornal da Sociedade de Arqueologia Brasileira</i>, n.2, pp. 19-22</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>MOBERG, Carl Axel. Introdução à Arqueologia. Lisboa, Edições 70, 1986</p> <p>MEGGERS, B.J. 1979. Pré-História Sul Americana, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra pp. 65-136</p> <p>PORRO, A. 1996. O Povo das Águas: Ensaio de Etno-História Amazônica, Petrópolis - São Paulo, pp. 9-36</p>
Economia Política	60 h	<p>Origem da Ciência Econômica; O pensamento econômico; Evolução dos Modos de Produção; Noções de Microeconomia; Noções de Macroeconomia; Desenvolvimento Econômico.</p>	<p>BÁSICA</p> <p>HUNT, E. K. História do pensamento econômico: uma perspectiva crítica. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005</p> <p>HUNT, E. K., HOWARD, J. S. História do pensamento econômico. Petrópolis: Vozes, 2005.</p> <p>PINHO, Diva; VASCONCELOS, Marco Antonio S.; TONETO JUNIOR, Rudinei. (org). Manual de Economia (equipe de professores da USP). 6 ed. São Paulo: Saraiva, 2011.</p> <p>COMPLEMENTAR</p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>BASTOS, V. Para entender a economia capitalista. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1996.</p> <p>LANZANA, A. Economia Brasileira: Fundamentos e Atualidades. São Paulo: Atlas, 2001.</p> <p>ROSSETTI, J. Introdução à Economia. 20 ed. São Paulo: Atlas, 2006.</p> <p>SINGER, P. Curso de introdução à economia política. 14. Rio de Janeiro, Forense, 1993</p> <p>VASCONCELOS, Marco Antonio Sandoval. Economia: micro e macro. São Paulo: Atlas, 2011</p>
Métodos, instrumentos e técnicas de pesquisa	60 h	Fundamentos metodológicos e técnicas de pesquisa em Ciências Sociais.	<p>BÁSICA</p> <p>CARVALHO, Maria Cecília de (Org.). Construindo o Saber: Metodologia Científica, Fundamentos e Técnicas. 3. ed. Campinas (SP): Papyrus, 1991.</p> <p>DEMO, Pedro. Saber Pensar. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000. p. 17-19;23-55.</p> <p>HÜHNE, Leda Miranda (Org.). Metodologia</p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>Científica. 4. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1990. p. 13-20 (o Ato de Estudar).</p> <p>RIBEIRO, Marco Aurelio de P. A Técnica de Estudar. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.</p> <p>RICHARDSON, Roberto Jarry. Pesquisa Social: Métodos e Técnicas. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999, p. 55-69.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>BASTOS, Cleverson; KELLER, Vicente. Aprendendo a aprender: Introdução à Metodologia Científica. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1993</p> <p>ECO, Umberto. Como se faz uma Tese. 10 ed. São Paulo; Perspectiva, 1993.</p> <p>FAULSTICH, Enilde L. de J. Como ler, entender e redigir um Texto. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p.13-49 (Capítulos I, II e III)</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>HAGUETTTE, Teresa Maria Frota. Metodologias Qualitativas na Sociologia. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 63-170.</p> <p>SORIANO, Raúl Rojas. Manual de Pesquisa Social. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 48-88; 139-192.</p> <p>FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas. 8 ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.</p>
3º Período (PAA)			
Etnohistória	60 h	Conceitos e definições de Etnohistória e Nova História. As fontes e as relações entre arqueologia, história oral,	BÁSICA CARNEIRO CUNHA, M. C. da. História dos Índios no Brasil, São Paulo, Companhia das Letras. 1998.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

		linguística e antropologia.	<p>NETO, Edgard Ferreira. História e Etnia. In: Domínios da História. Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas.(Orgs.). Rio de Janeiro: Campus. 1997. P. 451-473.</p> <p>UGARTE, A. Sertões de Bárbaros – O mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos – séculos XVI-XVII. Ed. Valer., 2009.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>SILVA, Joana Aparecida Fernandes; JOSÉ DA SILVA, Giovani. História indígena, antropologia e fontes orais: questões teóricas e metodológicas no diálogo com o tempo presente. [on line] História Oral, v. 13, n. 1, p. 33-51, jan.-jun. 2010.</p>
--	--	-----------------------------	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>WRIGHT, Robin M. Introdução e Histórias de Guerras e Alianças. In: História Indígena e do Indigenismo no Alto Rio Negro. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: ISA, 2005. P. 9-26 e 83-108.</p> <p>HECKENBERGER, Michael. Estrutura, história e transformação: a cultura xinguana na longue durée, 1000-2000 d. C. In: FRANCHETTO, Bruna e HECKENBERGER, Michael (orgs.). 2001. <i>Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura</i>. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 496</p> <p>POMPA, C. Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuia do Brasil Colonial, Bauru, CNPq/Anpocs/Edusc, 2003.</p> <p>BASSO, Ellen B. O que podemos aprender do discurso Kalapalo sobre a “história Kalapalo”? In:</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			FRANCHETTO, Bruna e HECKENBERGER, Michael (orgs.). 2001. <i>Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura</i> . Rio de Janeiro: Editora UFRJ. P. 293-307.
Teoria Antropológica I	60 h	Questões teórico-metodológicas constituidoras do campo da antropologia: evolucionismo, difusionismo e antropologia norte-americana.	BÁSICA CASTRO, C. <i>Evolucionismo Cultural: Textos de Morgan, Tylor e Frazer</i> . Rio de Janeiro, Zahar, 2005. CASTRO, Celso (org). <i>Franz Boas, Antropologia Cultural</i> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. COPANS, Jean. Da Etnologia `Antropologia. In. COPANS, Jean <i>et all. Antropologia: ciência das sociedades primitivas?</i> Lisboa: Edições 70, 1971, p. 11-42. COMPLEMENTAR ENGELS. Friedrich. "Estágios Pré-Históricos da



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>Cultura"; "A Família"; "Barbárie e Civilização". Em: <i>A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado</i>. RJ: Civilização Brasileira, 1982. (p.21-28;177-201).</p> <p>MAYR, Lucy. <i>Introdução à Antropologia social</i>. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.</p> <p>DA MATTA, Roberto. Antropologia e História. In _____. <i>Relativizando</i>. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 86-142.</p> <p>BENEDICT, R. <i>O crisântemo e a espada</i>. São Paulo: Perspectiva, 1972.</p> <p>MEAD, M. <i>Sexo e temperamento</i>. São Paulo, Perspectiva, 2000.</p>
História e Teoria da Arqueologia	60 h	O antiquariado e o colecionismo (séculos XVI ao XIX). A classificação no Norte	BÁSICA FUNARI, Pedro Paulo Abreu. "Arqueologia, História e Arqueologia Histórica no Contexto. Sul-



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

	<p>Europeu. Arqueologia e as ciências geológicas na Europa. O Evolucionismo e a Arqueologia (século XIX e XX). Arqueologia e Antropologia. A nova arqueologia: processualismo e etnoarqueologia. O pós-processualismo e o simbolismo. A apropriação da arqueologia pelas “colônias”. História e teoria da arqueologia brasileira.</p>	<p>Americano”. In: FUNARI, P. P. A. (org.). Cultura Material e Arqueologia Histórica. Campinas: UNICAMP, 1998a. pp. 7 – 34.</p> <p>FUNARI, P.P. A. Arqueologia, São Paulo, Editora Contexto, (2003).</p> <p>TRIGGER, B. (2004) História do Pensamento Arqueológico, São Paulo, Odysseus.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>RENFREW, C.; BAHN, P. (2004) Arqueologia : teoria, metodos y practicas.Madrid</p> <p>DIAS, Adriana Schmidt. “Um Projeto para a Arqueologia Brasileira: Breve Histórico da Implementação do PRONAPA”. Revista do CEPA. Santa Cruz do Sul, 19 (22), 1995. p. 25-39.</p> <p>FERREIRA, Lúcio M. “Um Bando de Idéias Novas” Na Arqueologia (1870 – 1877)”. In: Revista do Museu</p>
--	---	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>de Arqueologia e Etnologia. São Paulo: USP. Vol 11, 2001. pp. 22 – 33.</p> <p>TENÓRIO, M.C. (org.) Pré-História da Terra Brasilis, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, pp. 19-32 2001.</p> <p>BINFORD, L. Em Busca do Passado. 1992. Ed. Europa-América</p> <p>MARTINS, G. Pré-história do Nordeste do Brasil, Ed. UFPE. 1999.</p>
Introdução à Etnografia	60 h	<p>O método etnográfico; construção do objeto e problematização das relações pesquisador-pesquisado.</p> <p>Técnicas de trabalho de campo, observação participante, entrevistas e descrição/redação etnográfica.</p>	<p>BÁSICA</p> <p>MALINOWSKI, Bronislaw. Objeto, Método e Alcance desta Pesquisa. <i>Argonautas do Pacífico Ocidental</i>. São Paulo, Editora Abril, 1976.</p> <p>CARDOSO, de Oliveira, R. – O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. O trabalho do Antropólogo. São Paulo: UNESP, 2000.</p> <p>DA MATTA, Roberto. O ofício do etnólogo ou como ter</p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>“anthropological blues”. <i>Boletim do Museu Nacional</i>, nº 27, maio, 1978. (Disponível Online)</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: GONÇALVES, J.R.S. (org.) <i>A experiência etnográfica. Antropologia e Literatura no século XX</i>. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.</p> <p><u>WACQUANT, Loic</u>. <i>Corpo e Alma: Notas etnográficas de um Aprendiz de Boxe</i>. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.</p> <p>VELHO, Gilberto. O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia. <i>O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira</i>. Rio de Janeiro: Campus, 1980. (Disponível Online)</p> <p>PEIRANO, M. A favor da etnografia. <i>Série Antropologia</i></p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>130, Brasília, 1992. (Disponível Online) Ferréz – <i>Manual Prático do Ódio</i>. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2003.</p>
Introdução à Prática de Campo em Arqueologia	120 h	Identificação de sítios arqueológicos. Os diferentes métodos de levantamento e registro de sítios.	<p>BÁSICA</p> <p>ARAUJO, A. G. M. Teoria e Método em Arqueologia Regional: Um Estudo de Caso no Alto Paranapanema, Estado de São Paulo. Tese de Doutorado, FFLCH, Universidade de São Paulo: 55-86, 2001.</p> <p>CALDARELLI, S. <i>Levantamento arqueológico em planejamento ambiental</i>. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, Suplementos 3. São Paulo, USP, 1999</p> <p>SANTOS, M. C. M. M. “A problemática do levantamento arqueológico na avaliação de impacto ambiental”. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, v. 11, 2001.</p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>COMPLEMENTAR</p> <p>EVANS, C & MEGGERS, B. Guia para prospecção arqueológica no Brasil. Belém, Goeldi, 1965.</p> <p>RENFREW, C.; BAHN, P. Arqueologia : teoria, métodos y practica, Madrid, Ediciones Akal S.A., 2004.</p> <p>GOMES, D. M. C. “Levantamento Arqueológico na Comunidade de Parauá, Santarém, PA”, In: GOMES, D. M. C. Cotidiano e Poder na Amazônia Pré-Colonial, São Paulo, Edusp, pp.17-49, 2008.</p> <p>BARKER P. Techniques of Archaeological excavations. B.T. Batsford. 1996</p> <p>PROUS, A. A pré-história brasileira. Brasília: UNB. 1992</p>
Relações Tecnologia e Sociedade (CTS)	Ciência, 60 h	Ciência, produção intelectual e direitos intelectuais. As formas tradicionais e “científicas” de produção e apropriabilidade do conhecimento. Princípios	<p>BÁSICA</p> <p>LOPES, José Leite. <i>Ciência e Desenvolvimento</i>. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1987.</p> <p>AZEVEDO, Fernando de. <i>As Ciências no Brasil v.2</i>. Rio de Janeiro. EdUFRJ, 1994.</p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

		éticos.	<p>SANTOS, Boaventura de Souza. <i>Introdução a uma ciência Pós-Moderna</i>. Rio de Janeiro, Graal, 1989.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>BOURDIEU, Pierre. <i>Os usos sociais da ciência. Por uma sociologia clínica do campo científico</i>. São Paulo, Ed UNESP, 2004.</p> <p>CASTELLI, Pierina German e WILKINSON, John. Conhecimento tradicional, inovação e direitos de proteção. In: <i>Estudos, Sociedade e Agricultura</i>. Rio de Janeiro, n. 19, pp. 89-112, out. 2002.</p> <p>LATOUR, B. <i>Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora</i>. São Paulo: UNESP, pág. 11-104.</p> <p>LÉVI-STRAUSS, C. A ciência do concreto. In: <i>O pensamento selvagem</i>. Campinas: Papiрус, 1989 [1962]. Pág.15-50.</p>
--	--	---------	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			CARNEIRO DA CUNHA, M. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. In: <i>Cultura com aspas</i> . São Paulo: CosacNaify, 2009. Pág.301-310.
4º Período (Antropologia)			
Teoria Antropológica II	60 h	Propiciar a reflexão teórica e metodológica sobre conceitos fundamentais da antropologia social britânica e de seus desdobramentos.	BÁSICA RADCLIFFE-BROWN, A. <i>Estrutura e função na sociedade primitiva</i> . Petrópolis: Vozes, 1973. MALINOWSKI, B. <i>Uma teoria científica da Cultura</i> . Rio de Janeiro, ZAHAR Editores, 1970. EVANS-PRITCHARD, E. <i>Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota</i> . São Paulo: Perspectiva, 1978. COMPLEMENTAR MALINOWSKI, B. <i>Os argonautas do Pacífico Ocidental</i>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>(2ª edição). São Paulo: Abril Cultural, 1978.</p> <p>KUPER, Adam. As décadas de 1930 a 1940: da função à estrutura. In.: <i>Antropólogos e antropologia</i>. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.</p> <p>LEACH, Edmund. <i>Sistemas políticos da Alta Birmânia</i>. São Paulo: Edusp, 1995.</p> <p>TURNER, Victor. <i>O processo ritual: estrutura e anti-estrutura</i>. Petrópolis: Vozes, 1974.</p> <p>GEERTZ, Clifford. “<i>Testemunha ocular: os filhos de Malinowski</i>” e “<i>Exibição de slides: as transparências africanas de Evans-Pritchard</i>”. In.: <i>Obras e vidas: o antropólogo como autor</i>. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.</p>
Teoria Sociológica I	60 h	Estudos clássicos da sociologia	BÁSICA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

		de Marx, Weber e Durkheim.	<p>DURKHEIM, E. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 2003.</p> <p>MARX, Karl. Introdução à crítica da economia política. In, _____. Contribuição à Crítica da Economia Política. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p. 199-232</p> <p>WEBER, M. <i>A ética protestante e o espírito do capitalismo</i>. São Paulo: Cia das Letras, 2004.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>MARX, K. <i>O 18 Brumário de Luis Bonaparte</i>. São Paulo: Boitempo, 2011.</p> <p>MARX, K. Mercadoria e dinheiro. In, _____. O Capital, livro I, Vol. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 53-70</p> <p>DURKHEIM, E. E MAUSS, M. Nota sobre a noção de civilização. In, MAUSS, M. Ensaio de sociologia. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 469-474.</p> <p>DURKHEIM, E. Solidariedade mecânica ou por</p>
--	--	----------------------------	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>similitude; A solidariedade devida à divisão do trabalho ou orgânica. In, _____. <i>Da divisão do trabalho social</i>, São Paulo: Martins Fontes, 2010.</p> <p>WEBER, M. Classe, estamento, partido. In, _____. <i>Ensaio de Sociologia</i>. Rio de Janeiro: LTC, 2010, p.126-137.</p>
Etnologia Indígena	60 h	<p>Apresentar os principais temas da etnologia das terras baixas da América do Sul: um quadro arqueológico, histórico, linguístico e geográfico dos povos indígenas dessa região. Desenvolver diferentes unidades temáticas como a organização social, a cosmologia, a mitologia, o xamanismo, a arte, a política e</p>	<p>BÁSICA</p> <p>CLASTRES, Pierre. “A sociedade contra o Estado”. In.: <i>A sociedade contra o Estado</i>, São Paulo: Cosac Naify, 2003.</p> <p>FAUSTO, Carlos. Os índios antes do Brasil. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000.</p> <p>VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem”. In.: <i>A Inconstância da Alma Selvagem – e outros ensaios de antropologia</i>. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.</p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

		a questão do contato.	COMPLEMENTAR URBAN, Greg. “A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas”. In.: CUNHA, Manuela C. da (Org.). História dos Índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, FAPESP, 1992. CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. “O futuro da questão indígena”. In.: <i>Cultura com Aspas</i> , São Paulo: Cosac Naify, p. 259-274, 2009. OLIVEIRA, João Pacheco de. “Uma Etnologia dos “Índios Misturados”? Situação Colonial, Territorialização e Fluxos Culturais”. <i>Mana</i> Vol.4, N.1,1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93131998000100003&script=sci_arttext SZTUTMAN, Renato. <i>O profeta e o principal: a ação política ameríndia e seus personagens</i> . São Paulo:
--	--	-----------------------	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			Edusp, 2012. VIVEIROS DE CASTRO, E. “No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é”. In.: RICARDO, Fany (Ed.). <i>Povos indígenas no Brasil: 2001-2005</i> . São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006. Disponível em: http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/No_Brasil_todo_mundo_%C3%A9_%C3%ADndio.o.pdf
5º Período (Antropologia)			
Métodos Quantitativos e Qualitativos	60 h	Potencialidades e limites de métodos qualitativos e quantitativos de análise social. Técnicas de coleta e interpretação de dados.	BÁSICA BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. IN, FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína (orgs.). Usos e abusos da história oral . Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>MATTAR, João. <i>Metodologia científica na era da informática</i>. São Paulo: Saraiva, 2008.</p> <p>ECO, Humberto. <i>Como se faz uma tese</i>. 23ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>ALVES, Rubem. O senso comum e a ciência (I e II). In, _____. <i>Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras</i>. São Paulo: Edições Loyola, 2012, p. 9-38.</p> <p>DUBAR, Claude. «Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos». <i>Educação & Sociedade</i>, n. 62, 1998, pp. 13-30. [disponível em www.scielo.org]</p> <p>DURKHEIM, Èmile. <i>O suicídio</i>. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.</p> <p>GOFFMAN, Erving. <i>Manicômios, prisões e conventos</i>.</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			São Paulo: Perspectiva, 1996. LOPEZ, Juan. RBCS #27. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_27/rbcs27_04.htm
Teoria Antropológica III	60h	Fundamentos teóricos e procedimentos analíticos da Escola Sociológica Francesa e do Estruturalismo, a partir da leitura e discussão das obras de Émile Durkheim, Marcel Mauss e Claude Lévi-Strauss.	BÁSICA DURKHEIM, Emile & MAUSS, Marcel – “Algumas formas primitivas de classificação”. In.: Marcel Mauss, <i>Ensaio de Sociologia</i> . São Paulo: Editora Perspectiva, 2009. MAUSS, Marcel. <i>Ensaio sobre a dádiva Forma e razão da troca nas sociedades primitivas</i> . In. <i>Sociologia e antropologia</i> , São Paulo: Cosac Naify, 2003. LÉVI-STRAUSS, Claude. <i>O Pensamento Selvagem</i> . Campinas-SP: Papyrus, 1997. COMPLEMENTAR DURKHEIM, E. <i>As formas elementares da vida religiosa</i> .



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>São Paulo: Martins Fontes, 2003.</p> <p>LEVI-STRAUSS, Claude. “A análise estrutural em linguística e antropologia”. <i>Antropologia Estrutural. Vol. 1.</i> São Paulo: Cosac Naify, 2008.</p> <p>LEVI-STRAUSS, Claude. “O campo da antropologia”. <i>Antropologia Estrutural. Vol. 2.</i> São Paulo: Cosac Naify, 2013.</p> <p>LÉVI-STRAUSS, Claude. <i>O totemismo hoje.</i> Lisboa: Edições 70, 1986.</p> <p>LÉVI-STRAUSS, Claude. <i>Tristes trópicos.</i> São Paulo: Companhia das Letras, 1999.</p>
Teoria Sociológica II		Teorias da ação social e abordagens centradas nas noções de indivíduo, representações e práticas sociais. Teorias do signo, símbolo e significado.	<p>BÁSICA</p> <p>BERGER, P, LUCKMANN, T. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2006.</p> <p>ELIAS, Norbert. A Sociedade dos Indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.</p> <p>GIDDENS, Antony. A constituição da sociedade. São</p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

		Indivíduos plurais e trajetórias sociais. Sociedades em rede e movimentos sociais.	Paulo: Martins Fontes, 2003. COMPLEMENTAR BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. BOURDIEU, Pierre. Os usos sociais da ciência. Por uma sociologia clínica do campo científico . São Paulo, Ed UNESP, 2004. <u>FREITAG, Barbara</u> . Teoria Crítica Ontem e hoje . Brasília: Ed. Brasiliense, 2004. GOFFMAN, Ervin. A representação do eu na vida cotidiana . Petrópolis: Vozes, 2006. LAHIRE, Bernard. <i>O Homem plural: os determinismos da ação</i> . Petropolis, Vozes, 2002.
6º Período (Antropologia)			
Narrativas Etnográficas	60 h	Críticas ao método etnográfico.	BÁSICA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

		<p>Subjetividade e alteridade na produção do conhecimento antropológico. Dimensões e implicações políticas do método etnográfico. Leitura, produção e análise de narrativas etnográficas em diferentes suportes.</p>	<p>GEERTZ, C. <i>Obras e vidas: o antropólogo como autor</i>. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.</p> <p>CLIFFORD, James. Poder e diálogo na etnografia: a iniciação de Marcel Griaule. In: GONÇALVES, J.R.S. (org.) <i>A experiência etnográfica. Antropologia e Literatura no século XX</i>. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998a.</p> <p>CLIFFORD, James. Trabalho de campo, reciprocidade e elaboração de textos etnográficos: o caso de Maurice Leenhardt. In: GONÇALVES, J.R.S. (org.) <i>A experiência etnográfica. Antropologia e Literatura no século XX</i>. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998b.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>MINTZ, S. Encontrando Taso, me descobrindo. <i>Dados: revista de Ciências Sociais</i>, Rio de Janeiro, vol.27, nº1, 1984.</p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>CRAPANZANO, V. Diálogo. <i>Anuário Antropológico</i> 88. Brasília: Universidade de Brasília, 1991.</p> <p>GONÇALVES, Marco Antônio. Firth e os Tikopia: a etnografia como experiência. <i>Novos Estudos</i>, n. 57, 2000.</p> <p>GALLOIS, Dominique T.; CARELLI, Vincent. Vídeo e diálogo cultural – experiência do projeto vídeo nas aldeias. In: ECKERC, Cornélia e GODOLPHIM, Nuno (orgs). <i>Horizontes Antropológicos 2 – Antropologia visual</i>. Porto Alegre, EdUFRGS, ano 1, n. 2, jul/set. 1995.</p> <p>MAGNI, Claudia Turra. O uso da fotografia na pesquisa sobre habitantes da rua. In: ECKERC, Cornélia e GODOLPHIM, Nuno (orgs). <i>Horizontes Antropológicos 2 – Antropologia visual</i>. Porto Alegre, EdUFRGS, ano 1, n. 2, jul/set. 1995.</p>
Antropologia no Brasil	60 h	Contextualização da produção	BÁSICA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

		<p>antropológica e história do pensamento antropológico no Brasil. As influências estrangeiras. Temas de investigação e perspectivas teóricas ao longo dos tempos. A produção antropológica no Brasil e suas relações com a cultura, a política e a história: teorias, ideias e explicações.</p>	<p>SCHWARCZ, Lilia. O espetáculo das raças. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.</p> <p>TRAJANO Filho, Wilson & RIBEIRO, Gustavo Lins. <i>O Campo da Antropologia no Brasil</i>. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria/ABA, 2004.</p> <p>CORREA, Mariza. Traficantes do simbólico & outros ensaios sobre a história da Antropologia. Editora da Unicamp, 2013.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>RODRIGUES, N. Os Africanos no Brasil. São Paulo, Ed. Madras, 2008. Ou [on line. São Paulo. Companhia</p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>Editora Nacional, 2ª Ed.1935. Série V. Brasileira. Coleção Brasileira Eletrônica] http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/2/Os-africanos-no-Brasil</p> <p>MELATTI, Julio C. A Antropologia no Brasil: Um Roteiro. Universidade de Brasília: Brasília, 2007. [online]: http://www.juliomelatti.pro.br/artigos/a-roteiro.pdf</p> <p>PEIRANO, Mariza. A Alteridade em Contexto: A Antropologia como Ciência Social no Brasil. Série Antropologia. 255. Brasília, 1999. [online] http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie255empdf.pdf</p> <p>FERNANDES, Florestan. A Investigação etnológica no</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>Brasil e outros ensaios. 2ª Ed. rev. São Paulo: Global, 2009.</p> <p>SALZANO, Francisco. Antropologia no Brasil. É a interdisciplinaridade possível? <i>Amazônica</i> 1 (1): 12-27, 2009. [on line] http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/articloe/viewFile/133/221</p>
Teoria Antropológica IV	60 h	Estudar os questionamentos de algumas polaridades clássicas das ciências humanas (e da época moderna) que imperaram até finais do século XX (natureza/cultura; cultura/sociedade; primitivo/civilizado etc.), as	<p>BÁSICA</p> <p>GOLDMAN, Marcio. “O Fim da Antropologia”. <i>Novos Estudos CEBRAP</i>,89:195-211. março de 2011.</p> <p>CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Conhecimento, “Cultura” e Cultura. In.: <i>Cultura com Aspas: e outros ensaios</i>, São Paulo: Cosac Naify, p. 260-311, 2009.</p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

		<p>reflexões teórico- metodológicas e as renovações etnográficas decorrentes de tais questionamentos.</p>	<p>WAGNER, Roy. “A cultura como criatividade” e “O poder da invenção”. In: <i>A invenção da cultura</i>. São Paulo: Cosac Naify, 2010.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>GEERTZ, Clifford. <i>A Interpretação das Culturas</i>. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.</p> <p>LATOUR, Bruno. <i>Jamais fomos modernos – Ensaio de Antropologia Simétrica</i>. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.</p> <p>VELHO, Otavio. De Bateson a Ingold: Passos na Constituição de um Paradigma Ecológico. <i>MANA</i> 7(2):133-140, 2001</p> <p>VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O conceito de sociedade em antropologia. In.: <i>A inconstância da alma selvagem – e outros ensaios de antropologia</i>. São Paulo: Cosac Naify, 2002.</p>
--	--	---	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			MARRAS, Stelio. . Recintos de Laboratório, Evolução Darwiniana e Magia da Obliteração Reflexões em Antropologia da Ciência e da Modernidade. Ilha - Revista de Antropologia, v. 15, p. 7-33, 2014.
7º Período (Antropologia)			
Redação de Textos Técnico-Científicos	60 h	Noções básicas de linguagem e expressão textual na prática acadêmica. Elaboração de textos científicos: projeto, relatório, comunicação, artigo e monografia. Normas da ABNT.	BÁSICA BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos . Petrópolis: Vozes, 2007, p. 171-220. ECO, Umberto. <i>Como se faz uma Tese</i> . 10 ed. São Paulo; Perspectiva, 1993. FAULSTICH, Enilde L. de J. Como ler, entender e redigir um Texto . 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>COMPLEMENTAR</p> <p>HABERMANN, Josiane Conceição. As normas da ABNT em trabalhos acadêmicos, TCC, dissertação e tese. São Paulo: Globus, 2009.</p> <p>MORIN, Edgar. <i>Os sete saberes necessários à educação do futuro.</i> 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011.</p> <p>OLIVEIRA, Jorge Leite de. <i>Texto acadêmico: técnicas de redação e de pesquisa científica.</i> 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.</p> <p>SA, Elisabeth Schneider de. <i>Manual de Normalização – trabalhos técnicos, científicos e culturais.</i> 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.</p> <p>MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). <i>Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.</i> Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.</p>
8º	Período		



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

(Antropologia)			
Seminário TCC	60 h	Construção do objeto de pesquisa. Revisão bibliográfica e teórico-metodológica; Elaboração do projeto de pesquisa para a monografia de final de curso (TCC).	<p>BÁSICA</p> <p>SIMMEL, George. Questões Fundamentais da Sociologia. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.</p> <p>BOURDIEU, Pierre; CHAMBBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. Segunda Parte – A construção do objeto. In: _____. <i>Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia</i>. Petrópolis, Vozes, 2004.</p> <p>LENOIR, Remi. Objeto sociológico e problema social. In: CHAMPAGNE, Patrick <i>et alii</i>. <i>Iniciação à prática sociológica</i>. Petrópolis: Vozes, 1998. P. 59-106</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>BOTTOMORE, Tom B. Introdução à Sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.</p> <p>MANN, Peter H. <i>Métodos de investigação sociológica</i>.</p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>Petrópolis, Zahar, 1970.</p> <p>SANTOS, Antonio Raimundo dos. Metodologia Científica: A Construção do Conhecimento. 6 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.</p> <p>LAHIRE, Bernard. <i>Homem plural: os determinantes da ação</i>. Petrópolis: Vozes, 2002.</p> <p>DEBERT, Guita. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In, CARDOSO, Ruth. <i>A aventura antropológica. Teoria e pesquisa</i>. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 141-156.</p>
9º Período (Antropologia)			
TCC	120h	Elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso. Disciplina com flexibilização bibliográfica, escolhida pelo	BÁSICA ECO, Umberto. <i>Como se faz uma Tese</i> . 10 ed. São Paulo; Perspectiva, 1993. OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>GIL, Antonio Carlos. Como elaborar um projeto de Pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2009.</p> <p>OLIVEIRA, Jorge Leite de. <i>Texto Acadêmico: Técnicas de redação e de Pesquisa Científica</i>. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.</p> <p>SEVERINO, Antonio Joaquim. <i>Metodologia do trabalho científico</i>. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2008.</p> <p>VAN VELSEN, J. A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado. In, FELDMAN-BIANCO (org). <i>Antropologia da sociedade contemporânea. Métodos</i>. São Paulo: Global, 1987, p. 345-374.</p>
DISCIPLINAS OPTATIVAS ANTROPOLOGIA			
Antropologia da Arte	60 h	Arte, estética e poética nas ciências humanas. A arte em	BÁSICA GEERTZ, Clifford. A arte como um sistema cultural.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

		<p>suas múltiplas expressões: música, artes plásticas, artesanato, arte primitiva. Mundos artísticos e não artísticos.</p>	<p>In: _____ <i>O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa</i>. p. 142-181. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.</p> <p>LAGROU, E. Antropologia e arte: uma relação de amor e ódio. In <i>Ilha</i>. Revista de Antropologia. Vol. 5, n.2. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 2005. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/15360</p> <p>LÉVI-STRAUSS. <i>Olhar, escutar, ler</i>, São Paulo: Companhia das Letras, 1997.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>LATOUR, Bruno. O que é iconoclash? Ou, há um mundo além das guerras de imagem. In: <i>Horizontes Antropológicos</i>. Antropologia e Arte. Porto Alegre, Ed.UFRGS, ano 14, nº. 29, jan/jun. 2008.</p> <p>DISPONÍVEL EM:</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000100006</p> <p>LÉVI-STRAUSS, Claude. “O desdobramento da representação nas artes da Ásia e da América”. In.: <i>Antropologia Estrutural. Vol. 1.</i> São Paulo: Cosac Naify, 2008.</p> <p>VIDAL, Lux Boelitz. <i>Grafismo Indígena, Estudos De Antropologia Estética.</i> São Paulo: Studio Nobel, Fapesp, Edusp. 1992.</p> <p>VAN VELTHEM, L. <i>O belo é a fera. A estética da produção e da predação entre os Wayana.</i> Lisboa: Assírio e Alvim; Museu Nacional de Etnologia, 2003.</p> <p>COLI, Jorge. <i>O que é arte.</i> São Paulo: Brasiliense, 1995.</p>
Antropologia da Performance	60 h	Antropologia e teatro. Antropologia e o drama. Antropologia e performance.	<p>BÁSICA</p> <p>MAUSS, Marcel. Técnicas do corpo. In: _____. <i>Sociologia e Antropologia.</i> São Paulo: Cosac &</p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>Naify, 2003: pp 399-422.</p> <p>VAN GENNEP, A. Os ritos de passagem. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.</p> <p>LAGROU, E. O riso grotesco e o riso festivo: narrativas e performances kaxinawa. In: CAVALCANTI, M.L. & GONÇALVES, R.S. (Orgs.). <i>As festas e os dias: ritos e sociabilidades festivas</i>. Rio de Janeiro: Contra Capa,</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>PEIRANO, M. “Temas ou Teorias? O estatuto das noções de ritual e de performance”. <i>Campos</i> 7(2):9-16, 2006.</p> <p>Disponível online: http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/viewFile/7321/5248</p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>LE BRETON, David. <i>A sociologia do corpo</i>. Petropolis, Vozes, 2011.</p> <p>TURNER, Victor. <i>Dramas, Campos e Metáforas</i>. Niterói: Eduff, 2008.</p> <p>SILVA, Rubens Alves da. Entre “Artes” e “Ciências”: A Noção de Performance e Drama no Campo das Ciências Sociais. <i>Horizontes Antropológicos</i>, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 35-65, jul./dez. 2005. [online] http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n24/a03v1124.pdf</p> <p>DAWSEY, John C.. O teatro dos “boias-frias”: Repensando a Antropologia da Performance. [on line] <i>Horizontes Antropológicos</i>, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 15-34, jul./dez. 2005.</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

Antropologia da Saúde e da Doença	60 h	Diferentes concepções de saúde e doença, bem como diferentes sistemas terapêuticos.	<p>BÁSICA</p> <p>FOUCAULT, Michel. A História da Loucura na Idade Clássica. São Paulo, Perspectiva, 1997.</p> <p>EVANS-PRITCHARD, E. E. <i>Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande</i>. Rio de Janeiro: Zahar. 2005.</p> <p>BARATA, R. & BRICENO-LÉON, R. (orgs.). <i>Doenças endêmicas: abordagens sociais, culturais e comportamentais</i>. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.</p> <p>Disponível em: http://books.scielo.org/id/45vyc</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>ALVES, P.C. & RABELO, M.C. (orgs.). <i>Antropologia da saúde: traçando identidade e explorando fronteiras</i>. Rio de Janeiro: Fiocruz/Relume-Dumará, 1998.</p> <p>Disponível em: http://books.scielo.org/id/by55h.</p> <p>MINAYO, M.C. & COMIBRA JR, C. (orgs.). <i>Críticas e atuantes: Ciências Sociais e Humanas em Saúde na</i></p>
-----------------------------------	------	---	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. Disponível em: http://books.scielo.org/id/w5p4j.</p> <p>LE BRETON, David. Medicina e medicinas: de uma concepção do corpo a concepções do homem. In:_____. <i>Antropologia do corpo e modernidade</i>. Petrópolis, Vozes, 2011: pp. 277-307</p> <p>DUARTE, Luiz Fernando e LEAL, Ondina Fachel. <i>Doença, sofrimento, perturbação: perspectivas etnográficas</i>. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998. Disponível em: http://books.scielo.org/id/yw42p.</p> <p>FOUCAULT, M. 1979. A política da saúde no Século XVIII. In <i>Microfísica do Poder</i> Rio de Janeiro: Graal, 1979.</p>
Antropologia do Desenvolvimento	60 h	Diferentes noções de desenvolvimento e seus	BÁSICA BIELSCHOWSKY, Ricardo (org). <i>Cinqüenta anos de</i>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

		<p>adjetivos. Tensões entre diferentes perspectivas de desenvolvimento.</p>	<p><i>pensamento na CEPAL</i>. Rio de Janeiro, Ed. Record, 2000.</p> <p>FERNANDES, Marciolina e GUERRA, Lemuel (orgs). <i>Contra-discurso do desenvolvimento sustentável - 2. ed. rev.</i> – Belém, UNAMAZ, UFPA/NAEA, 2006.</p> <p>SOUZA LIMA, Antônio Carlos; BARROSO-HOFFMANN, Maria. Etnodesenvolvimento e políticas públicas. Contra Capa Ed. e LACED, 2002.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>BAINES, Stephen. “Antropologia do desenvolvimento e a questão das sociedades indígenas”, <i>Anthropológicas</i>. Ano 8, 15(2), 2004: pp. 29-46.</p> <p>CARNEIRO DA CUNHA, Maria Manuela. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. In: <i>Cultura com aspas</i>, Cosac Naify, 2009</p> <p>CASTRO, Edna; PINTON Florence. (orgs.). (orgs.). <i>Faces</i></p>
--	--	---	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>do Trópico Úmido: conceitos e novas questões sobre desenvolvimento e meio ambiente. Belém: Cejup-UFPA-NAEA, 1997.</p> <p>DIEGUES, Antonio Carlos. <i>Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos</i>. São Paulo, Hucitec, 2000.</p> <p>NEVES, Delma Pessanha (org). <i>Desenvolvimento social e mediadores políticos</i>. Porto Alegre, EDUFRGS, 2008.</p>
Antropologia e Oralidade	60 h	Conceitos e técnicas de usos da história oral, em Antropologia. Noções de indivíduo e biografia. Relações entre história, memória, lembrança e esquecimento.	<p>BÁSICA</p> <p>PEREIRA DE QUEIROZ, M.I. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In von simson, o. (org.) <i>Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)</i>. São Paulo: Vértice, 1988 (Enciclopédia aberta de ciências sociais; v.5).</p> <p>AMADO, Janaína & Ferreira Marieta de Moraes. <i>Usos e abusos da história oral</i>. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 5ª edição, 2002.</p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>ZUMTHOR, Paul. <i>A letra e a voz</i>. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: <i>Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura</i>. São Paulo, Brasiliense, vol. 1, 1993.</p> <p>NOGUEIRA, Oracy. A 'história-de-vida' como técnica de pesquisa. <i>Separata da Revista Sociologia</i>, vol.XIV, nº1, São Paulo, 1952.</p> <p>BURKE, P. A Invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista. <i>Estudos históricos</i>, Rio de Janeiro, 1997.</p> <p>PEREIRA, L.M.L. <i>Relatos orais em ciências sociais: limites e potencial</i>. Análise & Conjuntura., Belo Horizonte, v.6, nº 3 set/dez. 1991.</p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>LANGDON, Ester Jean. A fixação da narrativa: do mito para a poética de literatura. In: <i>Horizontes Antropológicos. Cultura oral e narrativas</i>. Porto Alegre, EdUFRGS, ano 5, nº 12, dez. 1999.</p> <p>MALUF, Sônia Weidner. Antropologia, narrativas e a busca de sentido. In: <i>Horizontes Antropológicos. Cultura oral e narrativas</i>. Porto Alegre, EdUFRGS, ano 5, nº 12, dez. 1999.</p>
Antropologia Econômica	60 h	Construção do pensamento antropológico aplicado aos fatos econômicos em sociedades capitalistas e não-capitalistas. Substantivismo e formalismo. Racionalidade econômica e racionalidade social. Formas de mercado e marginalidade da econômica	<p>BÁSICA</p> <p>GODELIER, Maurice. A Antropologia Econômica. In: COPANS, Jean <i>et all.</i> <i>Antropologia: ciências das sociedades primitivas?</i> São Paulo, Ed. 70, 1971: pp. 219-305.</p> <p>MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: _____. <i>Sociologia e Antropologia</i>. São Paulo: Cosac & Naify, 2003: pp. 185-314.</p> <p>WEBER, Max. <i>A ética protestante e o espírito do</i></p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

		<p>mercantil. Sistema de trocas monetárias e não-monetárias. Economias de prestígio e sociedades de abundância.</p>	<p><i>capitalismo</i>. São Paulo, Ed. Pioneira, 1999.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. <i>O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo</i>. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.</p> <p>GODELIER, Maurice. <i>O enigma do dom</i>. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.</p> <p>GODELIER, M. <i>Racionalidade e irracionalidade na Economia</i>. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda., s.d.</p> <p>CARVALHO, Edgard A. (org.) <i>Antropologia Econômica</i>. Rio de Janeiro: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.</p> <p>SÁ, Lais Mourão. Introdução. In:_____. <i>O pãp da terra: propriedade comunal e campesinato livre na Baixada Ocidental maranhense</i>. São Luís, EdUFMA,</p>
--	--	---	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			2007: pp. 29-50.
Antropologia Jurídica	60 h	Visão introdutória sobre a história da Antropologia e Visão introdutória sobre a história da Antropologia e as noções de cultura e direito na Antropologia. Antropologia como instrumento de compreensão do fenômeno jurídico. Relativismo, tolerância e respeito com o diferente.	BÁSICA HELM, Cecília Maria Vieira. A Etnografia, a Perícia e o Laudo Antropológico nos Processos Judiciais. <i>Revista Direitos Fundamentais e Democracia</i> - UNIBRASIL, Curitiba, Volume Temático 9, 2010, p. 08-21. Disponível on line: www.revistaeletronicardfd.unibrasil.com.br BOURDIEU, Pierre. A força do direito. Elementos para uma sociologia do campo jurídico. In: _____. <i>O Poder Simbólico</i> . Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998. SACCO, Rodolfo. <i>Antropologia Jurídica: contribuição para uma macro-história do direito</i> . São Paulo: Martins Fontes, 2013 COMPLEMENTAR ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Os quilombolas: o



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>direito étnico à terra. <i>Boletim Orçamento e Política Socioambiental</i> – INESC. Ano IV, N 13, Junho de 2005. Disponível on line: http://www.inesc.org.br/biblioteca/publicacoes/boletins/boletim-orcamento-politica-socioambiental/boletim-no-13</p> <p>CLASTRES, Pierre. <i>A Sociedade Contra o Estado</i>. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.</p> <p>DAMATTA, Roberto. Você sabe com quem está falando? Um ensaio sobre a distinção entre indivíduos e pessoa no Brasil. In: _____. <i>Carnavais malandros e heróis</i>. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.</p> <p>LIMA, Roberto Kant de (org). <i>Antropologia e Direitos Humanos 2</i>. Niterói, EdUFF, 2001. Disponível em : http://www.abant.org.br/conteudo/livros/direitos%20humanos%202[1].pdf</p> <p>PAULINO, Gustavo Smizmaul. <i>Antropologia Jurídica</i>. 2</p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			ed. Saraiva Editora2011.
Antropologia na Amazônia	60 h	Representações sobre a Amazônia. Temas principais abordados nos estudos antropológicos realizados na Amazônia. Especificidades da composição sociocultural. Influência de políticas governamentais na formação social da Amazônia. Campos de atuação do antropólogo na Amazônia.	BÁSICA ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita (Org.). <i>Pacificando o branco: cosmologias do contato no Norte-Amazônico</i> . São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, p. 239-274. GALVÃO, Eduardo. <i>Santos e Visagens: Um estudo da Vida Religiosa de Itá, Baixo Amazonas</i> . 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional (Col. Brasiliana, 284), [1952]1976. GONDIM, Neide. <i>A invenção da Amazônia</i> . São Paulo: Marco Zero, 1994. COMPLEMENTAR BOYER, Veronique. O pajé e o caboclo. [on line] Mana , Rio de Janeiro, 5(1), 1999, p. 29-56. CUNHA, Euclides da. <i>Amazônia: um paraíso perdido</i> . Manaus, Valer/EdUFAM, 2003.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>HARRIS, Mark. Presente Ambivalente: Uma Maneira Amazônica de estar no Tempo. In: ADAM, C.; MURRIETA, R.; NEVES, W. (Orgs.). <i>Sociedades Caboclas Amazônicas: Modernidade e Invisibilidade</i>. São Paulo: Annablume, 2006, p. 81-108.</p> <p>WAGNER, Alfredo. A reconfiguração das agroestratégias: novo capítulo da guerra ecológica. In: <i>Terras e Territórios na Amazônia: Demandas, Desafios e Perspectivas</i>. Sérgio Sauer e Wellington Almeida. (Orgs.). Brasília: Editora UnB. 2011.</p> <p>ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. <i>Antropologia dos "arquivos" da Amazônia</i>. Rio de Janeiro, Casa 8/FUA, 2008.</p>
Antropologia Política	60 h	Construção do pensamento antropológico aplicado ao campo do político.	BÁSICA BALANDIER, Georges. <i>Antropologia Política</i> . São Paulo, EdUSP, 1969.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

		<p>Compreender os fundamentos de diferentes formas de organização política produzidas e reproduzidas por diferentes sociedades, em diversos contextos sociais e históricos.</p>	<p>KRADER, Lawrance. <i>A Formação do Estado</i>. Curso de Antropologia Moderna. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1970.</p> <p>BOURDIEU, Pierre. Representação política. Elementos para uma sociologia do campo político. In: _____. <i>O Poder Simbólico</i>. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>CLASTRES, Pierre. <i>A Sociedade Contra o Estado</i>. São Paulo, Cosac Naify, 2003.</p> <p>FOUCAULT, Michel. <i>Microfísica do Poder</i>. São Paulo, Ed. Graal, 2007.(23ª Edição)</p> <p>LEACH, Edmund R. <i>Sistemas Políticos da Alta Birmânia</i>. São Paulo, EdUSP, 1996.</p> <p>WEBER, Max. Los tipos de dominación. In: _____. <i>Economía e Sociedad. Esbozo de sociología</i></p>
--	--	---	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p><i>compreensiva</i>. México, FCE, 1964.</p> <p>BOURDIEU, Pierre. A delegação e o fetichismo político. In: _____. <i>Coisas ditas</i>. São Paulo, Brasileiense, 2004.</p>
Gênero, Política e Sexualidade	60 h	Conceitos e categorias importantes na análise Antropológica tais como: diversidade cultural, os marcadores sociais da diferença, etnocentrismo, questões de gênero, sexualidade, corpo e racismo. As principais teorias feministas. Hegemonia e relações de gênero. Mudanças históricas e culturais nos papéis sexuais. Gênero, sexualidade e	<p>BÁSICA</p> <p>BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo: Vol. I e II. Editora Nova Fronteira, 2009.</p> <p>LAQUEUR, Thomas. Inventando o Sexo: Corpo e Gênero dos Gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.</p> <p>FOUCAULT, Michel. <i>História da sexualidade I: a vontade de saber</i>. Graal, 2001.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>FRY, Peter e MacRAE, Edward. O que é homossexualidade. São Paulo: Brasiliense, 1983.</p> <p>HOOKS, Bell. Intelectuais negras. Estudos feministas, v.</p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

		identidade. As esferas pública e privada nas relações de gênero.	3, n. 2, p. 464, 2008. (Disponível Online) SEGATO, Rita Laura. Os percursos do gênero na antropologia e para além dela. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 1998. (Disponível Online) GONZALEZ, Lelia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Ciências sociais hoje , v. 2, p. 223-245, 1983. (Disponível Online) HARAWAY, Donna. Saberes localizados. Cadernos Pagu , v. 5, p. 7-41, 1995. (Disponível Online)
Antropologia Urbana	60 h	O fenômeno urbano na investigação	BÁSICA MAGNANI, José G. C. A Antropologia urbana e os



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

		<p>socioantropológica; fundamentos teóricos de pesquisa nas sociedades complexas</p>	<p>desafios da metrópole. <i>Revista Tempo Social [on line]</i>. Vol. 15, n. 1, pp.81-95. São Paulo: USP, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ts/v15n1/v15n1a05.pdf</p> <p>PARK, R. “A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano” in Otávio Velho(org.), O fenômeno urbano. RJ: Zahar, 1967.</p> <p>CANCLINI, Nestor G. Culturas híbridas, poderes oblíquos. In _____. <i>Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade</i>. Buenos Aires: Paidós, 2005, pp. 259-318.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>BECKER, H. A escola de Chicago. <i>Mana</i>, 2[2], 1996, pp.177-188. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1996. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/mana/v2n2/v2n2a08.pdf</p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>MAGNANI, JOSÉ G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. <i>Revista Brasileira de Ciências Sociais</i>, vol. 19, n. 49. São Paulo, 2002. Disponível em: http://n-a-u.org/novo/wp-content/uploads/2011/11/de_perto_de_dentro.pdf.</p> <p>SIMMEL, g. As grandes cidades e a vida do espírito. In <i>Mana</i>, 11(2): 577-597, 2005 (www.scielo.br)</p> <p>VELHO, G. Antropologia urbana: encontro de tradições e novas perspectivas. <i>Sociologia, problemas e práticas</i>. N. 59, 2009, pp. 11-18. Disponível em: http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n59/n59a02.pdf</p> <p>CASTRO, Edna. Urbanização, pluralidade e singularidade das cidades amazônicas. In, _____ (org.). <i>Cidades na Floresta</i>. São Paulo: Anablume, 2008, pp. 11-40.</p>
Antropologia Visual	60 h	Explorar potenciais de articulação entre a produção de conhecimento antropológico,	BÁSICA SAMAIN, Etienne. 1998. Um retorno à Câmara Clara: Roland Barthes e a Antropologia Visual. In: SAMAIN,



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

		<p>por meio da etnografia em especial, com outras formas de produção de conhecimento e representação da realidade por meio da visualidade. Explorar relações da Antropologia com a fotografia e outras mídias.</p>	<p>E. (Org.). <i>O Fotográfico</i>. São Paulo: Hucitec. P. 121-134.</p> <p>CAIUBY NOVAES, Sylvia. “Imagem e Ciências Sociais: Trajetória de uma relação difícil”. In.: <i>Imagem-Conhecimento. Antropologia, Cinema e outros diálogos</i>. Andréa Barbosa, Edgar Teodoro da Cunha e Rose Satiko Gitinara Hikiji (orgs.). Papyrus Editora, 2009.</p> <p>BIANCO-FELDMAN, B. & LEITE, M. M (org.). <i>Desafios da Imagem. Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais</i>. Campinas: Papyrus, 1988.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>ANDRADE, Rosane de. <i>Fotografia e Antropologia – Olhares Fora-dentro</i>. São Paulo: Estação Liberdade. EDUC. 2002.</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>SHOHAT, Ella; STAM, Robert . <i>Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação</i>. São Paulo (SP): Cosacnaify, 2006.</p> <p>FABRIS, Annateresa. 2004. <i>Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico</i>. Belo Horizonte. UFMG.</p> <p>MARESCA, Sylvain. 1998. Olhares cruzados. Ensaio comparativo entre as abordagens fotográfica e etnográfica. In: SAMAIN, Etienne. <i>O Fotográfico</i>. São Paulo. Hucitec. P. 135-168.</p> <p>KOSSOY, Boris. 1998. Fotografia e Memória: reconstrução por meio da fotografia. In: SAMAIN, Etienne. <i>O Fotográfico</i>. São Paulo. Hucitec. P. 41-48.</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

Cinema e Antropologia	60	Explorar os problemas envolvidos em algumas definições do cinema documentário: a fronteira entre ficção e documentário, realidade e representação. Reconstruir a história do cinema documentário e seus principais estilos narrativos. Reconhecer e estabelecer relações entre o cinema e a antropologia.	BÁSICA NICHOLS, Bill. <i>Introdução ao documentário</i> . Campinas, Papyrus, 2005. GONÇALVES, Marco Antonio. <i>O real imaginado – etnografia, cinema e surrealismo em Jean Rouch</i> . Rio de Janeiro: Top books, 2008. COMOLLI, Jean-Louis. <i>Ver e Poder. A inocência perdida: cinema, ficção, televisão, documentário</i> . Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. COMPLEMENTAR DA-RIN, Silvio. <i>Espelho Partido – Tradição e Transformação do Documentário</i> . Rio de Janeiro, Azougue Editorial, 2004. BERNARDET, Jean-Claude. <i>Cineastas e Imagens do Povo</i> . São Paulo: Cia das Letras, 2003.
-----------------------	----	---	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>FREIRE, Marcius & LOURDOU, Philippe (org.). <i>Descrever o visível. Cinema documentário e Antropologia Fílmica</i>. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2009.</p> <p>QUEIROZ, Ruben. “Cineastas indígenas e pensamento selvagem”. <i>Revista Devires – Cinema e Humanidades</i>. Vol. 5, n. 2, jul/dez, 2008.</p> <p>FRANCE, Claudine. <i>Cinema e antropologia</i>. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1998.</p>
Cultura Popular e Sociabilidades	60 h	Conceito de cultura popular: histórico, debates, revisões. Dinâmicas de produção cultural popular. Circularidade da cultura popular. Culturas populares e redes de sociabilidade em jogos, festas, procissões, etc..	<p>BÁSICA</p> <p>CHARTIER, R. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. <i>Estudos Históricos</i>, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995, p. 179-192.</p> <p>BURKE, P. <i>Cultura popular na Idade Moderna</i>. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.</p> <p>BAKHTIN, M. <i>A cultura popular na Idade Média e no Renascimento</i>. O contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Edunb, 1993.</p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>COMPLEMENTAR</p> <p>MAGNANI, José Guilherme C.. <i>Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na Cidade</i>. São Paulo: Brasiliense, 1984.</p> <p>THOMPSON, Edward Palmer. Patrícios e plebeus. In: <i>Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional</i>. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 13-85; 25-85.</p> <p>CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. <i>Reconhecimentos: Antropologia, folclore e cultura popular</i>. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2012. p. 72-147</p> <p>CANCLINI, Nestor García. <i>Culturas híbridas</i>. São Paulo: EDUSP, 2006.</p> <p>CARVALHO, José Jorge de. “‘Espetacularização’ e ‘canibalização’ das culturas populares na América</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			Latina”. <i>Revista Antropológicas</i> . 2010, vol.21 (1): pp. 39-76. (Disponível Online)
Educação Indígena	60 h	Analisar a constituição da proposta de educação diferenciada como um direito dos grupos indígenas no Brasil. Investigar e problematizar os discursos produzidos pelos representantes indígenas sobre suas próprias culturas nos contextos formais de escolarização indígena.	BÁSICA GRUPIONI, Luís D. B. <i>Olhar longe, porque o futuro é longe: cultura, escola e professores indígenas no Brasil</i> . Tese (Doutorado em Antropologia Social) – da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. [online] http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-24082009-170851/pt-br.php LOPES DA SILVA, Aracy e LEAL FERREIRA, Mariana Kawall (org.). <i>Antropologia, História e Educação – a questão indígena e a escola</i> . São Paulo: Global, Mari/USP e Fapesp, 2001. KAHN, Marina e FRANCHETTO, Bruna. “Educação indígena no Brasil: conquistas e desafios”. In.: <i>Em</i>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

aberto, Brasília, ano 14, n. 63, jul/set. 1994. [online]:
[emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/issue/view/
70](http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/issue/view/70)

COMPLEMENTAR

SILVA, Márcio F. “A conquista da escola: educação escolar e movimento de professores indígenas no Brasil”. In.: *Em aberto*, Brasília, ano 14, n. 63, jul/set. 1994. Disponível em:
[emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/issue/view/
70](http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/issue/view/70)

GIANINI, Isabelle V. “Educação indígena e o manejo socioeconômico dos recursos florestais: a experiência xikrin”. In.: *Em aberto*, Brasília, ano 14, n. 63, jul/set. 1994. Disponível em:
[emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/issue/view/
70](http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/issue/view/70)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>GRUBER, Jussara G. “As extensões do olhar: a arte na formação de professores ticuna”. In.: <i>Em aberto</i>, Brasília, ano 14, n. 63, jul/set. 1994. Disponível em: emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/issue/view/70</p> <p>MELIÁ, Bartolomeu. “Educação Indígena na Escola”. In.: <i>Cadernos Cedes</i>, ano XIX, n. 49, Dezembro/1999. [on line] www.scielo.br/pdf/cedes/v19n49/a02v1949.pdf</p> <p>MONTE, Nietta Lindemberg. “Entre o silêncio em língua portuguesa e a página branca da escrita indígena”. In.: <i>Em aberto</i>, Brasília, ano 14, n. 63, jul/set. 1994. [on line] emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/issue/view/70</p>
Espaço Urbano na Amazônia	60 h	História e realidade atual da estrutura urbana na Amazônia.	BÁSICA ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; SANTOS,



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

		<p>Compreensão teórica do urbano na Amazônia e das suas perspectivas.</p>	<p>Glademir Sales dos (Org.). Estigmatização e Território: mapeamento situacional dos indígenas em Manaus. Manaus: Editora UFAM/Projeto Nova Cartografia da Amazônia, 2008.</p> <p>VICENTINI, Yara. Cidade e história na Amazônia. Curitiba: Editora UFPR, 2004.</p> <p>BECKER, B. K. A Especificidade do Urbano na Amazônia: Desafios para políticas Públicas Conseqüentes. Estudo elaborado para a Secretaria de Coordenação dos Assuntos da Amazônia. Legal - Ministério do Meio Ambiente. Rio de Janeiro, Ministério do Meio Ambiente. 1998, 60 p.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>CASTELLS, Manuel. A questão urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.</p> <p>COELHO, Maria Célia. Cidades da Amazônia em busca</p>
--	--	---	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>de novas interpretações e de novos rumos. In: CORRÊA, Roberto Lobato. A periodização da rede urbana da Amazônia. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v. 4, n.3, p. 39-68, jul./set. 1987.</p> <p>OLIVEIRA, José Ademir. Tempo e espaço urbano na Amazônia no período da borracha. Scripta Nova – Revista Eletrônica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona, Vol. X, num. 218 (35), 1 de agosto de 2006.</p> <p>MARTINE, G; TURCHI, L. A Questão da Urbanização na Amazônia: Realidade e Significado. In: Ciência e Tecnologia no Processo de Desenvolvimento da Região Amazônica. Brasília: SCT/DR; CNPq; CEST, 1990 (Série Estudo para Planejamento em Ciência e Tecnologia).</p> <p>SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. São Paulo: EDUSP, 2005.</p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

Estudos Afro-Brasileiro I	60 h	A problemática racial subjacente à reflexão teórico-metodológica sobre os afrodescendentes. Os debates nos estudos afro-brasileiros. Introdução à geografia e história do continente africano, examinando a diversidade de formas de organização social, política, econômica e cultural, no período anterior à penetração européia. A instituição da escravidão no contexto do Atlântico Negro. Os sistemas de dominação colonial e as políticas	BÁSICA UNESCO, História Geral da África. Vol. IV. A África do século XII ao século XVI. Coordenador D. T. Niane. São Paulo, Ática, 1988. (Disponível on line) RAMOS, Arthur. As culturas negras no novo mundo. Civilização brasileira, s/a., 1937. BÂ, AMADOU Hampate. A tradição viva. História geral da África , v. 1, p. 181-218, 1982. (Disponível Online) COMPLEMENTAR BELLUCCI, Beluce (Coord.). <i>Introdução à História da África e da Cultura Afro-brasileira.</i> Rio de Janeiro: UCAM / CCBB, 2003. M'BOKOLO. <i>África Negra. História e Civilizações, Tomo I:</i> Salvador, São Paulo: EDUFBA, Casa das
------------------------------	------	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

		identitárias na contemporaneidade africana pós-colonial.	Áfricas, 2009. (Disponível Online) M'BOKOLO. , <i>África Negra. História e Civilizações, Tomo II</i> : Salvador, São Paulo: EDUFBA, Casa das Áfricas, 2010. (Disponível Online) BELTRAN, Luis. O Islã, a cultura e a língua árabes na África negra? Afro-Ásia n. 8-9,1969. (Disponível Online) VERGER, Pierre. Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benim e a Bahia de Todos os Santos. Dos séculos XVII ao XIX. São Paulo, Corrupio, 1987.
Estudos Afro-Brasileiros II	60 h	Pensamento social sobre o negro no Brasil - primeira metade do Século XX: raça, cultura, miscigenação e seus desdobramentos.	BÁSICA FLORESTAN, Fernandes. <i>A Integração do negro na sociedade de classes. (1964). Volumes I</i> . Rio de Janeiro: Globo Editora, 2010. FREIRE, Gilberto. <i>Casa grande & senzala</i> . 51ª edição. São Paulo: Global, 2006.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>HOLANDA, Sérgio Buarque. <i>Raízes do Brasil</i> (1936). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. <i>Tempo Social, Revista de Sociologia da USP</i>, vol. 19, n. 1, 2006, pp. 287-308. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ts/v19n1/a15v19n1.pdf</p> <p>CUNHA, Manuela Carneiro da. <i>Negros, estrangeiros. Os escravos libertos e sua volta à África</i>. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.</p> <p>DOSSIÊ: Ensino da História da África e da Cultura Afro-brasileira. <i>Revista História Hoje</i>, vol. 1, nº 1: Agosto de 2011 a Julho de 2013. ANPUH – Brasil, junho de 2012. [Disponível em PDF: http://rhhj.anpuh.org/ojs/index.php/RHHJ/index</p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

] FLORESTAN, Fernandes. O problema do negro na sociedade de classes. In, _____. <i>A Integração do negro na sociedade de classes. (1964). Volumes II.</i> Rio de Janeiro: Globo Editora, 2010, pp. 415-576. PRADO JR, Caio. <i>Formação do Brasil contemporâneo: colônia.</i> São Paulo: Cia das Letras, 2011.
Estudos do Ritual e Simbolismo	60 h	Abordagens simbólicas e semióticas da cultura. Os ritos em seus múltiplos planos e seu simbolismo.	BÁSICA TURNER, Victor. <i>Dramas, campos e metáforas. Ação simbólica na sociedade humana.</i> Niterói, EdUFF, 2008. VAN GENNEP, A. <i>Os ritos de passagem.</i> Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1977. DOUGLAS, M. <i>Pureza e Perigo.</i> São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976. COMPLEMENTAR



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>LÉVI-STRAUSS, C. <i>Antropologia Estrutural 2</i>. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.</p> <p>SAHLINS, M. <i>Cultura e Razão Prática</i>. Rio de Janeiro: Zahar</p> <p>BATESON, Gregory. <i>Naven: Um Exame dos Problemas Sugeridos por um Retrato Compósito da Cultura de uma Tribo da Nova Guiné, Desenhado a Partir de Três Perspectivas</i>. São Paulo, EdUSP,</p> <p>MAUÉS, R. H. <i>Medicinas populares e “pajelança cabocla” na amazônia</i>. In: <i>Saúde e Doença, um Olhar Antropológico</i> (P. C. Alves & M. C. S. Minayo, orgs.). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994.</p> <p>DA MATTA. <i>Ensaio de Antropologia Estrutural</i>. Petrópolis: Ed. Vozes, 1977.</p>
Antropologia da Religião	60 h	Enfoques teóricos para o estudo de discursos e práticas religiosas; religião e magia;	BÁSICA DURKHEIM, Émile. <i>As formas elementares da vida religiosa</i> . São Paulo: Martins Fontes, 2002.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

		<p>debates contemporâneos da antropologia aplicados à compreensão da religião.</p>	<p>GEERTZ, C. A religião como sistema cultural. In <i>A interpretação das culturas</i>. Rio de Janeiro: LTC, 2012</p> <p>WEBER, M. <i>A ética protestante e o espírito do capitalismo</i>. São Paulo: Cia das Letras, 2004.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>GEERTZ, Clifford. “O beliscão do destino: A religião como experiência, sentido, identidade e poder”. In _____. <i>Nova Luz sobre a Antropologia</i>. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.</p> <p>GEERTZ, C. Ethos: visão do mundo e a análise de símbolos sagrados. In, _____. <i>A interpretação das culturas</i>. Rio de Janeiro: LTC, 2012.</p> <p>HUBERT, H e MAUSS, M. <i>Sobre a natureza e a função do sacrifício</i>. In, MAUSS, M. <i>Ensaio de Sociologia</i>. São Paulo: Perspectiva, 2009, pp. 141-228.</p> <p>MAYR, Lucy. O que é religião?. In, _____. <i>Introdução à</i></p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p><i>Antropologia Social</i>. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984, pp. 199-218.</p> <p>WEBER, M. Religião. In, _____. <i>Ensaio de Sociologia</i>. Rio de Janeiro: LTC, 2010, pp. 189-252.</p>
Indivíduo, Cultura e Sociedade.	60 h	A noção ocidental de indivíduo. Relações entre indivíduo e sociedade. Dimensões biológicas e culturais da individualidade.	<p>BÁSICA</p> <p>DUMONT, L. <i>Homo hierarchicus: o sistema das castas e suas implicações</i>. São Paulo: EDUSP, 2000.</p> <p>MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. Cosac Naify Edições, 2003.</p> <p>DURKHEIM, Emílie. <i>Da divisão do trabalho social</i>. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>ELIAS, Norbert. <i>Introdução à Sociologia</i>. Lisboa / Portugal, Edições 70, 2005.</p> <p>FISCHER, Michael. <i>Futuros antropológicos: redefinindo a cultura da era digital</i>. Rio de Janeiro. 2011.</p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>VELHO, G. <i>Individualismo e cultura</i>: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.</p> <p>AUGÉ, Marc. <i>Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade</i>. Campinas, Papyrus, 2012.</p> <p>SAHLINS, Marshall. Experiência individual e ordem cultural. In: _____. <i>Cultura na prática</i>. Rio de Janeiro, EdUFRJ, 2004.</p>
Memória Social	60 h	Memória e estudos sociais Memória individual e coletiva. Relações entre memória e identidade, trabalho, geração e direitos culturais contemporâneos.	<p>BÁSICA</p> <p>HALBWACHS, Maurice. <i>A memória coletiva</i>. São Paulo: Vértice, 1990.</p> <p>BOSI, Ecléa. <i>Memória e sociedade</i>: lembranças de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1999.</p> <p>YATES, F. <i>A arte da memória</i>. Campinas, Ed. UNICAMP, 2007.</p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>COMPLEMENTAR</p> <p>POLLAK, Michael. Memória e identidade social. <i>Estudos Históricos</i>, Rio de Janeiro, 1992, p. 200-212.</p> <p>LINS DE BARROS, Miriam. Moraes. Memória e família. <i>Estudos históricos</i>, Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, 1989, p. 29-42.</p> <p>GINZBURG, C. <i>O queijo e os vermes</i>. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.</p> <p>JEUDY, Henri-Pierre. Memórias do social. . Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1990.</p> <p>FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). <i>Usos e Abusos da História Oral</i>. RJ, Fundação Getúlio Vargas, 1996</p>
Perspectivismo Ameríndio	60 h	Examinar a fortuna crítica do conceito de "perspectivismo" proposto em 1996 por T. Stolze	<p>BÁSICA</p> <p>LIMA, Tania Stolze. "O dois e seu múltiplo: reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia tupi".</p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

		<p>Lima e E. Viveiros de Castro para caracterizar as ontologias ameríndias e a influência exercida por ele sobre uma parcela ponderável da etnografia americanista, bem como da teoria antropológica geral.</p>	<p>Mana, vol. 6/2, 1996. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93131996000200002&script=sci_arttext</p> <p>VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio”. Mana, Vol. 2, N. 2, outubro de 1996, p. 115-144. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200005</p> <p>VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “Imanência do inimigo” In.: A Inconstância da Alma Selvagem - e Outros Ensaios de Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>LIMA, T. S. <i>Um peixe olhou para mim: o povo Yudjá e a perspectiva</i>. São Paulo: Edunesp/NuTI/ISA, 2005.</p>
--	--	---	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>BONILLA, O. (2005). O bom patrão e o inimigo voraz: predação e comércio na cosmologia paumari. <i>Mana</i>, 11(1), 41-66. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132005000100002</p> <p>CARNEIRO DA CUNHA, M. (1998). Pontos de vista sobre a floresta amazônica: xamanismo e tradução. <i>Mana</i>, 4(1), 7-22. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131998000100001</p> <p>DESCOLA, P. (1998). Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. <i>Mana</i>, 4(1), 23-45. , 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93131998000100002&script=sci_arttext</p> <p>FAUSTO, Carlos. “Banquete de gente: comensalidade e canibalismo na Amazônia”. <i>Mana</i>, 8 (2), p. 7-44,</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			2002. Disponível online: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132002000200001&script=sci_arttext
Mitologia Ameríndia	60 h	Estudar a mitologia indígena americana tal como Lévi-Strauss a apresenta nas <i>Mitológicas</i> .	BÁSICA LÉVI-STRAUSS, Claude. “A estrutura dos mitos”. Antropologia Estrutural. Vol. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2008. LÉVI-STRAUSS, Claude. “A gesta de Asdiwal”. In <i>Antropologia Estrutural</i> . Vol. 2, São Paulo: Cosac Naify, 2013. LÉVI-STRAUSS, Claude. <i>O cru e o cozido. Mitológicas 1</i> . São Paulo: Cosac Naify, 2004. COMPLEMENTAR ERIBON, Didier e LÉVI-STRAUSS, Claude. <i>De perto e de Longe</i> . São Paulo: Cosac Naify, 2005. LÉVI-STRAUSS, Claude. <i>História de Lince</i> . São Paulo:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>Cia das Letras, 1993.</p> <p>LÉVI-STRAUSS, Claude. <i>Do mel às cinzas. Mitológicas</i> 2. São Paulo: Cosac Naify, 2005.</p> <p>LÉVI-STRAUSS, Claude. <i>A origem das maneiras à mesa. Mitológicas</i> 3. São Paulo: Cosac Naify, 2006.</p> <p>LÉVI-STRAUSS, Claude. <i>O homem nu. Mitológicas</i> 4. São Paulo: Cosac Naify, 2011.</p>
Museus, Coleções e Conhecimentos	60 h	Patrimônio material. Museu como produtor de conhecimento. Curadoria e narrativas expográficas.	<p>BÁSICA</p> <p>GONÇALVES, J.R. <i>Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios</i>. Rio de Janeiro: Garamond; MINC/IPHAN/DEMU, 2007.</p> <p>ABREU, R., CHAGAS, M. & SANTOS, M.S. <i>Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas</i>. Rio de Janeiro: Garamond; MINC/IPHAN/DEMU, 2007.</p> <p>ANDERSON, Benedict R. "Censo, Mapa, Museu". In:</p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>COSTA, L.M. <i>De museologia, arte e políticas de patrimônio</i>. Rio de Janeiro: IPHAN, 2002.</p> <p>BENSA, Alban. “O antropólogo e o arquiteto: a construção do Centro Cultural Tjibaou”. In: Benoit de l’Estoile, Federico Neiburg e Lygia Sigaud (orgs). <i>Antropologia, Impérios e Estados Nacionais</i>. Rio de Janeiro: Relume Dumará:FAPERJ, 2002.</p> <p>APPADURAI, Arjun (Org.). <i>A vida social das coisas. As mercadorias sob uma perspectiva cultural</i>. Niterói, RJ: EDUFF, 2008.</p> <p>MEGIANI, Ana Paula Torres. <i>Memória e conhecimento do mundo: coleções de objetos, impressos e</i></p>
--	--	--	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>manuscritos nas livrarias de Portugal e Espanha, séculos XV-XVII. <i>Anais do Museu Paulista</i>. [online]. São Paulo. N. Sér. v.17. n.1. p. 155-171. jan.- jun. 2009</p> <p>DESCOLA, Philippe. “Genealogia de objetos e antropologia da objetivação”. Horizontes Antropológicos. [online]. 2002, vol.8, n.18</p>
Organização Social e Parentesco	60 h	Conhecer questões básicas do parentesco enquanto via de acesso para o entendimento de outros elementos da vida social. Conhecer abordagens clássicas e contemporâneas de problemas como aliança, descendência, residência, gênero, modelos híbridos e o parentesco frente às novas	<p>BÁSICA</p> <p>LÉVI-STRAUSS, C. “Reflexão sobre o átomo de parentesco”. In. <i>Antropologia Estrutural. Vol. 2</i>, São Paulo: Cosac Naify, 2013.</p> <p>RADCLIFFE-BROWN, A. “O irmão da mãe na África do Sul”, In. <i>Estrutura e função na sociedade primitiva</i>. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.</p> <p>VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “Atualização e contra-efetuação do virtual: o processo do parentesco”. In.: <i>A inconstância da alma selvagem – e</i></p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

		tecnologias de reprodução da vida.	<p><i>outros ensaios antropológicos</i>. São Paulo: Cosac Naify, 2002.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>EVANS-PRITCHARD, E. E. “O Sistema de Linhagens”. In: <i>Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota</i>. São Paulo, SP: Perspectiva, 2005. 201-256p.</p> <p>LÉVI-STRAUSS, C. <i>As Estruturas Elementares do Parentesco</i>. Petrópolis, Vozes, 1976.</p> <p>LÉVI-STRAUSS, C. “As organizações dualistas existem?” In. <i>Antropologia Estrutural, Vol. 1</i>, São Paulo: Cosac Naify, 2008.</p> <p>GOW, Peter. “Parentesco como consciência humana: o caso dos piro”. In <i>Mana</i> 3 (2): 39-65, 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pi</p>
--	--	------------------------------------	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p><u>d=S0104-93131997000200002</u></p> <p>STRATHERN, Marilyn. Necessidade de Pais, Necessidade de Mães In: <i>Revista Estudos Feministas</i> V.3 N.2 . Rio de Janeiro, UERJ/UFRJ, 1995.p. 303 –329. [on line]: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16443</p>
Patrimônio Cultural	60 h	O campo político-institucional do patrimônio, instrumentos de pesquisa, documentação e ação.	<p>BÁSICA</p> <p>GONÇALVES, J.R. <i>A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil</i>. Rio de Janeiro: Garamond: MINC/IPHAN/DEMU, 2007.</p> <p>HOBBSAWN, E. & RANGER, T. (orgs.) <i>A invenção das tradições</i>. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.</p> <p>LIMA FILHO, M. ECKERT, C; BELTRÃO, J. (Orgs.). <i>Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos</i>. Blumenau: Nova Letra, 2007.</p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>COMPLEMENTAR</p> <p>CANCLINI, N.G. O patrimônio cultural e a construção do imaginário nacional. In: <i>Revista do Iphan</i>, n.23, 1994.</p> <p>CARNEIRO DA CUNHA, M. (org.) <i>Patrimônio imaterial e biodiversidade</i>. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no. 32/2005. (Disponível Online)</p> <p>TEIXEIRA, João Gabriel; GARCIA, Marcus V.C., GUSMÃO, Rita. Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização. Brasília: ICS-UnB, 2004.</p> <p>SOUZA FILHO, B.; ANDRADE, M.P. Patrimônio imaterial de quilombolas: limites da metodologia de inventário de referências culturais. <i>Horizontes Antropológicos</i> [online]. 2012, vol.18, n.38, pp. 75-99.</p> <p>FUNARI, P.P.A. Patrimônio histórico e cultural. Rio de</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			Janeiro: Zahar, 2006.
Políticas Afirmativas e Direitos Humanos	60 h	Políticas de ação afirmativa como estratégias de fazer valer os Direitos Humanos de diferentes indivíduos e grupos sociais.	<p>BÁSICA</p> <p>BOBBIO, Norberto. Era dos direitos. Elsevier Brasil, 2004.</p> <p>GOMES, Joaquim Benedito Barbosa. Ação afirmativa e princípio constitucional da igualdade: o direito como instrumento de transformação social: a experiência dos EUA. Renovar, 2001.</p> <p>KANT DE LIMA, R. <i>Antropologia e direitos humanos</i>. Vol. 2. Niterói: EdUFF, 2003.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>DE CARVALHO, José Jorge. Inclusão étnica e racial no Brasil: a questão das cotas no ensino superior. Attar Editorial, 2005.</p> <p>FERES, João; ZONINSEIN, Jonas (Org.). Ação Afirmativa e universidade: experiências nacionais</p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>comparadas. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.</p> <p>NOVAES, R.R. & KANT DE LIMA, R. <i>Antropologia e direitos humanos</i>. Niterói: EdUFF, 2001. (Disponível on line)</p> <p>PEREIRA, Amílcar Araújo; MONTEIRO, Ana Maria (Org.). <i>Ensino de História e Culturas Afro-brasileiras e indígenas</i>. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.</p> <p>SANTOS, Renato; LOBATO, Fátima (Org.). <i>Ações Afirmativas: Políticas públicas contra as desigualdades raciais</i>. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.</p>
Povos e Comunidades Tradicionais	60 h	Os diferentes processos sociais que possibilitaram a constituição dos povos e comunidades tradicionais. Princípios que orientam as	BÁSICA ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. <i>Terras de Quilombo, Terras Indígenas, “Babaçuais Livres”, “Castanhais do Povo”, Faxinais e Fundos de Pasto: Terras tradicionalmente ocupadas</i> . 2 ed. Manaus,



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

		<p>relações que povos e comunidades tradicionais mantêm entre si, com o território, com a natureza e com a sociedade envolvente.</p>	<p>PPGSA-UFAM, 2008.</p> <p>DIEGUES, A. C. <i>O mito moderno da natureza intocada</i>. São Paulo: EDUSP, 1994.</p> <p>HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs). <i>A Invenção das Tradições</i>. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>ALMEIDA, Mauro W. Barbosa de. “Direitos à Floresta e Ambientalismo: seringueiros e suas lutas”, <i>RBCS</i>. 55 (19): 33-53, 2004. Disponível on line .</p> <p>BAINES, Stephen. “Antropologia do desenvolvimento e a questão das sociedades indígenas”. In: <i>Anthropológicas</i>. Ano 8, 15(2), 2004: p. 29-46.</p> <p>BARRETO FILHO, Henyo. Populações Tradicionais: Introdução à Crítica da Ecologia Política de uma Noção. In: ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui;</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>NEVES, Walter (Orgs.). <i>Sociedades Caboclas Amazônicas: Modernidade e Invisibilidade</i>. São Paulo: Annablume, 2006. p. 109-143.</p> <p>SOUZA LIMA, Antônio Carlos de & BARRETO FILHO, Henyo Trindade (Orgs.). <i>Antropologia e Identificação: os antropólogos e a definição de terras indígenas no Brasil, 1977-2002</i>. Rio de Janeiro, Contra Capa/Laced/CNPq/ FAPERJ/IEEB, 2005.</p> <p>ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Universalização e localismo: movimentos sociais e crise dos padrões tradicionais de relação política na Amazônia. In: <i>Quilombos e as novas etnias</i>. Manaus: UEA Edições, 2011, p. 15-33.</p>
Relações Interétnicas	60 h	As noções de Raça e de Etnia. Diversidade étnico-cultural, diferença social, contatos interétnicos, discriminação,	BÁSICA CUNHA, M. C. Etnicidade: da cultura residual mais irreduzível. In: <i>Cultura com Aspas e outros ensaios</i> . São Paulo: Cosac Naify, 2009.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

		racismo e mecanismos de afirmação étnico-racial.	<p>BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In._____. <i>O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas</i>. (organização de Tomke Lask). Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria; 2000.</p> <p>BARTOLOMÉ, Miguel A. “As etnogêneses: velhos atores e novos papéis no cenário cultural e político”. [on line]. <i>Mana</i>, 12 (1): 39-68, 2006.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. Os obstáculos ao estudo do Contato. “O nosso Governo”. Os Ticuna e o Regime Tutelar. São Paulo: Marco Zero; Brasília: MCT/CNPq, 1988.</p> <p>POUTIGNAT, Philippe. O domínio da etnicidade: as questões-chave. In: Teorias da etnicidade, seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>Paulo: UNESP, 1998.</p> <p>SEYFERTH, Giralda. "A assimilação dos imigrantes como questão nacional". [on line]. <i>Mana</i>, v. 3, nº 1, 1997.</p> <p>MALDONADO-TORRES, Nelson. "Pensamento crítico desde a subalteridade: os Estudos Étnicos como ciências descoloniais ou para a transformação das humanidades e das ciências sociais no século XXI". [on line]. <i>Afro-Ásia</i>, 34, 2006, pp.105-129.</p> <p>HANNERZ, Ulf . Fluxos, Fronteiras, Híbridos: Palavras-Chave da Antropologia Transnacional. [on line]. <i>MANA</i> 3 (1):7-39, 1997.</p>
Sociedades Camponesas	60 h	A constituição e reprodução do campesinato no Brasil.	BÁSICA WOLF, Eric. <i>Sociedades Camponesas</i> . Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1970.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. <i>O campesinato brasileiro</i>. Petrópolis, Vozes, 1976.</p> <p>CHAYANOV, Alexander V. - Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. GRAZIANO DA SILVA, José e STOLCKE, Verena - <i>A questão agrária</i>. São Paulo, Editora Brasiliense, 1981: 133-146.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>MANDRAS, Henri. <i>Sociedades Camponesas</i>. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1978.</p> <p>LAMARCHE, Hugues - Introdução geral. <i>A agricultura familiar</i>. Campinas, Editora da UNICAMP, 1993:13-33.</p> <p>GARCIA JR, Afrânio R. e HEREDIA, Beatriz Alasia de. Trabalho familiar e campesinato. In: <i>América Latina</i>, ano 14, nº ½, jan-jun. 1971, Rio de Janeiro.</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>NEVES, Delma Pessanha. Agricultura familiar: questões metodológicas. <i>Reforma Agrária</i> Nº2 e 3, Vol. 25, mai-dez 1995. Campinas, Revista da ABRA:21-36</p> <p>BERNO DE ALMEIDA, Alfredo Wagner. Terras de Preto, Terras de Santo, terras de Índio: uso comum e conflito. In: _____. <i>Terras de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livres”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto: Terras tradicionalmente ocupadas</i>. Manaus, PPGSCA-UFAM, 2008, pp 133-178.</p>
Sociedades Indígenas na Amazônia	60 h	História e situação atual dos povos indígenas na Amazônia, mostrando a sua cosmovisão, a sociodiversidade e suas organizações e lutas políticas	BÁSICA ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita (Org.). <i>Pacificando o branco: cosmologias do contato no Norte amazônico</i> . São Paulo: Editora UNESP, Imprensa Oficial do Estado, 2002.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

		hoje.	<p>MOREIRA NETO, Carlos A. Índios da Amazônia: de maioria a minoria (1750-1850). Petrópolis: Vozes, 1988.</p> <p>VILAÇA, Aparecida. Quem Somos Nós: Os Wari' encontram os brancos. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>DESCOLA, Philippe. “Estrutura ou Sentimento: A Relação com o Animal na Amazônia”. [on line]. Mana, 4:1, 1998, p. 23-45.</p> <p>ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; SANTOS, Glademir Sales dos (Org.). Estigmatização e Território: mapeamento situacional dos indígenas em Manaus. Manaus: Editora UFAM/Projeto Nova Cartografia da Amazônia, 2008.</p> <p>OVERING, J. “Elogio do Cotidiano: A Confiança e a Arte</p>
--	--	-------	--



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>da Vida Social em uma Comunidade Amazônica”, Mana, 5:1, 1999, p. 81-107.</p> <p>VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). <i>Amazônia: Etnologia e História indígena</i>. São Paulo: NHII/USP/FAPESP, 1993.</p> <p>LOEBENS, Guenter Francisco; NEVES, Lino João de Oliveira (Org.). <i>Povos indígenas isolados na Amazônia: a luta pela sobrevivência</i>. Manaus: EDUA, 2011.</p>
Território e Identidade	60 h	Relação entre identidade e território. Formas sociais de produção e reprodução de identidade e de apropriação do território.	BÁSICA BARTH, Frederik. <i>O guru, o iniciador e outras variações antropológicas</i> . Rio de Janeiro, Contra Capa, 2000. BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: <i>O poder simbólico</i> . Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998, pp. 107-132.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>WEBER, Max. Relações comunitárias étnicas. In: WEBER, Max. <i>Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva</i>, vol. I. Brasília, EdUNB, pp. 267-277.</p> <p>Complementar</p> <p>ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Terras tradicionalmente ocupadas: processos de territorialização, movimentos sociais e uso comum. In:_____. <i>Terras de Quilombo, Terras Indígenas, “Babaçuais Livres”, “Castanhais do Povo”, Faxinais e Fundos de Pasto: Terras tradicionalmente ocupadas</i>. Manaus, PGSCA-UFAM, 2008, pp. 25-131.</p> <p>CARDOSO DE OLIVEIRA, Luis Roberto. <i>Caminhos da identidade: ensaios sobre multiculturalismo</i>. São Paulo, EdUNESP, 2006.</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>O'DWYER, Eliane Cantarino (org). <i>Quilombos: identidade étnica e territorialidade</i>. Rio de Janeiro, FGV/ABA, 2002.</p> <p>ARRUTI, José Maurício. <i>Mocambo. Antropologia e História do processo de formação quilombola</i>. Bauru, EdUSC, 2006.</p> <p>TEISSERENC, Pierre. Ambientalização e territorialização: situando o debate no contexto da Amazônia brasileira. In: <i>Antropolítica</i>. Nº 29, 2º sem. 2010, (n.1, 2. Sem.1995) Niterói, EdUFF, 2011.</p>
Antropologia e História	60 h	Explorar a interface entre a Antropologia e a História. Abordagens, conceitos e concepções, debates e temas. Processos e Estruturas, Diacronia e Sincronia.	<p>Básica</p> <p>LÉVI-STRAUSS, Claude. <i>História e Etnologia in Antropologia Estrutural</i>. Cosac & Naify, São Paulo. 2008.</p> <p>SAHLINS, Marshall. <i>Ilhas de História</i>. RJ. Jorge Zahar Editor. 1990.</p> <p>GINZBURG, Carlo. <i>A micro-história e outros ensaios</i>.</p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>Lisboa, Difel, 1989.</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>TURNER, Victor. O processo ritual. RJ. Vozes. 1974.</p> <p>TAUSSIG, Michael. Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem. Um Estudo sobre o Terror e a Cura. SP: Editora Paz e Terra. 1993.</p> <p>DARTON, Robert. O grande Massacre de Gatos. RJ., Graal, 1996.</p> <p>CALAVIA SÁEZ, Oscar. O Inca Pano: Mito, História e Modelos Etnológicos. [on line] Mana, 6(2):7- 35. 2000.</p> <p>WOLF, Eric R. A Europa e os Povos Sem História. SP: Ed. da Universidade de São Paulo. 2005.</p>
Representações e	60 h	Concepções teóricas e	BÁSICA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

Categorias Sociais		diversidade de sistemas de pensamento e ação; representações individuais e coletivas; categorias sociais; categorias analíticas.	<p>DURKHEIM, E. <i>As formas elementares da vida religiosa</i>. São Paulo: Martins Fontes, 1996.</p> <p>MARX, Karl. <i>O capital</i> (Livro I, vol. I). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.</p> <p>OLIVEIRA, Roberto C. de. As categorias do entendimento na formação da Antropologia. Disponível em: http://sociofespsp.files.wordpress.com/2013/01/oliveira-roberto-cardoso-as-categorias-do-entendimento-na-formac3a7c3a3o-da-antropologia.pdf</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>BERGER, Peter, A sociedade como realidade objetiva. In <i>A construção social da realidade</i>. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.</p> <p>DURKHEIM, Émile e MAUSS, Marcel. Algumas formas primitivas de classificação. In MAUSS, M. <i>Ensaio</i></p>
--------------------	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p><i>de Sociologia</i>. São Paulo: Perspectiva, 2009.</p> <p>DURKHEIM, Èmile. Representações individuais e representações coletivas. In <i>Sociologia e filosofia</i>. Rio de Janeiro: Forense, 1970. Disponível em: http://pt.scribd.com/doc/126332329/REPRESENTACOES-individuais-e-coletivas</p> <p>VELHO, Otávio. De Bateson a Ingold: passos na constituição de um paradigma ecológico. In <i>Mana</i>. Estudos de Antropologia social. Vol. 7, n. 2, 2001. pp 133-140. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/mana/v7n2/a05v07n2.pdf</p> <p>GEERTZ, Clifford. Cultura, mente cérebro / cérebro, mente, cultura. In _____. <i>Nova Luz sobre a antropologia</i>. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. 179-190.</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS	60h	Bases teóricas da educação inclusiva. A educação Surdos no Brasil. Identidade e comunidade surda. A língua brasileira de sinais: aspectos linguísticos. Língua de Sinais e educação. Exercícios e prática de interpretação.	BÁSICA BRASIL. Decreto n.o 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n.o 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n° 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União , Brasília, DF, 23 dez. 2005, Seção 1, n. 246, p.28-30. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm BRASIL. Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica / Secretaria de Educação Especial / MEC: SEESP, 2001. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf CARVALHO, Rosita Edler. Educação inclusiva: com os



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>pingos nos “is”. Porto Alegre: Mediação, 2004</p> <p>COMPLEMENTAR</p> <p>BRASIL. Lei n.o12.319, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais -LIBRAS. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 02 set. 2010, Seção 1, n. 169, p.1. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm</p> <p>BRITO, Lucinda Ferreira. Integração social & educação de surdos. Rio de Janeiro: Babel, 1993.</p> <p>SOUZA, R. M. de (org.) Educação de surdos e língua de sinais(Número Temático). ETD: Educação Temática Digital. Campinas, v.7,n.2,2006.Disponível em: http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/issue/view/133</p>
--	--	--	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

			<p>POKER, Rosimar Bortolini. Abordagens de ensino na educação da pessoa com surdez. Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/Libras/mec_texto2.pdf</p> <p>SKLIAR, Carlos (Org.). A Surdez, um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.</p>
Relações Étnico-raciais	60h	Familiarizar os estudantes com o debate contemporâneo sobre as relações raciais e étnicas, destacando o modo como o debate sobre os processos de construção de identidades se articula com a problemática do racismo e do anti-racismo. As implicações no contexto brasileiro das políticas públicas orientadas pelas legislações de número 12.711/2012, lei n. 11.645/2008 e	<p>BÁSICA</p> <p>MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos. Autêntica, 2009.</p> <p>FANON, Frantz; DA SILVEIRA, Renato. Pele negra, máscaras brancas. EdUFBA, 2008.</p> <p>SANSONE, Livio. Um campo saturado de tensões: o estudo das relações raciais e das culturas negras no Brasil. Estudos Afro-Asiáticos, v. 24, n. 1, p. 5-14, 2002. (Disponível Online)</p> <p>COMPLEMENTAR</p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

as diretrizes curriculares para educação escolar quilombola. Oferecer uma visão geral sobre as teorias, histórias e questões políticas relativas à Diáspora Africana nas Américas.

DU BOIS, William Edward Burghardt. **The negro**. Univ. of Pennsylvania Press, 1915. (Disponível Online)

MUNANGA, Kabengele. Algumas considerações sobre "raça", ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. **Revista USP**, n. 68, p. 46-57, 2006. (Disponível Online)

FRY, Peter. **Divisões perigosas: políticas raciais no Brasil contemporâneo**. Editora Record, 2007.

RATTS, Alex; RIOS, Flavia. **Lélia Gonzalez**. Selo Negro Edições, 2010.

VERENA, Alberti; PEREIRA, Amilcar Araujo. História do Movimento Negro no Brasil. **Pallas**. Rio de Janeiro, 2007.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

- 8.2. PORTARIA Nº 141, DE 19 DE FEVEREIRO DE 2013 - Autoriza a criação e a oferta do Curso de Bacharelado em Antropologia na sede da Universidade Federal do Oeste do Pará.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
REITORIA

PORTARIA Nº 141, DE 19 DE FEVEREIRO DE 2013

Autoriza a criação e a oferta do Curso de Bacharelado em Antropologia na sede da Universidade Federal do Oeste do Pará.

O Reitor Pró-Tempore da Universidade Federal do Oeste do Pará, no uso da competência que lhe foi delegada pela Portaria nº 1.069, do Ministério de Estado da Educação (MEC), publicada no Diário Oficial da União (DOU), de 11 de novembro de 2009,

RESOLVE:

Art. 1º Fica autorizada a criação do Curso de Bacharelado em Antropologia, com autorização de 100 vagas totais anuais, a ser ofertado na sede da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA.

Art. 2º Revoga-se, a partir da presente data, quaisquer disposições em contrário.

Art. 3º Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação.

Reitoria da Universidade Federal do Oeste do Pará


José Sílvestre Lourenço
Reitor - UFOPA
Portaria nº 141/2013, de 19/02/2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

8.3. RESOLUÇÃO nº 27 DE 08 DE OUTUBRO DE 2013.